



Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação

O papel da organização do ambiente educativo na aprendizagem: um estudo em contexto de Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de estágio apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Flávia Cristina Matoso Fernandes

Orientadora:
Mestre Marta Uva

Novembro, 2021

Para o meu pai.

Agradecimentos

Agradecer é o ato de dar graças e de mostrar gratidão por algo ou por alguém. Agradecer é importante, é importante gratificar aqueles que nos fazem bem, é importante que o ser humano saiba agradecer as coisas boas, e as menos boas, porque nos trazem aprendizagens essenciais, é fundamental que se foque naquilo ou no que o levou a chegar a algum lado. Por isso, não poderia deixar de agradecer a um local e a um grupo de pessoas que esteve do meu lado, que me ajudou a tornar o meu sonho realidade e que não me abandonou perante as adversidades do percurso.

Assim, primeiramente, à que agradecer à cidade que me acolheu, a Santarém, o meu muito obrigada, pelas aprendizagens, pela experiência de viver sozinha e por me fazer crescer a nível pessoal.

De seguida, não poderia deixar de agradecer à minha família, o meu porto de abrigo, principalmente ao meu pai, a pessoa mais carinhosa, amiga e também aquela que eu tenho mais gosto de orgulhar, que celebra cada conquista comigo, por mais mínima que seja; à minha avó, a Mulher com M maiúsculo, símbolo da sua força; à minha estrela guia, que espero que esteja orgulhosa do meu percurso; à minha mãe, trabalhadora e lutadora; e aos meus irmãos, com quem experimentei tantas das coisas que fui aprendendo ao longo destes cinco anos.

Ao João, fonte de paciência e de amor. À Inês e à Andreia, a descontraída e a atrapalhada que foram sempre os meus pontos essenciais, sempre as minhas motivações prediletas, amigas de todas as horas! À Susana, a mais antiga e leal, aquela que há 20 anos me ajuda a seguir os meus sonhos e a não desistir seja do que for. A todos os outros, que se cruzaram no meu caminho e me ensinaram tanta coisa, à Márcia, à Joana, à Diana, à Tatiana Afonso, à Tatiana Mancini, à Rafaela, à Andreia Gomes e a tantas outras, o meu muito obrigada por partilharem comigo as felicidades e tristezas.

Gostaria ainda de agradecer a todos os docentes que se cruzaram no meu caminho e que me ensinaram tanto, principalmente à professora Marta Uva, orientadora de todo este relatório.

A todos, obrigada!

Resumo

O presente relatório síntese surge no âmbito da Prática Pedagógica de Ensino Supervisionada, realizada no decorrer do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e organiza-se em duas partes fundamentais. A primeira diz respeito às Práticas de Ensino Supervisionadas, descrevendo os projetos de intervenção e as aprendizagens profissionais alcançadas. A segunda parte centra-se na componente investigativa, apresentando um estudo acerca da relação entre a organização do ambiente educativo da sala e a aprendizagem. É um estudo de natureza qualitativa, decorrendo da investigação feita junto de uma educadora, dois professores e duas estudantes da formação inicial. Os dados foram recolhidos através de entrevistas semiestruturadas. A conclusão do estudo apresenta a importância do ambiente educativo da sala, mais precisamente do espaço físico, tendo em principal consideração as características do grupo de crianças e a área da sala disponível.

Palavras-chave: Organização do Ambiente Educativo da Sala; Espaço físico; Aprendizagem.

Title: The influence of the organization of the educational environment in Kindergarten and 1st Cycle of Basic Education classrooms on learning.

Abstract

This summary report comes within the scope of the Supervised Teaching Pedagogical Practice, carried out during the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education and is organized into two fundamental parts. The first concerns Supervised Teaching Practices, describing the intervention projects and the professional learning achieved. The second part focuses on the investigative component, presenting a study about the relationship between the organization of the educational environment in the classroom and learning. It is a qualitative study, arising from research carried out with educators, teachers and students in initial training. Data were collected through semi-structured interviews. The conclusion of the study shows the importance of the educational environment of the room, more precisely of the physical space, taking into account the characteristics of the group of children and the area of the room available.

Keywords: Classroom Educational Environment Organization; Physical space; Learning.

Índice

Introdução	1
PARTE I – Práticas de Ensino Supervisionada	3
1. Contextos de estágio e práticas pedagógicas	3
1.1 Creche	3
1.2 Jardim de Infância	10
1.3 1º ano do ensino básico	19
1.4 3º ano do ensino básico	25
Síntese reflexiva das Práticas de Ensino Supervisionadas	32
PARTE II – Exercício Investigativo	33
2. Fundamentação Teórica	33
2.1 Formação inicial de professores	33
2.2 Organização do ambiente Educativo	35
2.3 Organização do espaço físico	38
2.4 Influência do espaço físico na aprendizagem	42
2.5 A pandemia como reorganizadora	53
3. Metodologia	55
3.1 Opções metodológicas	55
3.2 Participantes	56
3.3 Procedimentos de recolha e análise dos dados	57
4. Apresentação e análise de resultados	61
4.1 Apresentação dos resultados	61
4.1.1 Resultado das entrevistas aos docentes	61
4.1.2 Resultado das entrevistas às estudantes em formação inicial	64
4.1.3 Cruzamentos dos dados das entrevistas	66
4.2 Síntese dos resultados	69
Referências Bibliográficas	78
PARTE III – Anexos	82
Anexo A – Guião de entrevista dos participantes	82
Anexo B - Transcrição das entrevistas	86
Anexo C - Análise das respostas de cada participante	114
Anexo D - Análise das respostas dos participantes	122

Índice de Figuras

Figura 1 - Planta da sala da PES em Creche	6
Figura 2 - Registos fotográficos da atividade "Tapete sensorial"	9
Figura 3 - Registos fotográficos da atividade "Vamos mexer na gelatina?"	10
Figura 4 - Planta da sala da PES em Jardim de Infância.	13
Figura 5 - Legenda dos elementos apresentados na planta de PES em Jardim de Infância.	14

Figura 6 - Registos fotográficos da atividade "Emocionómetro".....	18
Figura 7 - Planta da sala de PES em 1º ano do 1º CEB.....	22
Figura 8 - Legenda dos elementos apresentados na planta de PES em 1º ano do 1º CEB..	22
Figura 9 - Registos fotográficos da atividade de Organização e Tratamento de Dados.	24
Figura 10 - Registos fotográficos da atividade "Vamos construir um colar de contas!"	25
Figura 11 - Planta da sala da PES em 3º ano do 1º CEB (1).....	28
Figura 12 - Planta da sala da PES em 3º ano do 1º CEB (2).....	28
Figura 13 - Planta da sala da PES em 3º ano do 1º CEB (3).....	29
Figura 14 - Legenda dos elementos apresentados nas plantas de PES em 3º ano do 1º CEB.	29
Figura 15 - Registos fotográficos da atividade "História ao Calhas".....	31
Figura 16 - Modelo de ensino expositivo.....	49
Figura 17 - Modelo de instrução direta.	49
Figura 18 - Modelo de ensino colaborativo/cooperativo (1).	50
Figura 19 - Modelo de ensino colaborativo/cooperativo (2).	50
Figura 20 - Disposição das mesas e cadeiras em "U".	51
Figura 21 - Disposição das mesas e cadeiras em círculo.	52

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Caracterização do grupo de Creche.	4
Tabela 2 - Caracterização do grupo de Jardim de Infância.....	11
Tabela 3 - Caracterização do grupo de 1º ano do 1º CEB.	20
Tabela 4 - Caracterização do grupo de 3º ano do 1º CEB.	26
Tabela 5 - Caracterização dos participantes do estudo.....	66
Tabela 6 - Entrevista realizada a educadores/professores.	82
Tabela 7 - Entrevista realizada a colegas em formação.....	84
Tabela 8 - Análise de entrevista: entrevistado 1	114
Tabela 9 - Análise de entrevista: entrevistado 2	115
Tabela 10 - Análise de entrevista: entrevistado 3	117
Tabela 11 - Análise de entrevista: entrevistado 4	119
Tabela 12 - Análise de entrevista: entrevistado 5	120
Tabela 13 - Análise de conteúdo.	122

Índice de siglas e abreviaturas

E1	Entrevistado 1
E2	Entrevistado 2
E3	Entrevistado 3
E4	Entrevistado 4
E5	Entrevistado 5
IA	Investigação-ação
NEE	Necessidades Educativas Especiais
CEB	Ciclo do Ensino Básico
PES	Prática de Ensino Supervisionada
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação

Introdução

O presente relatório surge no âmbito da Unidade Curricular de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada, que visa apoiar os estudantes no processo de aprendizagem profissional e no desenvolvimento de um exercício investigativo. No presente trabalho serão descritas e refletidas as competências práticas e investigativas alcançadas.

Primeiramente, apresentar-se-ão as Práticas de Ensino Supervisionadas realizadas durante a formação inicial. Ao longo dos dois anos foram realizados quatro estágios, sendo esta uma componente fundamental de aprendizagem.

Desta forma, a componente de investigação do presente relatório foca-se na influência do ambiente educativo da sala, nomeadamente da organização do espaço físico, na aprendizagem. Esta problemática surgiu não só das experiências vivenciadas nos contextos de prática como, também, de uma curiosidade pessoal sobre o mesmo, na medida em que é importante que se compreendam estratégias, fatores que propiciam, ou condicionem, a atuação tanto dos profissionais como a interação com as crianças/alunos, a própria influência do mesmo para as crianças/alunos, a forma como esta está relacionada com a aprendizagem e, por fim, o modo como a pandemia influencia todo o ambiente. Investiga-se no sentido de se obter um conhecimento mais aprofundado e significativo, refletindo-se com o objetivo de existir uma melhoria na prática, para a investigadora, enquanto futura profissional na área, e para todos aqueles que se questionam sobre os pontos enunciados.

O relatório organiza-se em duas partes principais. A primeira é referente à prática pedagógica em cada um dos contextos de estágio, tendo como subseções: (1) creche; (2) jardim de infância; (3) 1º ano do ensino básico; (4) 3º ano do ensino básico; e (5) síntese reflexiva das práticas de ensino supervisionadas. Na segunda parte, é possível encontrar o trabalho de pesquisa, do qual faz parte a fundamentação teórica sustentada por quatro eixos que fundamentam a pertinência da temática: (1) formação inicial de professores; (2) organização do ambiente educativo; (3) organização do espaço físico; (4) a influência do espaço físico na aprendizagem; e (5) a pandemia como reorganizadora. Nesta parte, apresentam-se, ainda, a metodologia, onde se fundamentam as opções metodológicas, os participantes e os processos de recolha e análise de dados; e apresentação e análise dos resultados através das entrevistas realizadas a educadores, professores e futuros profissionais na área.

No final de todo o trabalho surgem as considerações finais que sintetizam os pontos principais do trabalho, evidenciam as aprendizagens obtidas através da investigação e apresentam uma reflexão relativa ao percurso formativo.

PARTE I – Práticas de Ensino Supervisionada

1. Contextos de estágio e práticas pedagógicas

1.1 Creche

Caracterização do Estabelecimento Educativo

O estágio em Creche foi realizado numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), ena cidade de Santarém. Este é um equipamento de natureza socioeducativa, vocacionado para o apoio à família e à criança, destinado a acolher crianças a partir dos três meses até aos três anos de idade.

Para o seu bom funcionamento, a instituição apresenta um conjunto de objetivos como: (1) facilitar a conciliação da vida familiar e profissional do agregado familiar; (2) colaborar com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo da criança; (3) assegurar um atendimento individual e personalizado em função das necessidades específicas da criança; (4) prevenir e despistar precocemente qualquer inadaptação, deficiência ou situação de risco, assegurando o encaminhamento mais adequado; (5) proporcionar condições para o desenvolvimento integral das crianças, num ambiente de segurança física e afetiva; (6) promover a articulação com outros serviços existentes na comunidade.

De forma a complementar os objetivos, oferecia, também, os seguintes serviços: (1) cuidados adequados à satisfação das necessidades das crianças; (2) nutrição e alimentação adequada, qualitativa e quantitativamente, à idade da criança, sem prejuízo de dietas especiais em caso de prescrição médica; (3) cuidados de higiene pessoal; (4) atendimento individualizado, de acordo com as necessidades e competências das crianças; (5) atividades pedagógicas e lúdicas, em função da idade e necessidades específicas das crianças; (6) disponibilização de informação à família sobre o funcionamento da creche e desenvolvimento da criança. Todas as informações mencionadas anteriormente estavam presentes no projeto educativo da instituição em questão.

O edifício organiza-se em dois andares, sendo que o rés do chão destinava-se ao jardim de infância e o primeiro piso à creche. Desta forma, a parte destinada ao jardim

de infância tinha capacidade para 65 crianças e estava organizada em 3 salas. A parte destinada à creche apresentava 4 salas com capacidade para acolher 54 crianças. Referindo outras áreas pode destacar-se, também, a existência de: uma sala polivalente, quatro instalações sanitárias para utilização das crianças, uma instalação sanitária para os adultos, três zonas de cabides e uma despensa por sala, três despensas para arrumos, uma copa, uma sala dos funcionários e um parque infantil no exterior.

Como recursos humanos, as respostas sociais contavam com o apoio pedagógico da diretora coordenadora, de uma técnica superior de serviço Social e um psicólogo. A nível dos recursos materiais, existem os serviços de lavandaria, cozinha, transportes de bens e pessoas, serviços administrativos e serviços de logística.

Projeto do Estabelecimento Educativo

O projeto educativo da instituição pretendia que no dia-a-dia e nas atividades desenvolvidas os direitos das crianças estivessem presentes e que as mesmas e as suas famílias se pudessem envolver em todo o processo.

Foi definido que, para este processo se concretizar, era necessário que o ambiente educativo, os espaços, os materiais e a arrumação das próprias salas respondessem às necessidades dos grupos e que fossem pensados de forma a que a criança se pudesse expressar e explorar livremente. Em relação ao projeto, estas foram as informações a que foi possível ter acesso, por motivos de erros informáticos ocorridos aquando da realização do estágio.

Caracterização do grupo

Apresenta-se, em seguida, um quadro com a constituição do grupo com quem se estabeleceu contacto durante a Prática de Ensino Supervisionada em Creche.

Tabela 1 - Caracterização do grupo de Creche.

Número de crianças	14 crianças
Idades	1 - 2 anos
Sexo	6 meninas e 8 meninos
Crianças com NEE	-

De acordo com a informação contida no quadro, percebe-se que o grupo era constituído por 14 crianças das quais 6 eram do sexo feminino e 8 do sexo masculino.

Esta era uma sala multietária na qual as crianças tinham um ou dois anos de idade sendo que a maioria frequentava a creche pela primeira vez. Era um grupo de crianças ativas, que gostavam de participar nas atividades e brincadeiras livres.

Revelavam já algumas conquistas ao nível da linguagem e ao nível motor. Ao nível do desenvolvimento cognitivo, muitas das crianças já sabiam dizer o seu nome e a maior parte dos nomes dos amigos conseguindo, ainda, formar pequenas frases para comunicar. Ao nível da autonomia, dez crianças já conseguiam comer quase sem ajuda, enquanto as restantes quatro crianças, as mais novas, precisavam de algum auxílio. Todas as crianças da sala utilizavam fralda para dormir, porém cinco delas usavam-na somente para isso, sendo que, quando acordadas, já se deslocavam à sanita.

Os principais interesses do grupo eram o gosto pela música (cantar e ouvir diversos estilos musicais), a participação em diversas atividades de expressão plástica e expressão musical, o gosto por ouvir histórias/ livros com imagens, fantoches, etc. e a participação em jogos de movimento e expressão corporal.

Caracterização do espaço da sala

A sala familiar dividia-se em dois compartimentos, um destinado à permanência das crianças e outro que servia como arrumos. No primeiro compartimento mencionado, encontravam-se diversos espaços com diferentes funcionalidades. Assim, contavam com as seguintes zonas: (1) de grande grupo, onde se distribuía o reforço da manhã (bolachas e água), se cantavam os bons dias e se realizavam algumas das atividades; (2) do fraldário, onde se encontrava o muda fraldas, prateleiras com as fraldas, toalhitas e outros produtos de higiene, devidamente identificados. Aqui havia também uma banheira e uma prateleira para arrumar os copos das crianças. Nesta zona existia também um armário, por baixo do fraldário e da banheira, que servia para guardar, de um lado, diversos materiais, como tintas, pratos de plástico, esponjas, etc, e do outro, as fraldas e toalhitas de reserva de cada criança; (3) da pista, com um tapete que representava estradas para que as crianças brinquem com os carros; (4) da casinha, composta por um fogão, uma cama e diversos objetos relacionados; (5) das construções; (6) dos colchões, utilizados, geralmente, para as crianças explorarem os livros e esperarem enquanto se colocavam e retiravam os catres; (7) da biblioteca.

O segundo compartimento servia como sala de arrumações. Lá estavam guardados diversos materiais, os catres devidamente identificados e um armário com

livros e diversos documentos, como o projeto de sala e os processos individuais de cada criança.

Fora da sala existia, ainda, uma casa de banho que servia de apoio. Neste sentido, a sala apresentava uma área ampla e com bastante luz natural, uma vez que possuía várias janelas. Considerou-se que a sala apresentava boas condições, adequadas às necessidades de cada criança, uma vez que tinha muito espaço para a exploração por parte das mesmas. Ao fundo da mesma existia uma porta direta para a sala polivalente, onde se realizavam as atividades extracurriculares da instituição, e onde as crianças brincavam livremente. Este espaço destinava-se, também, à receção e ao recolher das crianças no final do dia. Esta tinha janelas ao longo de toda a área o que permitia, também, a entrada de luz natural para a sala.

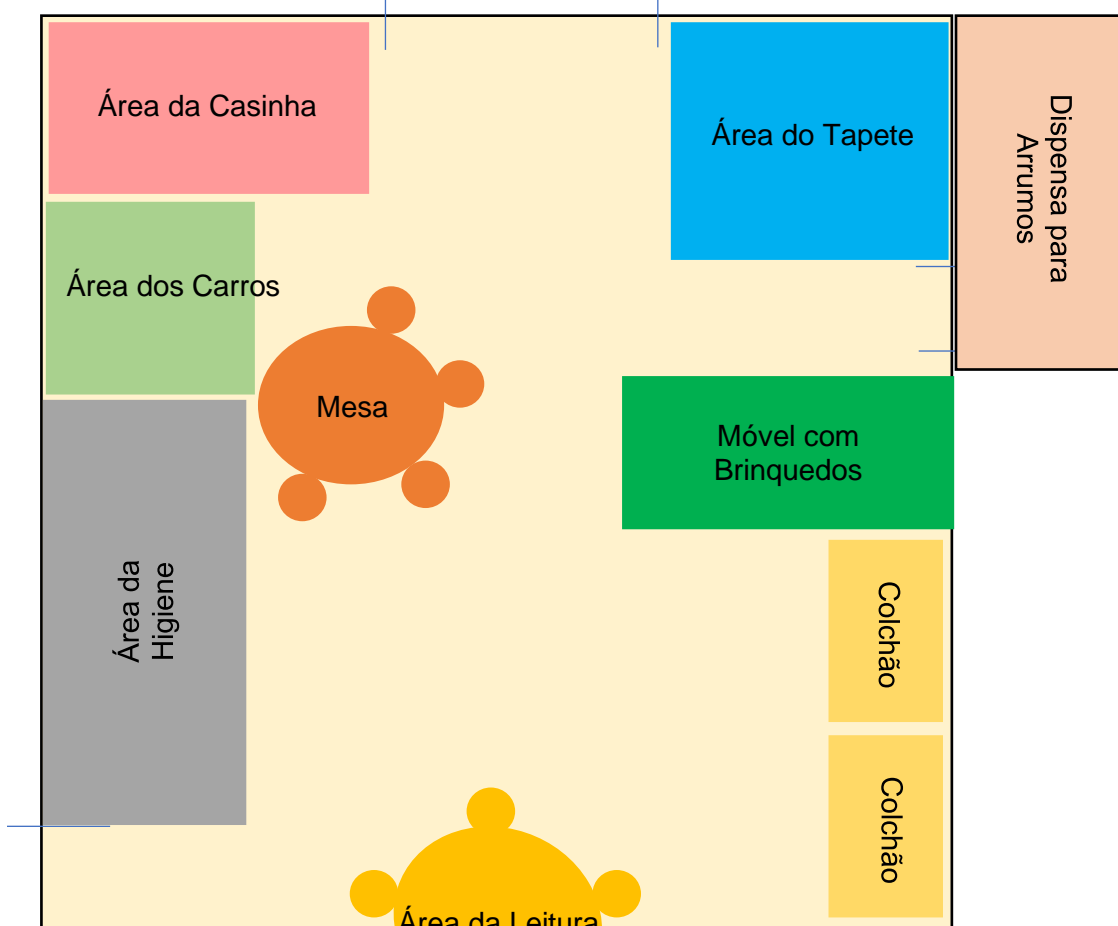


Figura 1 - Planta da sala da PES em Creche

Projeto da Sala

O projeto da sala tinha como título: “De mãos dadas” e defendia que os primeiros anos de vida da criança são uma das fases mais importantes do seu crescimento onde, através dos seus sentidos, iniciam o conhecimento, adaptação e exploração do meio e mundo exterior.

Este projeto baseava-se nos princípios pedagógicos High Scope e na pedagogia socio construtivista participativa. “De Mãos Dadas”, sugere que devemos dar as mãos ao nosso amigo, mas, também, à Natureza e ao Mundo, daí focar a sua atenção nas emoções, no respeito pelo outro, pelos seus sentimentos, pela entreatuda e amizade, enquanto, simultaneamente, abrangia o respeito pelo meio envolvente.

A metodologia de divulgação do Projeto Pedagógico era realizada através do placar de registo das atividades feito semanalmente; do placar informativo da sala; dos registos fotográficos; das reuniões de pais; e, na newsletter do site da instituição.

Os principais objetivos deste projeto passavam por incentivar a participação das famílias no processo educativo; uma adaptação à Instituição através de um clima emocional positivo; adquirir as regras da sala; despertar a curiosidade e interesse pelas atividades propostas; e, desenvolver hábitos de higiene. Aqui era também fundamental reconhecer a rotina diária e o desenvolvimento da linguagem.

As estratégias e a forma como as famílias, parcerias e comunidade são envolvidas neste projeto passam por uma interação pais/ creche, proporcionar o bem-estar e o desenvolvimento integral da criança, dialogar com as crianças, individualmente, em grupo e com a família, organizar o espaço, tempo e materiais, e encorajar a individualização de cada criança, respeitando os seus tempos e interesses.

Prática pedagógica

Após observação, decidiu-se criar o projeto de intervenção intitulado “Sentir para Aprender” que pretendia enquadrar duas temáticas, as sensações e o vocabulário, recorrendo à grande necessidade de fornecer às crianças novas sensações para facilitar a perceção do mundo que as rodeia, e, evidentemente, estimular o vocabulário.

Tendo em conta a temática das sensações abordaram-se atividades que apresentavam vários benefícios como:

- Desenvolver a coordenação motora e da motricidade fina;
- Reconhecer o contacto com novas texturas;
- Dar espaço às crianças para se movimentarem e explorarem;
- Tomar decisões;
- Estimular o tato e a visão.

A segunda temática, relacionada com a linguagem, surgiu da necessidade de estimular e alargar o vocabulário das crianças. É pensado para todas as crianças, no entanto este tema surgiu de um caso em particular. Na sala existia uma criança de nacionalidade estrangeira e a sua língua materna era o inglês. Esta criança apresentava grandes dificuldades de comunicação, tanto com as outras crianças como com os adultos da sala. Por isso, este tema para além de poder auxiliar todo o grupo poderia ajudar, particularmente, esta criança que precisa efetivamente de aprender a nossa língua materna.

As atividades desenvolvidas neste âmbito apresentam benefícios como:

- Apresentar às crianças vocábulos sobre uma ou mais temáticas à escolha;
- Fornecer às crianças a oportunidade de aprofundar conhecimentos sobre uma ou mais temáticas;
- Estimular a pronuncia de certos vocábulos por parte das crianças.

Dentro destes temas principais, em parceria com a educadora e de acordo com o projeto pedagógico de sala, pretendeu-se, também, trabalhar as cores, de forma a dar às crianças mais bases para construir o seu conhecimento integral.

De acordo com o enunciado, a principal finalidade do projeto era oferecer às crianças diferentes formas de desenvolvimento motor respeitando o seu ritmo e as suas particularidades.

Assim pretendia-se:

- Fornecer às crianças novas sensações através de diferentes texturas;
- Desenvolver o movimento corporal e autonomia;
- Transmitir confiança;
- Desenvolver o sentido de exploração;
- Despertar para novas sensações;
- Tornar as crianças mais recetivas e ativas a nível motor.

A avaliação do mesmo foi feita, principalmente, através de observação direta e de registos fotográficos que serviam, também, para fazer o resumo do dia para conhecimento da comunidade e famílias.

Neste sentido, realizaram-se atividade como o tapete sensorial e brincar com gelatina. A primeira tinha como objetivo fornecer às crianças diferentes texturas de forma a que todas pudessem explorá-las da forma que melhor entendessem, tanto com as mãos, como com o pés, sendo que todas as crianças se descalçaram para realizar a atividade. Foi construído com diversas peças encaixáveis e com diversos materiais como algodão, sisal, massa, alumínio, entre outros. Ao longo da atividade, eram feitas questões como: “Quais são os mais macios? E os mais ásperos?”, e as respostas eram bastante satisfatórias, levando à compreensão de que as crianças estavam efetivamente a desfrutar do momento e a aprender com o mesmo.



Figura 2 - Registos fotográficos da atividade "Tapete sensorial".

A segunda atividade, “brincar com gelatina”, foi, também, uma agradável surpresa. Para além de ser dada, às crianças, uma textura para que pudessem explorar, foi também feita uma abordagem à cor da mesma. A atividade foi bem recebida por todas as crianças, excetuando uma, que se recusou a mexer na gelatina, sendo esta uma atitude adotada pela mesma em atividades semelhantes. Esta permitiu que as crianças fossem estimuladas a diversos níveis, visual, tátil e a nível do paladar.



Figura 3 - Registos fotográficos da atividade "Vamos mexer na gelatina?"

1.2 Jardim de Infância

Caracterização do Estabelecimento Educativo

Realizou-se o estágio de Jardim de Infância em Santarém numa unidade composta pelas respostas sociais de Creche e Jardim de Infância, pelo departamento de Recursos Humanos e pelo departamento Financeiro e Administrativo.

Na instituição existem duas creches, ambas no primeiro andar, sendo que a resposta social de Jardim de Infância se situava no rés-do-chão, contando com seis salas: duas de três anos, duas de quatro ano e duas de cinco anos.

A unidade dispõe, ainda, de uma cozinha e de três refeitórios, um para a resposta social de jardim de infância e dois para a creche.

Todos os espaços são bastante acolhedores e dispõem de muitos placares que documentavam as atividades.

Projeto do Estabelecimento Educativo

O projeto da instituição incidia, especialmente, na área da Formação Pessoal e Social, mais concretamente no desenvolvimento de valores como pontos fulcrais na aprendizagem de vida.

Os objetivos deste projeto eram: (1) estimular as capacidades de cada criança e favorecer a sua formação; (2) contribuir para a estabilidade e segurança afetiva da

criança; (3) desenvolver a formação moral da criança e o sentido de responsabilidade; (4) fomentar a integração em grupos sociais diversos; (5) desenvolver a capacidade expressiva e comunicativa da criança; (6) inculcar hábitos de higiene; (7) proceder à despistagem de inadaptações ou deficiências. Estas informações estavam contidas no projeto educativo da instituição.

Caracterização do grupo

Apresenta-se, em seguida, um quadro síntese da caracterização do grupo com quem se estabeleceu contacto durante a Prática de Ensino Supervisionada.

Tabela 2 - Caracterização do grupo de Jardim de Infância.

Número de crianças	14 crianças
Idades	4 - 5 anos
Sexo	12 meninas e 2 meninos
Crianças com NEE	1 criança

Pela observação do quadro, é perceptível que o grupo era constituído por 14 crianças, sendo 12 delas do sexo feminino e apenas 2 do sexo masculino. Dentro do grupo tínhamos, ainda, uma criança com NEE e outra que, por complicações durante o período de gestação, apresentava diversos problemas a nível da linguagem e atenção.

A nível de recursos humanos, a sala contava com a Educadora e com duas auxiliares de ação educativa, sendo que uma delas dava apoio somente à criança com NEE.

Tendo por base a observação participante, este era um grupo bastante dinâmico, interessado, participativo e calmo. As crianças eram muito afetuosas e bastante unidas na medida em que tomavam decisões em conjunto e se auxiliavam, entre pares, em caso de necessidade e em qualquer atividade do dia a dia, como por exemplo, na hora das refeições. Como o grupo era composto por tão poucas crianças, foi possível conhecer melhor cada uma delas, bem como trabalhar de forma mais eficaz e dar atenção de forma individualizada. Era um grupo já bastante autónomo sendo que conseguiam fazer basicamente tudo sozinhas. Apertar os botões do bibe sozinhas e umas às outras era o novo desafio para atingir ainda mais destreza e, conseqüentemente, autonomia.

O grupo gostava bastante de realizar atividades, de aprender novos jogos e brincadeiras, de estar nas áreas e adoravam os jogos realizados no exterior. Era um grupo bastante unido e com relações de amizade e confiança bastante notórias.

Caracterização do espaço da sala

O espaço da sala era composto pela área principal e pela casa de banho, que contava com 5 sanitas, 5 lavatórios e um pequeno compartimento onde se guardavam materiais.

A área principal era ampla e contava com diferentes espaços, como: (1) área de grande grupo, onde as crianças cantavam os bons-dias, comiam o reforço da manhã, ouviam histórias e assistiam às introduções das atividades; (2) área da leitura, que se localizava na área de grande grupo, onde as crianças tinham acesso a alguns livros que podiam explorar livremente; (3) área da pintura, onde as crianças tinham acesso a um cavalete, pincéis e diversas tintas coloridas; (4) área da massa, onde as crianças brincavam com massa, preparada no momento, e onde podiam utilizar diversos materiais de moldar; (5) área dos jogos, onde dispunham de mesas e jogos; (6) área da casinha, que era composta por duas partes, uma que remetia para o quarto e casa de banho e outra para a cozinha, dispondo de uma mesa de “refeições” e armários; (7) área do desenho, onde tinham acesso a folhas e aos materiais necessários para executar a tarefa; (8) área do computador, que durante o período de estágio não foi explorada; (9) área da garagem e construções, onde existiam animais de plástico, legos de tamanho médio e peças de construção em madeira; (10) área do quadro, onde era possível desenhar, escrever e explorar as potencialidades do giz.

Em conversa com a educadora, esta referiu que ainda iria existir outra área na sala, a área da natureza, que iria conter elementos naturais para livre exploração.

Nas paredes da sala estavam vários placares que a educadora utilizava para expor os trabalhos realizados como, por exemplo: “As Novidades do Fim de Semana”.

Existiam também letras e números dispersos por todas as paredes. Estes serviam para que as crianças, aquando da sua observação, se familiarizassem com as mesmas, sendo que estes chegavam mesmo a representá-las no quadro. Neste sentido, segundo Ferreiro (1997, p.27) afirma que no pensamento do educador devem prevalecer três ideias “...simples mas fundamentais: a) deixar entrar e sair para ir buscar a informação extra-escolar disponível, com todas as consequências que isto pode representar; b) o educador já não é mais o único que sabe ler e escrever na sala; todos

podem ler e escrever, cada um no seu nível; c) as crianças que ainda não estão alfabetizadas podem contribuir proveitosamente para a sua própria alfabetização e para a dos seus colegas, quando a discussão a propósito da representação escrita da linguagem se converte numa prática escolar” .

Na sala existia ainda uma área específica para a criança com NEE. Este contava com brinquedos próprios e estimulantes, como, por exemplo, brinquedos que produzem sons, uma zona de fraldário e um grande placar com informações sobre a mesma e sobre a forma de agir em caso de emergência.

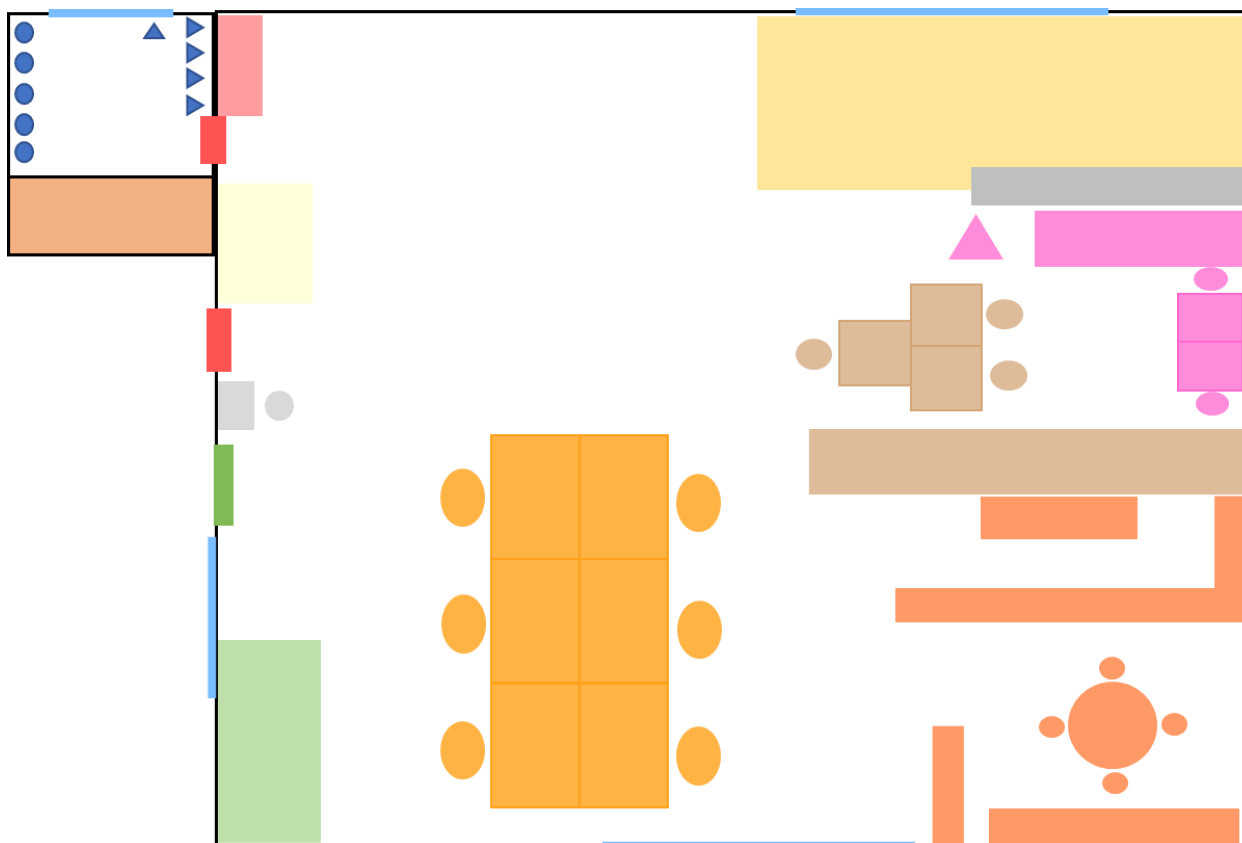


Figura 4 - Planta da sala da PES em Jardim de Infância.



Figura 5 - Legenda dos elementos apresentados na planta de PES em Jardim de Infância.

Organização do tempo

A rotina das crianças era, e é, algo fundamental, e era nesta que se deveriam enquadrar as intervenções.

Habitualmente, as crianças iam para a área de grande grupo por volta das 9:30. Nesta altura era escolhido o chefe do dia, cantavam-se os bons dias, comia-se a bolacha e marcava-se a presença. Durante a marcação das presenças, referia-se o dia em questão, o mês, o ano e a estação do ano em que nos encontrávamos. Fazia-se também o registo do tempo.

Por volta das 10:00 iniciava-se a realização das atividades planeadas. A duração das atividades proposta dependia sempre da vontade das crianças, sendo que havia dias em que podia demorar mais, menos ou cerca de uma hora, e podia ser repetida vezes sem conta pelas crianças que assim pretendiam. Esta atividade poderia ser planeada pela educadora tendo em conta diferentes aspetos como, por exemplo, o que pretendia trabalhar nesse dia, ou desenvolvida através de algum pedido das crianças, tendo sempre em conta as suas necessidades. Depois deste momento as crianças dispunham ainda de tempo para brincar livremente nas diferentes áreas da sala.

Por volta das 11:00/11:30 as crianças deslocavam-se ao espaço exterior do jardim de infância para brincar. Esta deslocação à rua acontecia sempre de forma planeada. Tendo em conta a pandemia que se fazia sentir, os locais na rua estavam marcados de forma a que todos os grupos pudessem usufruir, à vez, de todos os espaços. Esta deslocação à rua acabava por volta das 12:00, quando as crianças iam para a sala para tratarem da sua higiene.

A deslocação para o refeitório fazia-se, geralmente, entre as 12:20/12:30, exceto quando existia algum atraso por parte dos grupos anteriores.

Depois do almoço, acompanhávamos as crianças à sala e seguíamos para a pausa do almoço.

Regressávamos às 14:30. Neste período, e até à hora de saída, existiam diversas atividades que podiam ser feitas. A brincadeira nas áreas, a deslocação à rua, a leitura de um livro ou a finalização de atividades eram algumas opções que as crianças tinham à sua disposição.

Projeto da sala - “Aprender a aprender...”

O Projeto de Sala intitula-se de “Vamos aprender a aprender...” e estava inteiramente direcionado com a parte emotiva do aprender, ou seja, a aprendizagem

deveria estar intimamente ligada com as emoções demonstradas pelo grupo, adaptando-se as estratégias de intervenção perante esse fator.

Assim, este projeto tinha como principal objetivo a promoção de um bem-estar físico, psicológico e social das crianças, juntando as aprendizagens com esse mesmo bem-estar.

Os pontos fulcrais deste passavam, principalmente, pelo desenvolvimento da Área de Formação Pessoal e Social e da Área de Expressão e Comunicação, no entanto, todas as áreas foram trabalhadas de forma a que as crianças se desenvolvessem em todas as áreas de desenvolvimento.

A Educadora referia que pretendia recorrer às atividades dirigidas e semidirigidas, de forma a que as crianças estivessem envolvidas no seu próprio processo de desenvolvimento. No último exemplo era a criança que sugeria ao adulto as atividades que queria realizar, tornando-se ativa na escolha das atividades e desenvolvimento do seu saber.

Prática pedagógica

O projeto pedagógico de intervenção, elaborado para o desenvolvimento da prática educativa, intitulava-se “Sinto, logo Expresso-me!”. Este enquadrava uma temática recorrente da grande necessidade de habilitar as crianças para partilhar, comunicar e manifestar as suas emoções.

A ideia de trabalhar as emoções e a forma como as expressamos surgiu da necessidade, não só, de habilitar as crianças para se expressarem e compreenderem as suas emoções, como também, da necessidade que estas tinham de se expressar umas com as outras e com o adulto desta forma. O grupo, de forma geral, demonstrava alguns momentos de dificuldade para demonstrar ou gerir os seus sentimentos de forma saudável, havendo também, uma criança que, até àquele momento, apenas manifestava algumas emoções através de expressões corporais, tendo por base a NEE que apresentava. Pensando nestas questões, considerou-se a temática efetivamente adequada e, principalmente, importante desenvolver esta temática.

Tendo por base a faixa etária decidiu-se abordar cinco tipos de emoções: a alegria, a tristeza, o medo, a surpresa e a raiva. A alegria representa o estado de grande satisfação e contentamento; a tristeza é definida pela falta de alegria causada por algum desgosto; o medo é a sensação de perigo que pode gerar paralisia ou fuga; a surpresa

remete-nos para uma situação inesperada que poderá ser positiva ou negativa; e, por último, a raiva é a sensação de grande irritação que, muitas vezes, priva o indivíduo de raciocinar. Começar por cinco emoções básicas e bastante frequentes parece, de todo, pertinente, para que a aprendizagem e desenvolvimento se façam de forma gradual e se complexifique ao longo do tempo.

Desde cedo, as crianças devem aprender a lidar com diversas emoções para que, dessa forma, consigam exprimir-se melhor, criar mais ligações com os outros e, principalmente, para que se entendam e relacionem melhor. De acordo com Gottman & DeClarie (1999, p. 202) “(...) Nas relações com o seu grupo de colegas (...) as crianças têm todas as oportunidades para desenvolver as suas capacidades de controlo de emoções. É nessa situação que elas aprendem a comunicar com clareza, a trocar informação e a esclarecer as suas mensagens se estas não forem compreendidas. (...) Começam a saber ser compreensivos em relação aos seus sentimentos, aos desejos e anseios das outras pessoas (...)” O objetivo principal, com esta temática, era perceber de que modo as crianças demonstram as suas emoções, as diferenças entre todos e dar a perceber que todos lidam com todos os tipos de emoções, porém de diferentes formas. Desse modo, considerou-se que a intervenção teria bastante utilidade e que as crianças poderiam aprender tanto conosco como nós com elas acerca, na medida em que podíamos compreender diversas formas de expressão e comunicação por parte das crianças, entre elas e com o adulto.

O projeto apresentava como objetivos principais desenvolver a capacidade das crianças de:

- Compreender as diferentes emoções;
- Valorizar e gerir as suas emoções e os afetos;
- Partilhar as suas próprias emoções e compreender as emoções dos seus pares;
- Manifestar as suas descobertas sobre as emoções a partir de materiais específicos intencionalmente construídos.

Todas as tarefas implementadas tinham um objetivo específico de forma a permitir avaliar o desempenho do grupo e identificar dificuldades, dificuldades estas relativas à expressão de emoções como a raiva, por exemplo, e que sempre se tentou ultrapassar, ao longo do tempo, entre diálogos, e de atividade para atividade.

A avaliação realizou-se de diversas formas, mas a principal, e para a prática muito importante, foi a observação direta. Esta permitiu que se adaptassem as atividades às necessidades das crianças de forma mais eficaz, como também que se avaliasse o desenvolvimento e aprendizagem das crianças ao longo do tempo.

Para além desta forma de avaliação, utilizaram-se, também, registos escritos, principalmente das opiniões das crianças, muito importante para verificar, ao longo do tempo, vários aspetos do desenvolvimento da criança, como, por exemplo, o desenvolvimento da linguagem.

Dialogar com as crianças foi também um fator muito importante no processo de avaliação. Saber como a crianças se sentiam e ouvir as suas principais dificuldades, permitiu avaliar a própria intervenção, percebendo-se, assim, quais os aspetos fortes a manter e os aspetos que precisavam de ser adaptados e/ou melhorados.

Desta forma, foram realizadas atividades no sentido de cumprir os objetivos do projeto. Destacam-se, assim, a atividade do Emocionómetro e o jogo de imitar emoções.

O primeiro, consistia em criar, para a sala, um recurso onde fosse possível as crianças registarem ao longo do dia, e dos dias, a forma como se sentiam, pedindo-se, igualmente, justificações acerca do que estavam a sentir. Este permitia perceber se os alunos compreendiam o que significava cada emoção e permitia, igualmente, que os alunos verbalizassem questões relacionadas com o seu bem-estar.

Foi uma atividade a pares, sendo que cada par de crianças fazia um cartão, de acordo com os monstros apresentados no livro "O Monstro das Cores". Em relação às molas que serviam para identificar as emoções, cada criança tinha uma, devidamente etiquetada com o seu nome. Fez-se igualmente, uma mola para a criança com NEE. As crianças, em grupo, discutiam a emoção que achavam que ela estava a sentir. Esta foi uma atividade muito importante para perceber vários aspetos, como por exemplo a forma com o grupo percecionava e identificava as emoções do outro.



Figura 6 - Registos fotográficos da atividade "Emocionómetro".

A segunda atividade enunciada, tinha como objetivo a representação corporal das emoções. Para isso, existiam placas com as diferentes emoções, sendo que, um a um, cada um deles tirava uma placa sem saber o que lá estava. Desta forma, foi perceptível a forma como as crianças percebiam cada emoção, fazendo representações claras e objetivas daquilo que se pretendia.

As crianças que tiraram a placa da felicidade recorriam aos largos sorrisos e gargalhadas, considerando-se que esta era uma das emoções prediletas das crianças, ficando efetivamente felizes quando a representavam. No que diz respeito à emoção da tristeza, optavam, maioritariamente, por fingir choros, ficarem mais caladas ou até mesmo baixarem a cabeça. Na imitação do medo as crianças sentavam-se no chão e escondiam a cara no meio das pernas ou com as mãos e, também, em pé, tapavam os olhos e espreitavam entre os dedos. No que diz respeito à emoção da calma, as crianças ficavam muito mais reticentes. Finalmente, acabaram por lançar alguns suspiros, inspirar e expirar, e esboçar um pequeno sorriso. Uma das crianças sentou-se no chão com pernas à chinês e começou a fingir que fazia yoga. Finalmente, quando as crianças imitaram a emoção da raiva optaram por bufar bastante, cruzar os braços, bater com o pé e franzir a sobancelha.

Após tudo isto decidiu-se formar uma roda e começar a caminhar em sentido giratório. Enquanto isto, as crianças escolhiam uma das emoções e tínhamos de tentar imitar as mesmas.

Foi possível constatar que quando se referia a raiva as crianças andavam mais rápido, de forma mais pesada e sempre com cara irritada e trancada. Já na calma reduziam totalmente a velocidade dos passos e esboçavam um pequeno sorriso. Na tristeza baixavam a cabeça e fingiam que choravam enquanto arrastavam os pés. Na felicidade saltitavam e começavam a rir à gargalhada, já no medo olhavam para todo o lado e caminhavam sempre lentamente.

1.3 1º ano do ensino básico

Caracterização do Estabelecimento Educativo

O estágio realizou-se em Santarém. Era uma escola bilingue e, dessa forma, parte das aulas eram dadas com assessoria em inglês.

Na instituição existiam seis turmas diferentes, sendo que duas das mesmas eram mistas, uma de 1º e 2º anos e outra de 3º e 4º anos.

A escola tem dois andares. No primeiro existem as salas de primeiro ano, segundo ano, primeiro e segundo ano e terceiro ano. Existe, ainda, neste andar a sala de professores, a reprografia, a sala dos funcionários, um amplo polivalente, o refeitório, a cozinha, uma sala para arrumação de materiais e, por fim, quatro casas de banho para os alunos e uma para os docentes. No segundo andar, existem duas casas de banho e as salas de aula do quarto ano e do terceiro e quarto anos em simultâneo.

Em torno da escola existe um enorme espaço de recreio, composto por zonas verdes, um parque infantil, um campo de jogos e uma zona com um cesto de basquetebol.

Todos os espaços desta instituição são bastante acolhedores e dispõem de diversos placares repletos de atividades realizadas por cada sala.

Caracterização do grupo

Seguidamente, apresenta-se um quadro síntese da caracterização dos alunos da turma de 1º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Tabela 3 - Caracterização do grupo de 1º ano do 1º CEB.

Número de alunos	24 alunos
Idades	6 - 7 anos
Sexo	16 meninas e 8 meninos
Alunos com NEE	-

A partir da observação do quadro é possível compreender a existência de 24 alunos na turma, 16 dos quais do sexo feminino e os restantes 8 do sexo masculino.

Aquando da prática de ensino supervisionada, foi possível perceber que os alunos eram bastante astutos e perspicazes, demonstrando interesse nas atividades propostas. No entanto, não deixa de ser natural que existissem alunos menos participativos ou que evitavam relações interpessoais, pelo que era necessário um esforço complementar para estimular a participação e o envolvimento interpessoal, através, por exemplo, de trabalhos de grupo ou diálogos com o adulto acerca de diversas temáticas e dúvidas que iam surgindo.

Foi perceptível, de igual forma, a dificuldade de alguns alunos em compreender e assimilar conteúdos trabalhados, sendo necessário que, neste sentido, se fizessem abordagens diferentes e que se realizasse um apoio diferenciado, para que toda a turma alcançasse o mesmo nível de aprendizagem. As principais dificuldades eram sentidas

nas disciplinas de português e matemática, sendo que quatro dos alunos da turma, duas vezes por semana, eram acompanhados por uma professora de apoio, estimulando-os individualmente de forma a desenvolver as suas competências.

Caracterização do espaço da sala

A sala na qual foi realizada a prática pedagógica era de pequenas dimensões, no entanto, suficiente para corresponder às necessidades da turma. Era uma sala apelativa, tendo em conta que, apesar do pouco espaço disponível, as paredes estavam repletas de trabalhos realizados, letras e números, permitindo a mais rápida visualização dos alunos perante alguma dificuldade ou dúvida.

Era uma sala com bastante iluminação apresentando janelas de grandes dimensões. No entanto, as janelas estavam, geralmente, cobertas com cortinas para que os alunos não se distraíssem a olhar para a rua.

Existiam dois quadros na sala, um de ardosia e outro interativo. A visibilidade para os quadros em nada era afetada, sendo que as mesas estavam organizadas de forma a que todos conseguissem, sem dificuldade, visualizar o quadro. No entanto, por vezes, tornava-se necessário aumentar os conteúdos apresentados para que os alunos que se encontravam mais atrás na sala conseguissem ter uma melhor perceção.

Existiam armários com bastante arrumação. Estes serviam, essencialmente, para guardar materiais, manuais e cadernos diários e, ainda, os processos das crianças e outros documentos de relevância.

Retomando a questão do espaço disponível da sala, é importante, ainda, referir que quando se pensava em fazer alguma atividade diferente, como, por exemplo, dança, o espaço era uma limitação, sendo sempre necessário deslocar as mesas.

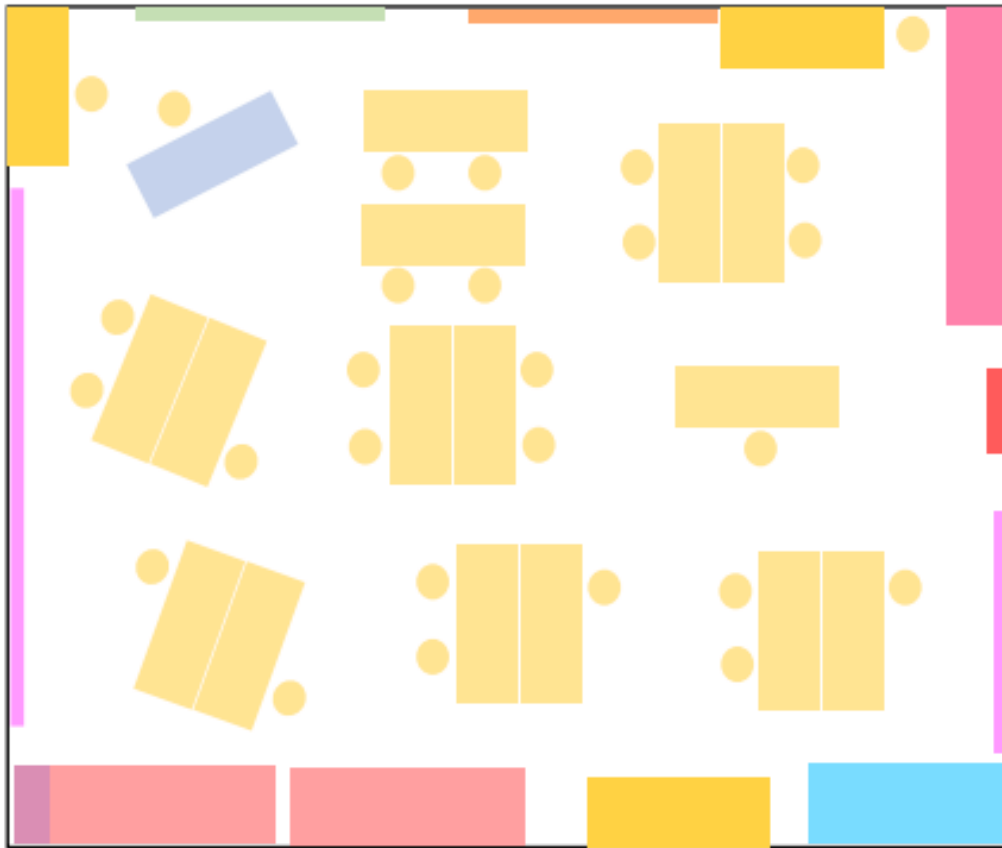


Figura 7 - Planta da sala de PES em 1º ano do 1º CEB.



Figura 8 - Legenda dos elementos apresentados na planta de PES em 1º ano do 1º CEB.

Prática pedagógica

Tendo em conta as características e dificuldades apresentadas pela turma, o projeto de intervenção pedagógica tinha como título “Compreensão da leitura e das mensagens orais” e apresentava como principais objetivos, em relação à oralidade, desenvolver a compreensão literal (reconhecimento de toda a informação que está contida no texto de forma explícita); a compreensão inferencial (interpretação da informação através de inferências com base no conhecimento prévio do ouvinte); e, a compreensão crítica (formação de juízos próprios, interpretação pessoal, deduções e expressão de opiniões). Os objetivos em relação à leitura passavam por identificar o tema central de um texto e aspetos acessórios; localizar informações específicas e usá-las para cumprir instruções; sintetizar partes de um texto ou enunciado; extrair conclusões do que foi lido; e, seguir instruções escritas para realizar uma ação.

Assim, a temática surgiu da necessidade de capacitarmos, de forma gradual, os alunos para compreenderem mensagens escritas e orais, sendo esta capacidade de extrema importância não só para o percurso escolar como também para a vida em comunidade.

A aplicação do projeto foi feita e enquadrada em todas as disciplinas, em enunciados, explicações de matéria, diálogos, textos, entre outros, existindo uma preocupação acrescida e solicitando-se que os alunos explicassem, por palavras suas, o que tinham compreendido, de forma a ser possível perceber o nível de compreensão dos mesmos. A avaliação suportou-se muito pela observação direta, para que se adequassem as estratégias, sempre que necessário, às necessidades dos alunos, e, nos registos escritos, das evoluções ocorridas a nível da autonomia.

Ao longo das semanas de prática, foram realizadas diversas atividades, que fossem de encontro ao programa e aos interesses e necessidades do grupo. Desta forma, destacam-se a atividade realizada aquando da abordagem da organização e tratamento de dados e a criação de um colar de contas.

Na primeira atividade, objetivava-se dar aos alunos ferramentas para trabalhar a organização e tratamento de dados, sendo que a criação de grupos era um ponto principal para abordar a temática. Desta forma, decidiu-se criar uma atividade simples e prática: fornecer aos alunos, em pares, diferentes tipos de massa, de diferentes cores, pedindo-lhes para agrupar de acordo com as diferentes características. Assim, os alunos poderiam manusear as massas e ter uma aprendizagem mais concreta e significativa. Os alunos conseguiram, após um momento de reflexão acerca do que era solicitado, agrupar as massas, tendo em conta as cores e a forma. Assim, solicitou-se

que tentassem, também, organizá-las por tamanhos, de forma a completarem as três formas de organização possíveis. Considera-se que esta atividade foi bastante proveitosa para os alunos, primeiramente porque foi possível manipularem os materiais, levando-os à descoberta, e em segundo lugar porque foi possível chegarem a conclusões sozinhos, tornando a aprendizagem mais significativa.



Figura 9 - Registos fotográficos da atividade de Organização e Tratamento de Dados.

A segunda atividade consistia na elaboração de um colar de contas para cada aluno. Desta forma, forneceram-se, massas e um cordel, devidamente identificado, para que não existissem trocas, tendo por base as normas importas pela pandemia. Esta foi uma atividade que durou duas aulas, sendo que na primeira, pintaram as massas, e na segunda se montou o colar, colocando cada massa no seu local correto. Considera-se que a elaboração de um colar de contas foi bastante útil para a aprendizagem, visto que, aquando da resolução dos exercícios, os alunos tinham algo a que poderiam recorrer e que lhes permitia ter uma aprendizagem mais completa, pela procura das respostas de forma autónoma.



Figura 10 - Registos fotográficos da atividade "Vamos construir um colar de contas!"

1.4 3º ano do ensino básico

Caracterização do Estabelecimento educativo

O estabelecimento educativo em que foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada em 3º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, foi a mesma em que foi realizada a prática em 1º ano. Desta forma, todas as características referidas no tópico anterior se adequam a este parâmetro.

Caracterização do grupo

Em baixo, surge o quadro relativo às características gerais dos alunos da turma de 3º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Tabela 4 - Caracterização do grupo de 3º ano do 1º CEB.

Número de alunos	25 alunos
Idades	7 - 8 anos
Sexo	12 meninas e 13 meninos
Alunos com NEE	2 alunos

Pela análise do quadro acima, é possível perceber a existência de 25 alunos no grupo, sendo que 12 dos quais são do sexo feminino e os restantes 13 do sexo masculino. Pela observação do mesmo, podemos ainda constatar a existência de dois alunos com NEE que, na grande maioria das aulas, excetuando o Estudo do Meio, resolviam exercícios do segundo ano de escolaridade. Estes eram acompanhados de perto pelo professor cooperante e por uma professora especializada três vezes por semana.

A partir da observação participante, foi possível compreender que os alunos eram bastante participativos, interessados e curiosos, colocando em dúvida tudo o que não achavam ter um sentido lógico ou, simplesmente, que não lhes fizesse sentido. Era uma turma bastante unida, no entanto, por vezes, existiam alguns conflitos de interesses, maioritariamente na expressão de opiniões contrárias, que levavam a problemas entre alunos, conflitos estes que se resolviam a partir do diálogo, sendo esta uma turma bastante comunicativa.

Era uma turma que aceitava e respeitava, na grande maioria das vezes, as regras básicas de convivência e que se envolvia bastante nas atividades, preocupando-se e auxiliando em caso de necessidade.

Na sua grande maioria, eram alunos atentos e recetivos à aprendizagem, captando, geralmente sem dificuldade, os conteúdos e aplicando-os de forma correta e perspicaz. As maiores dificuldades surgiam, no entanto, na disciplina de matemática, sendo que alguns alunos necessitam de um acompanhamento mais próximo.

Caracterização do espaço da sala

A sala do 3º ano de escolaridade tinha uma dimensão adequada às necessidades apresentadas pelos alunos, existindo espaço suficiente para diversas atividades. Era uma sala com bastante iluminação apresentando janelas de grandes dimensões que, muitas vezes, precisavam ser fechadas, ou com o cortinado ou com os estores, para que os alunos conseguissem visualizar o quadro de forma correta.

Na sala existiam dois quadros, um interativo e outro de ardósia que suportavam bastante a aprendizagem dos alunos. As paredes eram feitas de um material que permitia que fossem afixados materiais com pioneses. No entanto, no início poucos eram os trabalhos expostos, existindo apenas para consulta dos alunos o alfabeto, mesmo ao lado do quadro. Ao longo das semanas, foram colocados nos placares e dispostos pela sala diversos trabalhos realizados pelos alunos, tanto na aula de inglês, como os trabalhos realizados para a disciplina de Estudo do Meio. De qualquer das formas, poucos eram os recursos que os alunos podem consultar caso necessitem.

Existiam diversos espaços de arrumação na sala, como armários que permitiam que os dossiers, cadernos, manuais, processos, cartolinas, entre outros, estivessem armazenados perto, caso fossem necessários em qualquer instante.

Em relação à disposição das mesas, diversas foram as disposições que a sala assumiu nas cinco semanas de estágio. Primeiramente, verificou-se que a disposição das mesas era em colunas e linhas, muito associada ao ensino tradicional (representado na planta da sala 1, na página seguinte). Segundo Arends (2011, pp.278-279), este modelo é limitador, sendo que não apresenta uma abordagem centrada no aluno que depende, para a sua aprendizagem, de interação entre os pares.

De seguida, a sala assumiu a configuração representada na planta da sala 2, esbatendo-se as colunas e acentuando-se as linhas, facilitando e dificultando, simultaneamente, a interação entre os alunos.

Após esta disposição, as mesas assumiram a posição apresentada na planta 3, sendo que esta foi a disposição que se manteve por mais tempo. Esta facilitava bastante a interação entre os alunos, aspeto bastante importante para a aprendizagem colaborativa. Para Arends (2011, pp.441-442), este aspeto, da discussão e debate entre alunos, é um importante fator que se apresenta como estratégia de ensino que permite aos alunos expor o seu pensamento e ao professor corrigir algumas falhas de raciocínio.

Por fim, nos últimos dias do estágio, a configuração da sala voltou à primeira planta apresentada.

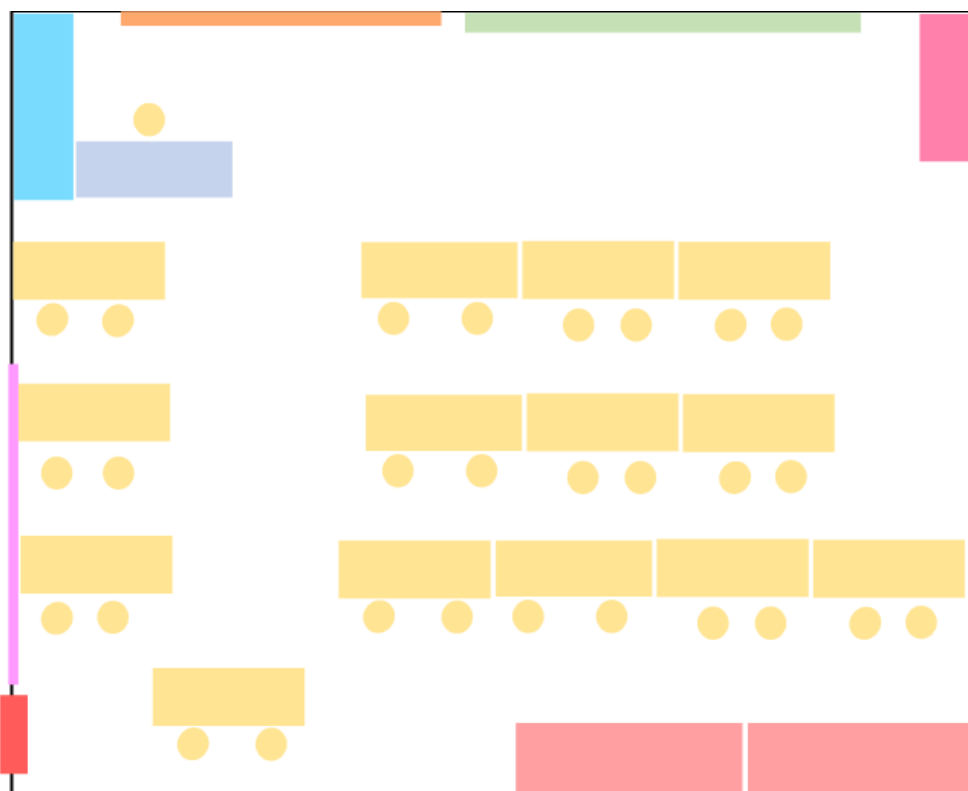
Todas as alterações feitas ao ambiente educativo da sala, pareceram bastante pertinentes. Os alunos apresentavam-se particularmente cansados de mais um ano atípico e prolongado. Desta forma, acomodavam-se ao que lhes era dado, distraíndo-se ainda com mais facilidade, sendo a conversa o meio privilegiado. Desta forma, era importante que, de acordo com as diferentes necessidades apresentadas pelos alunos, se fizesse uma análise completa aos benefícios que cada disposição podia apresentar,

tentando adaptar-se sempre que possível. Esta capacidade de analisar e adaptar tudo o que é necessário às necessidades apresentadas pelos alunos, revela-se bastante importante para a aprendizagem, visto que é um fator que a pode, ou não, condicionar.



1

Figura 11 - Planta da sala da PES em 3º ano do 1º CEB (1).



2

Figura 12 - Planta da sala da PES em 3º ano do 1º CEB (2).

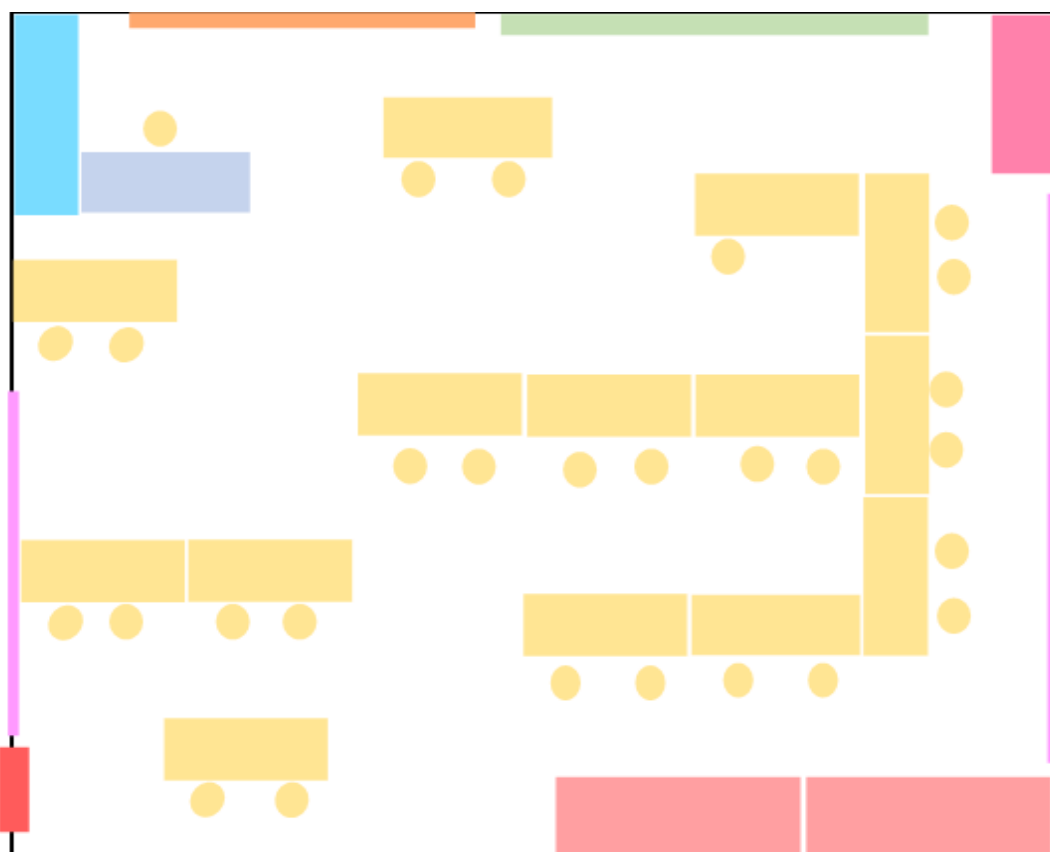


Figura 13 - Planta da sala da PES em 3º ano do 1º CEB (3).



Figura 14 - Legenda dos elementos apresentados nas plantas de PES em 3º ano do 1º CEB.

Prática pedagógica

Tendo por base as características dos alunos, pensou-se em criar algo que valorizasse as ideias prévias dos alunos e as suas opiniões sobre diversas temáticas. Assim, o projeto de intervenção pedagógica tinha como título “Penso, logo existo”¹.

A opinião de cada aluno, sobre diversos assuntos, apresenta-se bastante importante visto que é uma forma de os mesmos se expressarem, sem que o seu pensamento seja moldado por alguma “regra” ou imposição da sociedade. Educar e ensinar passa por dar liberdade para que se expressem, de forma saudável e correta e, para que isso aconteça, é importante que os alunos se habituem a poder dar a sua opinião, perante uma plateia ou escrevendo sobre a mesma, não perdendo de vista a ideia de que a nossa liberdade termina quando começa a do outro. Desta forma, esta tarefa deve acontecer desde tenra idade para que, futuramente, consigam dar a sua opinião, da forma mais correta possível, sem se sujeitarem a algumas das injúrias que acontecem pelo mundo fora. Assim, surgiu o projeto, tendo por base que a escola deve ser um local apropriado para a prática democrática onde todos os sujeitos envolvidos tenham oportunidade de se expressar, condição fundamental para o exercício da cidadania que implica, segundo a Direção Geral de Educação (2013), por parte de cada indivíduo e daqueles com quem interage, uma tomada de consciência, cuja evolução acompanha as dinâmicas de intervenção e transformação social.

Colocar em prática o projeto foi relativamente fácil, tendo em conta que a maioria dos alunos gostava de se expressar, de dar a sua opinião através do diálogo e de participar em debates das mais variadas temáticas. Assim, antes de se iniciar qualquer temática, questionava-se sempre aquilo que os alunos já conheciam ou o que achavam que era pelo título, fazendo-se uma abordagem, prévia, aos conhecimentos. Nestes momentos, e em outros, como debates e redações, apelava-se também pela opinião de cada aluno, criando momentos bastante interessantes, e importantes, de diálogo entre os alunos.

Como a opinião é algo pessoal e que não deve ser julgada sem fundamento, a avaliação, recorrendo à observação direta e a notas de campo, incidiu na forma como os alunos se expressavam, como escolhiam o vocabulário e na capacidade que apresentavam para se expressarem. Para os textos escritos, foram realizadas rúbricas de avaliação, incidindo os descritores, principalmente, em aspetos da disciplina de

¹ Expressão de René Descartes.

português, não perdendo de vista, a forma como estes se expressavam e aquilo que transmitiam.

Pretende-se aqui, destacar duas atividades: a redação do texto “O que é o brincar e porque é tão importante?” e a “História ao calhas”. A primeira atividade, surgiu da comemoração do dia Internacional do Brincar, celebrado a 28 de maio. Neste sentido, num momento em que, cada vez menos, as crianças sabem brincar, em consequência dos avanços tecnológicos, era importante fazer o grupo refletir acerca desta temática, dando a sua opinião sobre o tema. Efetivamente, muitos dos textos referiam o brincar com os aparelhos tecnológicos, no entanto, foi uma agradável surpresa perceber que muitos dos alunos referiam brincadeiras bastante interessantes, e mesmo, até, inventadas pelos próprios e por alguns dos colegas.

A segunda atividade, consistia em formar uma história, em grupos de três ou quatro elementos, tendo por base três categorias: personagens, espaço e tempo. Assim, cada elemento do grupo deveria retirar, sem ver, dois cartões da categoria das personagens, e um cartão das restantes. Para além de esta atividade promover o trabalho de grupo, necessidade sentida, propiciava também a imaginação visto que teriam de construir uma história a partir dos cartões que lhes calhavam, sendo que estes poderiam ser completamente aleatórios e não fazer qualquer sentido a sua junção. A grande maioria dos trabalhos cumpriu com as instruções, no entanto, um dos grupos não conseguiu cumprir a tarefa de forma correta, sendo, igualmente, o grupo que não se entendeu na partilha de ideias. A avaliação do mesmo consistiu na observação do comportamento e participação em grupo e em rúbricas de avaliação centradas no uso e emprego do português e do cumprimento dos objetivos da atividade.



Figura 15 - Registos fotográficos da atividade "História ao Calhas".

Síntese reflexiva das Práticas de Ensino Supervisionadas

Refletir sobre o meu percurso enquanto estudante do Mestrado e enquanto estagiária é bastante importante. Considero que estes foram dois anos fundamentais na construção da minha identidade, na construção dos meus conhecimentos, na definição daquilo que quero ser e que pretendo fazer.

Avaliando o trabalho desenvolvido em estágio, nomeadamente os projetos de intervenção, considero que existiu uma evolução favorável. Dando um exemplo concreto desta evolução, posso começar por mencionar os objetivos do projeto de creche, o primeiro estágio. Pela análise dos objetivos do projeto é possível compreender que os mesmos se focam na atuação do adulto e não nas crianças sendo que, assim, não se cumpriu com o que era realmente pretendido. Ao longo dos estágios seguintes houve uma maior preocupação nesse sentido, refletindo-se de forma mais aprofundada naquilo que pretendia cumprir e a forma como poderia tornar as crianças o centro de toda a intervenção. Para que isto acontecesse, as unidades curriculares e as professoras supervisoras contribuíram bastante, fazendo-me compreender aquilo que realmente se pretende e de que forma se podem adaptar todos os objetivos de forma correta para que provocassem um impacto positivo no grupo de crianças/alunos.

Referindo-me, ainda, aos projetos pedagógicos, considero que as temáticas escolhidas para cada um, tendo sempre em conta o grupo de crianças/alunos, foram bastante adequadas, contribuindo sempre com alguma aprendizagem significativa. Por outro lado, considero que as aprendizagens poderiam mais e melhores caso o projeto fosse implementado por mais tempo, havendo uma maior variedade de abordagens diversificadas para que provocasse um maior impacto.

O projeto das emoções, foi sem dúvida um dos mais desafiantes, na medida em que todas as pessoas têm diferentes formas de as demonstrar e exprimir. Assim, era bastante importante conhecer cada uma das crianças, para que fosse possível compreender em que medida o projeto estava a contribuir para o seu desenvolvimento.

Em suma, considero que todos os projetos foram bastante impactantes, pela sua adequação às necessidades e características das crianças/alunos e pela observação que se realizou a nível do desenvolvimento de cada um.

PARTE II – Exercício Investigativo

2. Fundamentação Teórica

A investigação que se pretende realizar tem como objetivo dar resposta à questão “Qual o papel da organização do ambiente educativo das salas de Jardim de Infância e 1º ciclo do Ensino Básico na aprendizagem?”. Desta forma existem três objetivos primordiais:

1. Identificar as conceções dos docentes sobre a importância do espaço e a organização do ambiente educativo na aprendizagem;
2. Identificar formas e procedimentos de organização do ambiente educativo que favoreçam a aprendizagem;
3. Caracterizar o impacto da pandemia na organização do ambiente educativo da sala e na aprendizagem.

Esta temática surgiu, principalmente, de dúvidas e curiosidades pessoais acerca de práticas observadas em contexto de estágio e familiares.

As diferentes formas de organização da sala, possuem, certamente, vantagens e desvantagens, e é essas que se pretende observar e analisar, complementando com opiniões de profissionais na área. Objetiva-se, igualmente, um enriquecimento enquanto futura profissional na área de forma a encontrar possíveis soluções para as diferentes situações que poderão surgir.

Assim, nesta parte do relatório, far-se-á uma revisão de literatura sobre o tema em estudo onde serão abordados os pontos de vista teóricos de diferentes autores.

2.1 Formação inicial de professores

A formação inicial de professores faz parte do processo de preparação científica de indivíduos. Assim formar e preparar cidadãos “alfabetizados cientificamente” requer

que os percursos formativos sejam encarados de forma diferente da tradicional, passando a centrar-se mais na preparação dos indivíduos para intervenções práticas e úteis e a desenvolver-se, sobretudo, “numa perspetiva sistémica” (Bernardes, 2013, p. 27) que ultrapasse “o universo escolar” (Canário, 2008, p. 32). Cabe a indivíduos que frequentem este curso dotar os alunos de um conjunto de saberes e capacidades indispensáveis à vida em sociedade e às mudanças que ocorrem não só no país como, também, no Mundo, sendo que, assim, é imprescindível que exista uma formação inicial completa e de qualidade visto que “se os contextos em que ocorre a aprendizagem são diversificados, também diversos podem ser os resultados que se verificam após as situações de formação, nomeadamente a transferência para o trabalho” (Bernardes, 2013, p. 27).

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86, alterada pela Lei nº 49/2005), devem proporcionar-se “aos educadores de infância e aos professores dos 1º e 2.º ciclos da educação básica informação, métodos e técnicas científicos e pedagógicos de base, bem como a formação pessoal e social adequadas ao exercício da função”, sendo esta formação “integrada quer no plano da preparação científico-pedagógica quer no da articulação teórico-prática”. Assim, reforça-se, e revela-se de extrema importância, a ideia de diversificação de contextos, referida acima por Bernardes.

A evolução dos tempos é um fator de extrema importância que altera toda a formação, sendo necessária uma adequação daquilo que é considerado “tradicional”, sendo exemplo a crescente utilização de recursos digitais no ensino. Neste sentido, no documento de divulgação do Seminário do CNE é possível constatar que “A evolução do sistema de ensino e da sociedade em geral coloca novas exigências ao exercício da profissão de professor, requerendo competências cada vez mais complexas e diversificadas a que a formação inicial de professores não poderá ser alheia. A constatação, em estudos empíricos, de que a qualidade das práticas pedagógicas é um dos fatores determinantes dos resultados dos alunos, leva-nos a reconhecer a importância da formação inicial e aponta para a necessidade de refletir sobre a sua conceção e organização. As instituições de Ensino Superior responsáveis por essa formação inicial têm responsabilidades acrescidas na adequação da sua oferta às necessidades do sistema educativo e ao nível de exigência científica e pedagógica dos futuros professores.”

Em suma, a formação inicial é um aspeto de bastante importância que tem sido apontada como um dos principais elementos, no sentido de intervir na qualidade do

ensino ministrado nos sistemas educativos, no âmbito nacional, estadual ou municipal” (Ghendin et al., 2008, p.23), já que “quando se fala de aprendizagem, fala-se, inevitavelmente, de professores” (Nóvoa, 2009, p.1).

2.2 Organização do ambiente Educativo

Cardona (2007, p.11) diz-nos que “o processo ensino-aprendizagem depende em grande parte da forma como o trabalho é planeado, da organização do ambiente educativo, da forma como esta condiciona a organização do grupo, da forma como a partir desta organização se dinamizam as atividades possíveis de serem realizadas pelas crianças”. Assim, o ambiente educativo é um conceito abrangente que, de acordo com Bronfenbrenner (ano desconhecido) citado por Borges (2019, p.37), “apresenta como factores (...) o tempo, o espaço, as relações e papéis interpessoais”.

Segundo o Ministério da Educação (2016, p.21), a organização do ambiente educativo envolve a organização, dinâmica, de espaços, tempos e intervenientes. Esta assenta em perspetivas sistemáticas e ecológicas, sustentadas pelo pressuposto de que o desenvolvimento humano é um processo complexo de relação com o meio. Desta forma, não é apenas o meio que influencia o individuo como, igualmente, o meio é influenciado pelo mesmo, que com ele interage.

A forma de organização do ambiente, de acordo com o Decreto-Lei 241/2001, é da responsabilidade do educador de infância que “concebe e desenvolve e o respectivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas”. Em relação ao âmbito do ambiente educativo, o mesmo Decreto diz-nos que o educador de infância “a) Organiza o espaço e os materiais, concebendo-os como recursos para o desenvolvimento curricular, de modo a proporcionar às crianças experiências educativas integradas; b) Disponibiliza e utiliza materiais estimulantes e diversificados, incluindo os seleccionados a partir do contexto e das experiências de cada criança; c) Procede a uma organização do tempo de forma flexível e diversificada, proporcionando a apreensão de referências temporais pelas crianças; d) Mobiliza e gere os recursos educativos, nomeadamente os ligados às tecnologias da informação e da comunicação; e) Cria e mantém as necessárias condições de segurança, de acompanhamento e de bem-estar das crianças”. Nesta linha de pensamento, Formosinho e Gâmbôa (2011, p.28), referem que cabe ao educador, tendo em conta o grupo, organizar o espaço da sala, devendo esta organização centrar-se a flexibilidade

sendo “conhecida da criança para que possa desenvolver as capacidades de autonomia e colaboração no âmbito do brincar e aprender”. Assim, a apropriação do espaço pelas crianças permite-lhes fazer as próprias escolhas e utilizar os materiais de diversas formas aliando a criatividade de uma forma mais complexa.

Neste sentido, não existe um documento regulador da prática do professor na direção da organização do ambiente educativo. No entanto, sendo o professor promotor de aprendizagens deverá existir uma preocupação com o mesmo, tentando adaptar o ambiente educativo e todas as suas componentes às características dos alunos e da instituição educativa.

A abordagem sistemática e ecológica surge aquando do debate do tema. Referenciado no documento do Ministério da Educação (2016, p22) apresenta-se como uma perspetiva de compreensão da realidade. Esta permite que as necessidades das crianças e dos adultos, bem como as suas características, sejam tidas em conta, tendo por base a análise do real, adaptando-se a intervenção do educador ou professor às crianças e ao meio social. Esta adequação possibilita compreender melhor cada criança, de forma a que se respeitem as suas características, cultura e saberes; contribuir para a dinamização do contexto; perspetivar o processo educativo de forma integrada, tendo por base que a criança se desenvolve e aprende em interação com os outros e com o meio. Considera-se esta abordagem bastante útil e adequada ao tema tendo em conta que para que se faça uma organização eficaz do ambiente educativo é necessário que se tenham em conta variados aspetos referidos na descrição da abordagem. A compreensão destes aspetos e a prática dos mesmos fará com que a organização do ambiente educativo seja feita de forma ponderada e consciente, propiciando um desenvolvimento integral de todos os intervenientes.

Aqui, é também importante destacar Bronfenbrenner, visto que estudou a forma como o ser humano e o ambiente se relacionam e desenvolveu o Modelo Ecológico do desenvolvimento humano. Nesta abordagem ecológica, o centro da estrutura é o indivíduo relacionando-se este diretamente com o microssistema, definido como padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experimentadas ao longo do tempo pela pessoa em desenvolvimento num dado contexto com características físicas e materiais particulares. Tendo em conta a definição apresentada, é perceptível a importância do ambiente educativo no desenvolvimento de um ser humano, sendo que o ambiente influencia o sujeito e o sujeito, por sua vez, influencia o ambiente, havendo uma relação de interdependência fundamental, muito de encontro àquilo que é expectável e à abordagem sistémica e ecológica.

Desta forma, tendo por base que o ambiente educativo é um termo abrangente e de acordo com o Ministério da Educação (2016, p.22), o mesmo assenta em algumas dimensões que permitem uma organização de forma equilibrada e adequada. Estas dimensões são:

- Organização do estabelecimento educativo: deve organizar-se como contexto facilitador de aprendizagem e desenvolvimento. Deve, ainda, estabelecer procedimentos de interação entre os diferentes intervenientes e tem um papel na gestão de recursos humanos e materiais. Cada estabelecimento educativo tem as suas próprias características e uma especificidade que resulta da rede onde está inserido.
- Organização do ambiente educativo da sala:
 - Organização do grupo: a dimensão relacional, entre os diferentes intervenientes da sala, constitui a base do processo educativo. Apresenta como fatores que influenciam o funcionamento do grupo as características individuais das crianças, a extensão do grupo, o sexo das crianças e as diferentes idades que as crianças possam ter. Neste sentido, devem promover-se dinâmicas que impactem os processos de aprendizagem no sentido de promover o respeito por cada criança, o sentimento de pertença a um grupo, o trabalho colaborativo, o entendimento da perspetiva do outro, a participação e a regulação da vida em grupo.
 - Organização do espaço: remete-nos para o tipo de equipamento, materiais e para a organização e utilização que se faz dos mesmos.
 - Organização do tempo: representa a forma como se sucedem os dias e se planificam e executam as rotinas das crianças. Trata-se de organizar o tempo de forma flexível e, igualmente, estruturada de forma a que os diferentes momentos sejam significativos para as crianças.
- Relações entre os diferentes intervenientes: representa as relações e interações que se estabelecem entre os diferentes intervenientes do processo educativo (criança-criança; criança-adulto; famílias; entre profissionais; e, com a comunidade).

Todas as dimensões, quando ponderadas e colocadas em prática, em simultâneo, promovem o desenvolvimento integral da criança e a criação de rotinas, indispensáveis ao desenvolvimento.

Assim, de acordo com Zabalza (2001, p.19), “O ambiente é um educador à disposição tanto da criança, como do adulto. Mas só será isso se estiver organizado de um certo modo. Só será isso se estiver equipado de uma determinada maneira”. Esta citação reforça a ideia da abordagem sistémica e ecológica e o Modelo Ecológico do Desenvolvimento, na medida em que se nota a necessidade de reflexão para a organização do ambiente, tendo em conta os aspetos referidos nas abordagens apresentadas anteriormente.

Tendo em conta as diferentes dimensões, o foco será a organização do espaço, de forma a cumprir os objetivos de toda a investigação.

2.3 Organização do espaço físico

O espaço físico, que se pretende analisar, faz parte da organização do ambiente educativo da sala, que, por sua vez, faz parte da organização do ambiente educativo, juntamente com a organização do grupo e do tempo, já caracterizados no ponto anterior. Este, apresenta-se como importante visto que exerce “um papel ativo no processo educativo” (Zabalza, 1998, p.122).

Desta forma, e acordo com o autor referido anteriormente (1992, p.120), “O espaço na educação constitui-se como uma estrutura de oportunidades. É uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das actividades instrutivas. Será facilitador, ou pelo contrário limitador, em função do nível de congruência relativamente aos objectivos e dinâmica geral das actividades postas em marcha ou relativamente aos métodos educativos e instrutivos que caracterizam o nosso estilo de trabalho.”.

Tendo em conta a temática e a confusão que podem criar os conceitos de ambiente e espaço, um primeiro momento, é importante diferenciá-los. Desta forma, ambiente é um termo mais global que incorpora, de acordo com Forneiro (1998, p.234), quatro dimensões: a temporal que se refere à organização do tempo, a relacional relativa às diferentes relações que se podem estabelecer dentro de uma sala, a funcional que se relaciona com a forma de organização do espaço e, por fim, a física referente ao aspeto

material do ambiente. Assim, a inter-relação entre as quatro permite a existência do ambiente. Por sua vez, segundo Forneiro (1998), o espaço refere-se aos locais onde as atividades são realizadas, aos móveis, aos materiais, aos objetos e decoração, enquanto o termo ambiente diz respeito ao conjunto desse espaço físico, às relações que nele se estabelece e às interações.

Assim, o espaço é uma componente do ambiente e remete-nos para a dimensão física e tudo aquilo que o mesmo pode contemplar. De acordo com Weinstein (1998, p.79) “os ambientes construídos para crianças deveriam atender a cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil, no sentido de promover: identidade pessoal, desenvolvimento de competências, oportunidades para crescimento, sensação de segurança e confiança, oportunidades para contacto social e privacidade”. Gandini (1998) refere que o espaço poderá ser visto como um terceiro educador, como um espaço que ensina, sendo que, para que isso aconteça, é necessário haver flexibilidade para que o mesmo possa ser constantemente revisto e reorganizado tanto pelas educadores como pelas crianças, sendo fundamental a participação das crianças para que o espaço seja significativo. O autor refere ainda que é preciso que existam espaços nos quais as crianças possam interagir, sentindo-se seguras e com liberdade, sendo que, desta forma, se sentirão à vontade para explorar, atividade de grande importância para que exista desenvolvimento.

Catita (2007, p.6) diz-nos que “as crianças aprendem através das experiências práticas iniciais. As ideias que se desenvolvem através dessas experiências práticas, vão-se transformando em conceitos, como resultado da acumulação de informações e experiências que se confrontam com os conhecimentos adquiridos e que contribuem para a construção do mundo real das crianças”. Torna-se evidente que para exista esta transformação em conceitos e a construção do mundo real, é importante que as crianças tenham à sua disposição condições e materiais adequados e que a sua organização seja refletida, porque essa mesma organização influencia a autonomia, a aprendizagem, o desenvolvimento e as interações que a criança estabelece. Consequentemente, uma boa organização favorece o desenvolvimento pessoal, social, de competências, confiança e segurança, levando a progressivas aprendizagens sobre o mundo e sobre si própria. Esta organização, e consequente reflexão sobre a mesma, deverá incluir aspetos das vivências e características das crianças, para que as mesmas se identifiquem com o espaço e se sintam à vontade para o descobrir em todas as suas potencialidades. Neste sentido, Cunha (2013, p.5) afirma, ainda, que “o espaço pedagógico é muito mais que um amontoado de materiais, mesas e cadeiras. É um espaço que estimula destrezas, provoca interrogações e comunica com as crianças”.

Em relação à organização dos espaços, Forneiro (1998, p.255) ressalta, ainda, a importância da organização dos mesmos em função das atividades: “Parece óbvio que o espaço deve estar organizado, em primeiro lugar, em função da atividade que será desenvolvida no mesmo. A atividade é, sem dúvida, o elemento que condiciona mais claramente a estrutura do espaço. De facto, quando designamos os espaços de uma sala de aula, fazemo-lo quase sempre em função das atividades: canto do jogo simbólico, canto da atividade gráfica, canto das artes, canto dos jogos de construção, etc.” Ou seja, a atividade e aquilo que pretendemos que a criança aprenda deve moldar o espaço, de forma a que a experiência se faça de forma adequada e integral. No entanto, os espaços “pré-definidos”, ou seja, aqueles com que a criança contacta na sua chegada, apresentam diversas potencialidades que podem ser exploradas, adaptando-se pequenos aspetos dos mesmos de acordo com a intencionalidade pretendida.

Na organização do espaço físico, é importante referir-se o envolvimento das crianças no processo. Este permite que as mesmas se sintam incluídas e com poder de decisão, construindo vivências que a aproximam da realidade e promovendo o seu desenvolvimento pessoal e social, conducentes ao seu desenvolvimento na integra.

Neste sentido, Junqueira-Filho (2011, p.54) afirma que educadores e crianças “são uma dupla forte, um par dinâmico que pode muito na vida de cada um deles, na vida da escola”, ou seja, a interação entre o educador e a criança permite que se construa o carácter pedagógico do espaço escolar. Desta forma, considera-se pertinente referir a necessidade da participação da criança no processo de organização do espaço porque como é para elas deve ser construído por elas. Neste sentido Filgueiras (2010, p.61) defende que “é importante que as próprias crianças participem nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar”.

Ministério Da Educação (2016, p.17) refere que “o processo de aprendizagem implica que as crianças compreendam como o espaço está organizado, e como pode ser utilizado, já que o conhecimento do espaço, materiais e atividades aí possíveis favorecem a autonomia da criança”. Partindo deste pressuposto, é possível perceber a importância do envolvimento total das crianças, sendo este promotor de desenvolvimento. Ao conhecer bem o espaço as crianças conseguem, de acordo com Cardona (1999, p. 136), “funcionar autonomamente em relação ao educador, conseguindo participar mais ativamente em todo o trabalho desenvolvido”.

Habitualmente, os espaços, nas salas de jardim de infância, são organizados tendo por base diversas áreas, visto que “definir áreas de interesse é uma maneira

concreta de aumentar as capacidades de iniciativa, autonomia e estabelecimento de relações sociais das crianças” (Hohmann e Weikart, 1997, p.165), tendo em conta, ainda, que estas “favorecem a capacidade de iniciativa” (Hohmann e Weikart, 2011, p.165). Em relação às salas de 1º Ciclo do Ensino Básico, a necessidade de ocupação de grande parte do espaço com mesas de trabalho, leva a que não existam, muitas vezes, diversas áreas definidas, como por exemplo, uma área para as tecnologias da informação e comunicação ou para as ciências experimentais. No entanto, os espaços das mesas de trabalho, quando devidamente adequados e preparados, podem potenciar diversificadas atividades.

As áreas permitem “ver quais as opções possíveis, pois cada área apresenta um único conjunto de materiais e oportunidades de trabalho” (Hohmann et. al., 1979, p.51).

Neste enquadramento pode referir-se que a organização da sala em áreas é uma necessidade indispensável para a vida em grupo e que a mesma contém mensagens pedagógicas quotidianas (Oliveira-Formosinho, 1996, p.67), mensagens estas de extrema importância para adquirir conhecimentos.

Pode, então, referir-se que as áreas permitem à criança vivenciar diversas situações de aprendizagem. Assim, por exemplo, a área da biblioteca estimula para a leitura, para o conhecimento das letras e favorecerá a imaginação; a existência de uma área de jogos e blocos de encaixe contribuirá para a criatividade e favorecerá o pensamento lógico-matemático; a área da casinha (ou jogo simbólico) permitirá a representação de situações quotidianas e de papéis sociais, desenvolvendo-se, desta forma, relações interpessoais; a área da expressão plástica ajudará no trabalho da coordenação motora, agilidade e perceção espacial, desenvolvendo a autoexpressão e a imaginação; a área do computador, que é cada vez mais indispensável, tendo em conta o mundo atual, para que se ensinem formas adequadas de utilização e de segurança; a área de grande grupo, vulgarmente conhecida como área do tapete, que se apresenta como local privilegiado para conversar, debater e ouvir as crianças, propício para fomentar as relações interpessoais e a própria língua de diálogo; entre outras que o educador ache pertinente incluir na sua organização, de acordo com as características e necessidades das crianças.

Desta forma, a diversidade de áreas que poderão existir no espaço poderão ser justificadas pelo facto de existirem diferentes necessidades que as crianças podem apresentar em diferentes momentos. Neste sentido, Hohmann e Weikart (2011, p. 171) esclarecem que “as mudanças na organização do espaço e do equipamento podem e devem ser feitas ao longo do ano para acomodar o desenvolvimento e evolução dos

interesses das crianças”. Em jeito de reforço, Gandini (1999, p. 157) refere que “o ambiente precisa ser flexível; deve passar por uma modificação frequente pelas crianças e pelos professores a fim de permanecer atualizado e sensível às suas necessidades de serem protagonistas na construção do seu conhecimento”.

Em jeito de conclusão, é importante voltar a destacar alguns aspetos relevantes a ter em conta na organização do espaço. Desta forma, o mesmo deve oferecer às crianças confiança, segurança e bem-estar, respondendo, ainda, às suas necessidades de forma a que lhe permita fazer escolhas, explorações, descobertas, tomar decisões, interagir com os objetos e materiais, trabalhar com os amigos, brincar e criar laços afetivos. Todos estes parâmetros são cruciais ao desenvolvimento, autonomia e aprendizagem.

Nesta linha de pensamento “as crianças precisam de espaço para usar objetos e materiais, criar e resolver problemas; espaço para se mover livremente, falar à vontade sobre o que estão a fazer; espaço para guardar as suas coisas e exibir as suas invenções; e espaço para os adultos se lhes juntarem para as apoiar nos seus objetivos e interesses” (Hohmann e Weikart, 2011, p.162). É fácil, desta forma, perceber que muito se deve, e se relaciona, ao e com o espaço.

Do ponto de vista pedagógico, considera-se que todas as áreas presentes em sala têm a sua importância para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças.

2.4 Influência do espaço físico na aprendizagem

Segundo Oliveira-Formosinho e Araújo (2013, p.93), num contexto educativo é fundamental o educador ter em conta a forma como organiza os espaços e os materiais que coloca ao dispor das crianças, estando sempre atento ao desenvolvimento e aos interesses do seu grupo, pois o “ambiente físico e material [...] deverá refletir a crença na competência participativa da criança e criar múltiplas oportunidades para o seu bem-estar, aprendizagem e desenvolvimento”

Assim, Oliveira-Formosinho (2011, p.11) refere que o espaço da sala é efetivamente um território organizado para a aprendizagem, sendo importante que esteja organizado de forma a envolver a criança de forma afetiva e acolhedora, onde é mesma é ouvida e valorizada, de forma a, conseqüentemente, aumentar o seu desejo de aprender. Neste sentido Malaguzzi (1984, cit in Gandini, 1999, p.157) afirma que

“valorizamos o espaço devido ao seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis...promover escolhas e atividade, e o seu potencial para iniciar toda a espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva”.

De acordo com Abramowicz e Wajskop (1999, pp.31-34) a organização dos espaços afeta “o que a criança faz, interfere na percepção que a criança tem da realidade, modifica suas atividades e a maneira como utiliza os materiais, influencia sua capacidade de escolha, transforma as interações com as outras crianças e com os profissionais”. Aqui é importante que se destaque, novamente, a citação de Gandini que nos diz que o ambiente é um terceiro educador à disposição.

Em forma de confirmação da importância do espaço para a aprendizagem e desenvolvimento, Lima (2001, p.16) afirma que “o espaço é muito importante para a criança pequena, pois muitas das aprendizagens que ela realizará nos seus primeiros anos de vida estão ligadas aos espaços disponíveis e/ou acessíveis a ela”.

Assim, é pertinente questionar a forma de organização proposta pelos modelos educativos. Desta forma, realizar algumas pesquisas e abordar esta temática parece, de todo, pertinente, tendo por base que a organização do espaço poderá ser, em grande parte, influenciada pelos modelos.

Neste âmbito, Cunha (2013, p.6) afirma que “Não existe um “modelo ideal” de organização do espaço, pois este é organizado em função do grupo de crianças que acolhe”. Ainda neste sentido, o mesmo autor refere que “a organização do espaço pedagógico, por si só, não é suficientemente educacional se não estiver recheado de materiais educativos adequados ao desenvolvimento, aos interesses e à cultura das crianças, valorizando a experimentação, a reflexão e a cooperação de todas elas”. Desta forma, é possível entender a importância de observar as crianças e as suas necessidades de maneira a que o espaço seja, efetivamente, significativo.

Assim, o espaço físico poderá obedecer a determinadas características em muito influenciadas pelos modelos educativos adotados pelas instituições e/ou professores.

Desta forma, serão focados, relativamente ao jardim de infância, os modelos High-Scope, Movimento Escola Moderna e Régio Emilia, Montessori, trabalho de projeto e Waldorf; e, relativamente ao 1º ciclo, os modelos de ensino expositivo, de instrução direta e de ensino colaborativo/cooperativo. Serão referidas, ainda, as disposições das mesas em U, em círculo e os ambientes educativos inovadores. Far-se-á uma abordagem a cada um deles, referindo-se as suas dimensões físicas e funcionais.

Independentemente do modelo, primeiramente, é importante referir que todos os espaços deverão ser flexíveis, ajustando-se sempre em caso de necessidade, ou por meio das propostas das crianças.

High-Scope

O modelo educativo High-Scope baseia-se nas teorias de Jean Piaget (1896-1910) e fundamenta a sua intervenção na realização de propostas que valorizam a ação e o envolvimento direto da criança, promovendo o seu desenvolvimento natural. Neste sentido, o papel do educador deverá ser de apoiante, tanto nas escolhas feitas por parte das crianças como na resolução de problemas que possam surgir, possibilitando momentos em que a criança experimente e contacte diretamente com a realidade. A sua ação é precedente à da criança cabendo-lhe o papel de preparar “espaço, materiais, experiências para que a criança possa então ter actividade autoiniciada. Uma vez iniciada a actividade da criança, o papel do adulto é, na maior parte das vezes o de observar e apoiar e, posteriormente, o de analisar a observação e tomar decisões ao nível de novas propostas” (Oliveira-Formosinho, 1998: 60). Este modelo é, maioritariamente utilizado na educação pré-escolar, sendo que seria interessante a sua abordagem mais frequente no 1º ciclo passando pela “promoção do envolvimento da criança na planificação, desenvolvimento e avaliação das suas actividades de aprendizagem” (Gomes, 2014).

Neste modelo educativo, a divisão deverá ser bastante perceptível, com materiais agrupados por categorias e que sejam de fácil acesso, existindo a necessidade de as prateleiras serem baixas facilitando a acessibilidade e levando à independência da criança. Dever-se-á, ainda, aquando da categorização dos materiais, etiquetar cada espaço ou caixa. Os espaços deverão ser diversificados, existindo áreas que permitam diferentes aprendizagens como a área da casa, das actividades artísticas, da areia e da água, dos blocos, da leitura e escrita, da música e movimento e, ainda, dos computadores. Todas estas áreas poderão ser alteradas por outra que, no momento, se considere mais significativa para a aprendizagem das crianças, como por exemplo, a área da loja. Nesta perspetiva, “permite-se à criança experienciar o Mundo de diversos ângulos, fazer desta experiência uma aprendizagem activa (ela escolhe, ela usa, ela manipula), e permite ao educador uma consonância entre as mensagens verbais e as não verbais, uma coerência entre o currículo explícito e o implícito, uma facilitação das suas propostas” (Oliveira-Formosinho, 1998, p.69).

De acordo com Post e Hohmann (2011, p. 100), “Num programa High/Scope para bebês e crianças pequenas, as pessoas que prestam cuidados organizam e equipam o ambiente de modo a proporcionar às crianças conforto e bem-estar e, ao mesmo tempo, a oferecer-lhes amplas oportunidades de aprendizagem ativa”.

Movimento Escola Moderna

O Movimento Escola Moderna contempla a escola “como um espaço de iniciação às práticas de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática” (Niza, 1998, p.141) apresentando como finalidade construir conhecimentos, processos e valores morais e estéticos, através da partilha de experiências entre os indivíduos. As partilhas, aqui referidas, deverão acontecer entre a criança e o educador e, também, entre as próprias crianças, proporcionando uma partilha de conhecimentos.

Em relação ao espaço educativo, de acordo com Oliveira-Formosinho (2013, p.142), este deve subdividir-se em seis áreas “básicas de atividades”, contemplando também uma área central polivalente composta por mesas e cadeiras suficientes para todo o grupo onde se realizam alguns momentos do dia. Assim, em relação às áreas, podem referir-se a da biblioteca e documentação, que deverá proporcionar conforto e colocar à disposição das crianças uma boa fonte de documentação que as cativa, como livros e revistas; a área da oficina de escrita, que, geralmente, conta com um computador e impressora, e reserva um espaço para que se exponham os textos enunciados pelas crianças, ou pelo educador, ou, até mesmo, as tentativas de pré-escrita das crianças; a área do laboratório das ciências, que deverá estar apto a proporcionar atividades simples que envolvam medições, pesagens, observação e a própria realização de experiências; a área da carpintaria que deverá permitir a elaboração de construções com diversas finalidades (por exemplo, instrumentos musicais); a área do atelier de plástica, que deverá conter materiais de pintura, desenho e moldagem de forma acessível para que se cumpram diversas finalidades; e o canto dos brinquedos que deverá incluir jogos e materiais que promovam brincar ao “faz-de-conta”. Para além destas, deverá existir ainda uma cozinha ou espaço de substituição que possa apoiar os projetos das crianças.

É de destacar, ainda, que todas as áreas devem ser o menos redutoras e infantis, ou seja, deverão aproximar-se o máximo da realidade e recriar espaços reais da sociedade adulta, utilizando materiais autênticos.

Em relação as paredes do espaço, deverão, sempre que possível, conter produções das crianças, o plano de atividades, a lista semanas dos projetos, o quadro de distribuição de tarefas, o mapa de presenças e o diário de grupo (Niza, 1998, pp.139-156).

Modelo Reggio Emilia

O modelo Reggio Emilia rege-se pela máxima de que se devem encorajar as crianças a expressarem-se, seja de que forma for, sendo a ênfase do modelo a voz da criança. Desta forma, o objetivo principal do modelo é criar um ambiente de partida, onde a criança se desenvolve numa estreita relação com o meio envolvente e onde seja possível o trabalho de cooperação e colaboração entre todos os intervenientes - crianças, educadores, famílias e comunidade.

As dinâmicas que ocorrem em cada momento e em cada espaço devem ser apoiadas pelo adulto, sendo esse um papel fundamental. Desta forma, o educador deverá organizar um ambiente propício de uma diversidade de experiências, onde “As crianças são protagonistas activos que se completam através do diálogo e interação com os outros, (...) o adulto serve de apoio, guia e fonte de recursos para a aprendizagem” (Lino, 1998, p.114).

Em relação à organização do espaço, a principal a apontar é a *piazza*, que Lino (1998, p.107) explica como: “em cada escola existe um espaço comum a *piazza* à volta do qual estão dispostas as três salas de actividades”. Existe ainda “um atelier, uma biblioteca com computadores, um arquivo, uma sala para guardar materiais, uma cozinha, um refeitório e diversas casas de banho” (Lino, 1998: 107). Desta forma, o espaço encontra-se dividido por áreas com locais destinados à motricidade, às construções, ao jogo simbólico e uma área destinada a momentos de maior tranquilidade. Em relação aos materiais, todos deverão estar identificados e ser cuidadosamente escolhidos de acordo com o público-alvo, o seu nível de desenvolvimento, necessidades e interesses.

Nas paredes deverão existir, ainda, diversos expositores que contenham os trabalhos das crianças e os registos de todas as atividades realizadas.

Modelo Montessori

O método Montessori foi desenvolvido e apelidado por Maria Montessori (1870-1952) e é fundamentado na observação, sendo o seu principal objetivo ajudar o desenvolvimento da vida da criança de forma integral e profunda.

O termo “ambiente preparado” é a designação para o espaço físico neste modelo. Segundo o mesmo, deve ser criado um ambiente onde a descoberta e a aprendizagem são estimuladas. No entanto, este ambiente não deve ser hiperestimulante, ou seja, deve ser tranquilo, composto de cores claras mas convidativas aos olhos das crianças, permitindo que estas se sintam confortáveis e seguras para construir, descobrir e enfrentar desafios. É também importante que tudo esteja organizado de forma acessível para que as crianças tenham total autonomia, sendo que esta organização, mais propriamente a dos materiais, dever-se-á fazer do mais simples para o mais complexo.

Em relação às áreas, estas são organizadas por assuntos. Assim, podem enumerar-se as áreas da vida prática, da linguagem, dos estímulos sensoriais, da lógica e matemática, e das artes e ciências.

Trabalho de projeto

William Kilpatrick (1871-1965) formou o método de trabalho de projeto. Este valoriza as relações, a negociação das aprendizagens entre os diferentes agentes educativos, a partilha de decisão, a cooperação entre a família e a escola e o meio físico e cultura envolvente da escola. Esta adota uma metodologia que capacita a criança para fazer escolhas a vários níveis.

As áreas geralmente utilizadas são: a área das expressões, a área dos jogos, a área das construções, a área do “faz de conta” e a área da biblioteca/mediateca. No entanto, e de acordo com o Ministério da Educação (1998, p.147), “o espaço, em pedagogia de projeto, não se pode circunscrever às quatro paredes da sala de atividades. Deve transcrevê-las, tornando todo o espaço escolar e extraescolar (bairro, aldeia, cidade, etc.) como espaço educativo.”

Modelo Waldorf

O modelo Waldorf é baseado na filosofia de Rudolf Steiner (1861-1925) e abrange todas as dimensões humanas que estão em interação com o mundo. Este explica e fundamenta o desenvolvimento dos seres vivos segundo princípios gerais evolutivos que compreendem etapas de sete anos, denominadas setênios.

Uma característica importante desta pedagogia é a integração entre as áreas de conhecimento. A matemática é aprendida através de jogos e sons; a ciência está conectada com a arte; a história e o inglês são ensinados através da mitologia e de lendas, sendo intenção a integração das matérias para dar maior dimensão, enlaçar uma com a outra e dar mais vida a cada uma delas.

O principal objetivo é criar ambientes propícios ao desenvolvimento dos órgãos dos sentidos, no entanto não deve existir um excesso de estímulos, apenas os essenciais. Os materiais devem ser naturais e duradouros e devem, também, despertar a fantasia infantil que lhes dará o significado de acordo com as necessidades da imaginação.

A sala deverá ser simplista, as paredes deverão estar mais “despidas” não contendo muita informação e tudo deverá estar adaptado à altura da criança para que as mesmas sejam autônomas.

No 1º Ciclo do Ensino Básico existem, igualmente, modelos de ensino que influenciam a forma como as salas de organizam.

De acordo com Freitas (2008), a questão da disposição das carteiras e das mesas é importante no sentido em que são fundamentais para contribuir para uma aprendizagem significativa. Na mesma linha de pensamento, Zabalza (2001) refere que é necessária a planificação e a gestão dos espaços, na medida em que o ambiente da sala é um poderoso fator que facilitará ou inibirá as aprendizagens, sendo que deverá estar organizado tendo em vista a atividade que se desenvolverá.

Richard Arends fala sobre três modelos de ensino que, segundo o mesmo, condicionam a organização do espaço em sala de aula: o modelo de ensino expositivo, o de instrução direta e o de aprendizagem cooperativa/colaborativa.

Modelo de ensino expositivo

Este modelo caracteriza-se pela existência de um professor bastante orador e por alunos com um papel passivo de ouvintes. Professores que praticam este modelo optam, geralmente, por organizar o espaço em linhas e colunas, apresentando-se, esta, como a forma mais tradicional de organizar o espaço. Este modelo é limitador, sendo que não apresenta uma abordagem centrada no aluno que depende, para a sua aprendizagem, da interação aluno-aluno (Arends, 2011, pp.278-279).

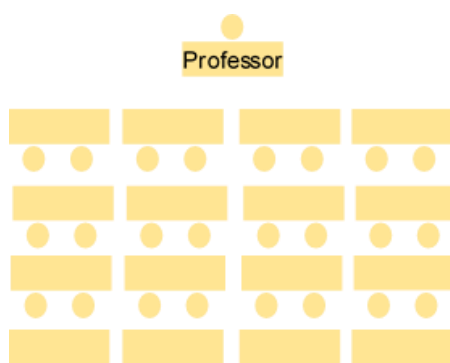


Figura 16 - Modelo de ensino expositivo.

Modelo de instrução direta

Este modelo requer um ambiente de aprendizagem firmemente estruturado pelo professor e orientado para a tarefa. Desta forma, os professores optam, geralmente por uma variante da organização em linhas e colunas, arranjando-se as mesas em fileiras horizontais, permitindo que os alunos se sentem mais perto uns dos outros e do professor. Esta forma de organização do espaço é benéfica para o modelo de ensino, no entanto, à semelhança do modelo de ensino expositivo, continua a ser limitador no que toca à interação aluno-aluno, não sendo conducente a uma abordagem de ensino centrada no aluno (Arend, 2011, pp.303-304).

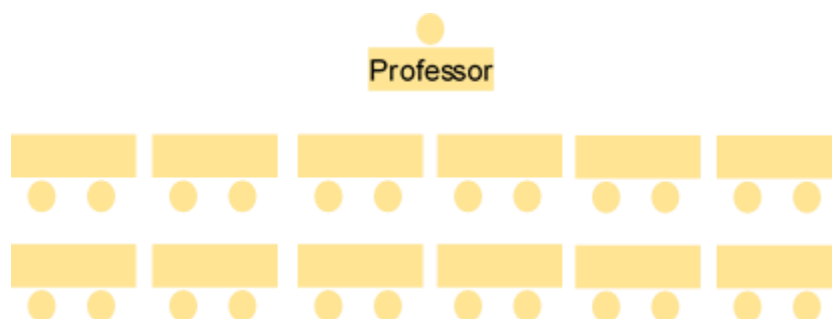


Figura 17 - Modelo de instrução direta.

Modelo de ensino cooperativo/colaborativo

Este modelo contempla metas e objetivos sociais e de relações humanas. Desta forma, as mesas são organizadas em grupos de quatro ou de seis assentos. Esta organização por grupos é bastante útil para a aprendizagem cooperativa pois permite tarefas em pequenos grupos e a interação entre os alunos. No entanto, num momento de necessidade de os alunos verem e escutarem as aulas, surge a necessidade de moverem as cadeiras para que fiquem de frente para o professor (Arend, 2011, pp.374-375).

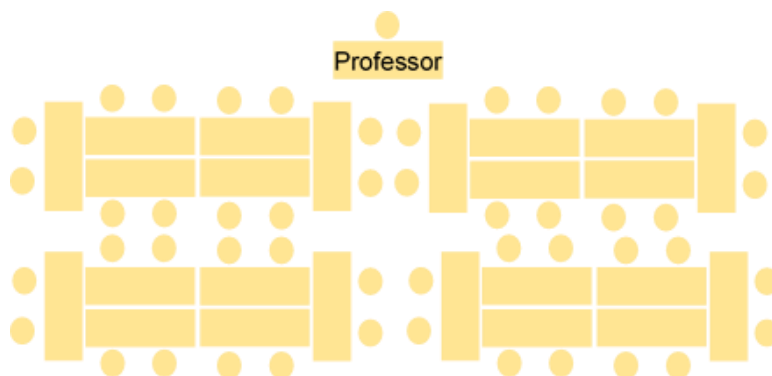


Figura 18 - Modelo de ensino colaborativo/cooperativo (1).

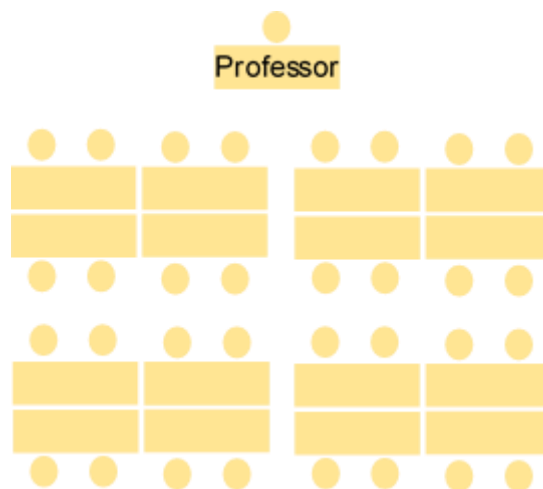


Figura 19 - Modelo de ensino colaborativo/cooperativo (2).

Por outro lado, e tendo em conta que, para Arends, a discussão é um fator importante que se apresenta como estratégia de ensino que permite aos alunos expor o seu pensamento e ao professor corrigir algumas falhas de raciocínio, o autor refere duas disposições do espaço que favorecem claramente esta estratégia de ensino (existindo, de igual forma, limitações nas mesmas): a disposição das mesas e cadeiras em U e em círculo (Arends, 2011, pp.441-442).

É importante, à priori, referir que estas formas de organização permitem que os alunos se vejam uns aos outros, condição apontada como fundamental para a interação verbal.

Disposição das mesas e cadeiras em U

Esta forma de disposição confere mais autoridade ao professor, característica de relevância no trabalho com grupos que não têm habilidades de discussão ou onde a gestão do comportamento é um problema. Este permite liberdade de movimento ao professor visto que se pode mover dentro do U para fazer um contacto mais próximo com os alunos, sempre que se revelar necessário.

No entanto, revela-se uma desvantagem a distância emocional entre o professor, como líder da discussão, e os alunos. Aqui, apresenta-se, também, uma considerável distância física entre os alunos que estão sentado à frente no U e aqueles que estão sentados atrás.



Figura 20 - Disposição das mesas e cadeiras em "U".

Disposição das mesas e cadeiras em círculo

Esta forma de disposição do mobiliário minimiza a distância emocional e física entre alunos e professor e maximiza as oportunidades dos alunos falarem livremente uns com os outros. No entanto, inibe a movimentação do professor e tem de existir uma atenção

redobrada aos tipos de diálogos entre os alunos, minimizando o risco de distração dos mesmos.



Figura 21 - Disposição das mesas e cadeiras em círculo.

A organização do espaço físico da sala reflete a ação pedagógica do professor sendo que este deve avaliar o seu próprio estilo de ensino refletindo sobre se gosta de ver os alunos todos ao mesmo tempo, se tenciona realizar atividades em pequenos grupos ou se pretende lecionar em modo expositivo na maior parte do tempo.

Ainda dentro da temática, Hohman e Banet (1997) afirmam que os alunos precisam de espaço para manipular objetos e materiais, fazer exposições, criar e resolver problemas. Neste sentido, os placares constituem-se como espaço útil e de grandes potencialidades, onde podem ser afixados materiais de apoio ou trabalhos realizados pelos alunos. O espaço da sala deve, ainda, ser um lugar aprazível e ter as condições necessárias para que, efetivamente, se realizem aprendizagens significativas (Verdini, 2006).

Ambientes educativos inovadores

Os ambientes educativos inovadores são espaços pensados e desenhados para o desenvolvimento de aprendizagens ativas e centradas nos alunos. Estes nasceram de um conceito criado pela *European SchoolNet*, em 2014, o *Future Classroom Lab*.

Este modelo pretende criar um ambiente que tenha em conta três dimensões: o espaço, a pedagogia e a tecnologia que, interligados, facilitam a proficiência e a

inovação das metodologias nos processos de ensino-aprendizagem. Neste, considera-se que em diferentes atividades os alunos deverão estar em diferentes espaços de aprendizagem, como: (1) ensino para o grupo (turma), que servirá para momentos mais expositivos; (2) trabalho em pequenos grupos, no qual os alunos discutem e partilham ideias e desenvolvem pequenos projetos; (3) trabalho colaborativo de partilha e apresentação de assuntos ou trabalhos; (4) trabalho individual, num momento de reflexão e desenvolvimento de trabalho autónomo; (5) trabalho fora da sala de aula, aproveitando a mobilidade para aprender em contexto real; (6) ubiquidade, sendo que a aprendizagem acontece em qualquer lugar, aproveitando-se as plataformas interativas.

O espaço de aprendizagem divide-se em seis zonas de aprendizagem:

1. Criar: permite que os alunos possam planear e produzir o seu trabalho. Os alunos trabalham com atividades de construção de conhecimentos reais sendo que a análise, o trabalho em equipa e a avaliação são partes importantes do processo;
2. Interagir: pretende-se, nesta zona que os alunos estejam envolvidos de forma ativa. A aprendizagem, aqui, envolve atividades do professor e dos alunos;
3. Apresentar: esta área é dedicada às apresentações e aqui, os alunos, podem usar diversas ferramentas para criar, partilhar, receber feedback e publicar as suas produções;
4. Investigar: nesta área os alunos podem pesquisar, recolher dados e informações, testar ideias e avaliar resultados. Esta zona surge para que os alunos façam a investigação necessária de forma a apresentarem conclusões;
5. Partilhar: nesta zona poderá ser feita a criação do produto final a apresentar, recorrendo aos mais diversos recursos;
6. Desenvolver: os alunos podem pesquisar sobre o que pretendem, construir os seus portefólios de aprendizagem ou realizar outras atividades que complementem o que já aprendera, sendo que poderão depois partilhá-los. Nesta zona é importante a reflexão e a autoavaliação das aprendizagens.

2.5 A pandemia como reorganizadora

De acordo com Martín (2020), a pandemia que se faz sentir é o momento ideal para que se saia de um modelo educativo focado em resultados partindo-se, então, para

outro focado na aprendizagem competente dos alunos, na aquisição de competências, sociais e pessoais, que permita ensinar a enfrentar as adversidades da vida. Este é, então, um momento onde a reflexão acerca das práticas e, neste caso, da própria organização, e importância, do espaço, deve estar presente.

O espaço viu-se comprometido aquando da passagem do ensino presencial para o ensino a distância. Para além de, no ensino a distância, o espaço ser a casa de cada um (criança ou aluno), no ensino presencial muitas foram as alterações realizadas de forma a reduzir possíveis fontes de contágio.

Neste sentido, foram publicados alguns documentos orientadores como forma de dar a conhecer, ao pessoal docente, as medidas a adotar. Os principais pontos dos documentos passam por maximizar o distanciamento físico, sendo, assim, necessário adaptar-se o espaço de forma a, por exemplo, se afastarem mesas para que se garantisse o normal funcionamento das atividades pedagógicas; ou que se criassem regras de restrição do número de alunos por área (nomeadamente no pré-escolar), permitindo esta medida que os alunos rodassem por todas as áreas obtendo os conhecimentos e desenvolvendo capacidades.

Neste âmbito privilegiou-se, também, a utilização do espaço exterior, prevendo-se mais momentos de utilização do mesmo ao longo do dia.

Em relação aos materiais existentes no espaço, o seu número reduziu ao estritamente necessário ou àqueles em que a desinfeção era mais fácil ou possível.

Após o aumento, significativo, da utilização de aparelhos eletrónicos e recursos digitais para que as aulas se realizassem, compreende-se que esta é uma tendência que veio e que perdurará. Os regimes de ensino mistos e não presenciais são meios privilegiados nesta fase que o Mundo ultrapassa, alterando-se todo o ambiente educativo sendo que (quase) todas as divisões da casa se tornaram possíveis salas de aula. Assiste-se, então, a uma resignificação do ambiente educativo e do espaço físico.

3. Metodologia

A metodologia apresenta-se como o “(...) corpo orientador da pesquisa que, obedecendo a um sistema de normas, torna possíveis a seleção e articulação de técnicas, no intuito de se poder desenvolver o processo de verificação empírica” (Pardal, L e Correia, E., 1996, p. 10). Assim, neste capítulo apresentam-se as opções metodologias para a investigação, os participantes, a recolha e análise de dados e as conclusões depreendidas.

3.1 Opções metodológicas

O estudo rege-se por uma metodologia de carácter qualitativo. Esta metodologia, de acordo Bogdan e Biklen (1994), apresenta características específicas o seu tipo, assim: 1) o ambiente assume-se como fonte direta dos dados, sendo que o investigador assume o papel de instrumento principal; 2) os dados são reunidos de forma descritiva; 3) a forma de análise dos dados é indutiva; 4) preocupação, por parte do investigador, com o processo de investigação; 5) são consideradas as experiências dos participantes e a interpretação que fazem da mesma.

No presente estudo, as características apresentadas são consideradas na medida em que: 1) no estudo o investigador está, claramente, implicado no processo de produção de conhecimento sendo que, neste sentido, é bastante importante manter uma preocupação e um rigor constante para que não existe subjetividade na análise dos dados, mantendo o estudo o mais fidedigno possível; 2) efetivamente, os dados recolhidos foram analisados através de uma tabela onde se identificam, primeiramente, categorias e, posteriormente, unidades de registo, que permitem a contabilização de forma a que seja possível obter frequências para cada uma delas; 3) este pressupõe que o ponto de partida seja a observação, fator que se verifica visto que é necessário partir daquilo que observamos, neste caso o espaço físico, para que se teorize e se reflita; 4) este ponto relaciona-se, em parte, com o primeiro sendo que a preocupação, por parte do investigador, está presente na medida em que se esta não existisse todo o estudo seria subjetivo, concluindo-se, desta forma, aspetos relacionados com o pensamento e entender do investigador ao invés dos dados recolhidos; 5) tendo por base que o método de recolha de dados é a entrevista fácil é de compreender que as

experiências e interpretações que os entrevistados fazem da temática são a base para todas as conclusões que possam vir a surgir.

Este estudo centra-se na problemática sendo que tem educadores, professores e futuros profissionais na área como participantes visando apoiar o trabalho de investigação, como por exemplo, na forma de compreender as concepções acerca da temática, identificar formas e procedimentos de organização do espaço que facilitam, ou condicionam, a aprendizagem e de que forma a pandemia influencia a organização do espaço e, conseqüentemente, a aprendizagem.

Trata-se, então, de um estudo qualitativo com características de investigação. De acordo com Coutinho et al (2009, p.360) a investigação-ação pode ser descrita como uma família de metodologias de investigação que incluem, simultaneamente, ação e investigação, com base num processo cíclico, que alterna entre a ação e a reflexão crítica, e onde são aperfeiçoados os métodos, os dados e a interpretação feita à luz da experiência ou conhecimento obtido. Para tal, existem diferentes perspetivas, dependendo sempre da problemática a estudar, sendo que “o essencial na IA é a exploração reflexiva que o professor faz da sua prática, contribuindo dessa forma não só para a resolução de problemas como também (e principalmente) para a planificação e introdução de alterações nessa mesma prática”. A investigação que está, neste momento, a ser realizada, apresenta característica da IA na medida em que a investigação contribuirá para uma melhoria na prática, questionando-se, desta forma, algumas das práticas para que se chegue a conclusões significativas e enriquecedoras.

3.2 Participantes

Os participantes deste estudo foram dois professores de 1º ciclo do Ensino Básico, uma educadora de infância e duas estudantes em formação inicial de professores. A seleção dos participantes obedeceu aos seguintes critérios:

- a) Pertencerem ao grupo-alvo (educadores, professores e estudantes em formação inicial);
- b) Anos de serviço (em relação às participantes em formação inicial, o ano que frequentam);
- c) Desempenho de funções na área aquando da investigação;
- d) Conhecimento, por parte da investigadora, do trabalho que desenvolvem.

Segundo Gray (2004), o respeito pela privacidade dos participantes faz parte dos quatro principais princípios éticos de uma investigação que visa manter restrições à análise dos dados, nomeadamente a características que identifiquem os participantes. Assim, de acordo com os procedimentos éticos que deverão ser tidos em conta nesta investigação, a identidade de todos os intervenientes será preservada, mantendo-se o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos, de forma a garantir o respeito pelos participantes.

3.3 Procedimentos de recolha e análise dos dados

De acordo com os objetivos definidos para a realização do estudo apresenta-se, nesta fase, a forma de recolha e análise de dados. Os dados resultam das entrevistas, semiestruturadas, aos participantes, e da observação e reflexão realizada aquando da realização das práticas de ensino supervisionadas.

Para Manzini (1990/1991, p.154) a entrevista semiestruturada foca-se num assunto sobre o qual se prepara um guião com perguntas principais, sendo estas complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias da entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. Ainda neste sentido, Triviños (1987, p. 152) afirma que a entrevista semiestruturada “(...) favorece não só a descrição dos fenómenos sociais, mas também a sua explicação e a compreensão da sua totalidade (...)” além de manter a presença consciente e ativa do investigador no processo de recolha de dados.

Na recolha de dados, parece, também, importante, referir o carácter participante do investigador, no sentido em que, nas práticas de ensino supervisionadas houve o contacto com os contextos, existindo sempre reflexões a partir do mesmo que ajudam, em certa parte, a compreender e organizar as ideias em relação ao espaços. Neste sentido, assumo ter uma observação participante no estudo, dada a envolvência no contexto. Desta forma, como para Bardin (1997) algumas das técnicas e procedimentos de análise de conteúdo fazem alusão a uma análise documental, recorreu-se, para além das entrevistas, à própria análise das reflexões realizadas nas práticas de ensino supervisionadas, de forma a que existisse uma representação da informação mais relevante dos mesmos para consulta.

Em relação ao guião de entrevista, utilizado para recolher os dados, este é composto por catorze questões, sendo que, ao longo do decorrer da entrevista poderiam surgir mais visto esta ter um carácter semiestruturado. Estas apresentam-se divididas por seis blocos, a saber: 1) caracterização do entrevistado; 2) concepções dos docentes acerca da importância do ambiente educativo da escola/sala; 3) formas e procedimentos de organização do ambiente educativo; 4) formas e procedimentos de organização do espaço físico; 5) impacto da pandemia na organização do ambiente educativo; 6) finalização da entrevista.

Todos os blocos apresentam objetivos de forma a orientarem o processo e cingirem a entrevista aquilo que é, efetivamente necessário. Assim: 1) caracterizar o entrevistado; 2) perceber de que forma os docentes percecionam o ambiente educativo da sala onde exercem e perceber qual a importância do ambiente educativo na aprendizagem; 3) perceber quais as formas de organização do ambiente educativo e compreender os procedimentos de organização do ambiente educativo; 4) perceber quais as formas de organização do espaço físico e compreender as condicionantes do espaço em relação à aprendizagem; 5) perceber de que forma a pandemia influenciou a organização do ambiente educativo da sala; 6) concluir a entrevista.

O guião de entrevista elaborado para as estudantes em formação inicial apresenta os mesmos blocos e objetivos existindo, apenas, modificações em algumas das questões.

A análise de dados realizar-se-á tendo por base a técnica de análise de conteúdo, visão de Laurence Bardin. Este, na sua vertente qualitativa, parte de determinados pressupostos que, na análise de um texto, servem de suporte para captar o sentido simbólico dos mesmos. Segundo Berelson (1968), citado por Carmo e Ferreira (1998), este método “permite fazer uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objectivo a sua interpretação”. Assim, a descrição do conteúdo é objetiva, no sentido do esforço de análise seguir regras e instruções claras de forma a tornar possível atingir os mesmos resultados ao trabalhar sobre o mesmo conteúdo. A descrição do conteúdo também é sistemática, visto que o conteúdo é organizado e integrado num sistema de categorização de acordo com os objetivos da investigação. Enquanto esforço de interpretação, esta procura equilibrar o rigor da objetividade e a riqueza da subjetividade. De acordo com Bardin (2004, p.37) este tipo de análise é: “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a

inferência de conhecimentos relativos às condições de reprodução/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Referindo-se, agora, os procedimentos de análise e tendo em conta as características do método, as entrevistas serão analisadas através da sua codificação e categorização. Segundo Holsti (1969), “A codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo.”, a segunda, categorização, apresenta-se como uma operação de classificação de elementos por diferenciação e, posteriormente, de reagrupamento por critérios definidos à priori. De acordo com Bardin (2011, p.147) “As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos. O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade ficam agrupados na categoria "ansiedade" enquanto que os que significam a descontração ficam agrupados sob o título conceitual "descontração"), sintático (os verbos, os adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento dos sinónimos e dos sentidos próximos) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem).”

Todos os dados retirados das entrevistas serão, então, organizados em tabelas onde se denotará a aplicabilidade do método à temática em estudo. Estas apresentam categorias, criadas de acordo com a análise feita às entrevistas. Assim, as categorias são (1) dimensões do ambiente educativo; (2) influência do espaço físico na aprendizagem; (3) estratégias de organização do espaço físico; (4) fatores condicionantes; (5) práticas ou modificações que propiciariam a aprendizagem; (6) participação das crianças/alunos na organização do espaço físico; (7) impacto da pandemia. Assim, passar-se-á à análise a cada uma das categorias, referindo-se as unidades de registo das mesmas.

Dentro de cada categoria, surgem, ainda, as unidades de registo que, juntamente com a frequência e as unidades de contexto, faz parte do grande grupo da codificação. Dentro da primeira categoria, podemos encontrar (1) meio envolvente; (2) parte emocional; (3) espaço; (4) relação entre intervenientes; (5) materiais/recursos; (6) tempo; e (7) atividades. Na segunda, (1) ambiente estimulante; (2) cor; (3) adequação/adaptação do espaço; (4) adequação/adaptação às características do grupo; (5) disposição da sala; (6) materiais/recursos; (7) flexibilidade. Na categoria

seguinte encontramos as unidades de registo (1) adaptar para responder às necessidades do grupo; (2) características do espaço; (3) inventário de zonas; (4) experiência; (5) acolhedor/confortável/agradável; (6) características das crianças/alunos; (7) disposição do mobiliário; (8) áreas; (9) flexibilidade; (10) paredes. Na quarta categoria encontramos (1) acolhedor/confortável/ agradável; (2) espaço; (3) disposição do mobiliário; (4) participação das crianças/alunos; (5) flexibilidade; (6) falta de compreensão dos espaços. Na categoria práticas ou modificações que propiciariam a aprendizagem, podemos encontrar as unidades de registo (1) espaço útil da sala; (2) criação de diferentes áreas. De seguida, (1) propostas/opiniões; (2) adaptação à faixa etária; (3) forma de responsabilização. Na última categoria, apresentam-se as unidades (1) utopia do projetado; e (2) valorização do espaço exterior.

Dentro da grande grupo da codificação surge, ainda, a frequência. A mesma é bastante útil para contabilizar o número de entrevistados que demonstra a mesma opinião sobre a temática, ou seja, neste caso, a unidade de registo “meio envolvente” pertencente à primeira categoria, apresenta uma frequência de dois, o que significa que dois dos cinco entrevistados demonstram a mesma opinião.

Por fim, na tabela de análise de conteúdo, surgem as unidades de contexto. Nesta coluna estão presentes as transcrições, das diferentes entrevistas, devidamente identificadas, que suportam as unidades de registo, de forma a enquadrar e suportar a existência das mesmas.

4. Apresentação e análise de resultados

Nesta secção do relatório são apresentados os resultados da análise das entrevistas realizadas neste âmbito. Desta forma, estes apresentar-se-ão de forma descritiva, sendo, posteriormente, apresentadas as tabelas que fundamentam toda a interpretação.

4.1 Apresentação dos resultados

4.1.1 Resultado das entrevistas aos docentes

Tendo em conta as categorias, analisar-se-ão, agora, em detalhe as entrevistas realizadas à educadora de infância e aos professores de 1º Ciclo do Ensino Básico.

Entrevistado 1

Tendo por base as questões e respostas da entrevista, o primeiro entrevistado um é professor de 1º Ciclo do Ensino Básico, tendo realizado a licenciatura em Educação Básica na variante de educação física, onde começou por lecionar, passando, posteriormente, há cerca de doze anos, para o 1º ciclo. Desta forma, conta com vinte e dois anos de serviço.

De acordo com as informações do segundo bloco de entrevista, é possível compreender que, para o professor, o ambiente educativo é a relação que se estabelece entre os diferentes intervenientes e o espaço onde se realizam aprendizagens, considerando, desta forma, o ambiente da sala importante na medida em que se este for inadequado a aprendizagem poderá ficar comprometida. Pensa que a adoção de um bom ambiente educativo será um passo na efetividades das aprendizagens. No terceiro bloco, relacionado com os procedimentos do ambiente educativo, compreende-se que a organização que este faz deriva da experiência e das vivências enquanto professor ao longo dos anos. Desta forma, procura um ambiente onde se respeite para ser respeitado, onde os alunos sejam ouvidos e saibam ouvir. Quanto ao espaço, o entrevistado, tenta que seja agradável, distribuindo os alunos por nível para que se faça uma intervenção diferenciada. E igualmente importante destacar que o professor não planifica tendo em conta o ambiente educativo, mas sim os programas oficiais, ajustando, ainda, o ambiente educativo de acordo com as indicações dadas pelos alunos.

No bloco seguinte, relativamente aos procedimentos de organização do espaço físico, o entrevistado refere que cria grupos de nível, de forma a que alunos com mais dificuldades fiquem próximos uns dos outros e que alunos que têm um bom relacionamento dentro e fora da sala estejam próximos ou afastados de forma a atenuar as diferenças. Considera que um espaço que não seja apelativo ou agradável pode fazer com que os alunos se sintam desconfortáveis, podendo repercutir-se nas aprendizagens. Refere que a sala é alterada sempre que a sua disposição, pares e/ou grupos não estejam a funcionar na dinâmica exigida, sendo o próprio que sugere as alterações. Como mudanças no espaço, o entrevistado gostaria de ter um sala mais aberta com espaços definidos, mais concretamente com espaços para as expressões, para as TIC e para as ciências experimentais.

Em relação ao impacto da pandemia, considera que existem efeitos negativos na medida em que se perdeu o controlo sobre o impacto que as aulas estavam a ter nos alunos.

Entrevistado 2

A segunda entrevistada é professora de 1º Ciclo do Ensino Básico e ocupa o cargo de coordenadora de estabelecimento. Realizou o magistério primário, a licenciatura em Educação Básica e o mestrado em Supervisão e Orientação Pedagógica. Foi professora num estabelecimento prisional e alfabetizou adultos, passando ainda pelo ensino especial e regular, exercendo a sua função de professora há vinte e seis anos.

Esta considera o ambiente educativo aquilo que organizamos para propiciar a aprendizagem sendo que reforça que devemos propiciar um ambiente acolhedor, confortável e não inibidor e constrangedor, em termos da disposição das mesas e cadeiras. Desta forma, afirma que tudo o que fazemos pertence ao ambiente educativo como a disposição, os lugares, as atividades e os recursos utilizados. Segundo a professora, o ambiente educativo é aquele que propicia o conforto de todos na sua própria pele, a sua genuinidade, reforçando que só existe um bom ambiente educativo se forem tidas em conta todas as suas vertentes, desta forma, afirma que este é importante devendo, assim, ser rico, composto por diferentes estímulos e adequado às características dos alunos.

Em relação às formas e procedimentos de organização do ambiente educativo, a entrevistada diz gostar de organizar a sala em “U” para que se possa sentar no chão

com os alunos, propiciando um momento mais próximo e acolhedor; de colocar alunos sozinhos, tendo em conta as suas características e dificuldades; de criar grupos de quatro/três alunos, ou pares. Desta forma, considera que o ambiente educativo da sala não é limitativo para trabalhar qualquer uma das áreas referindo, no entanto, refere ser necessária alguma reorganização em função das atividades que pretendem fazer.

Em relação às questões do bloco seguinte, considera que o comportamento, dificuldades de aprendizagem, compatibilidades, feitios e animosidades são os principais aspetos que fazem reorganizar o espaço referindo, ainda, aqueles que são naturais das criança, referindo que o ambiente educativo é alheio a estes. Na sala, os alunos participam, tendo tarefas, para além daquelas que propõem, adequadas à sua faixa etária, como forma de responsabilização. O principal desejo é um espaço de sala de aula maior para poder ter um espaço de atividades livres e um cantinho da leitura, sendo este último uma estratégias para ocupar os alunos que acabam as atividades proposta mais rapidamente.

De acordo com a temática da pandemia, a entrevistada considera que não existe impacto pois afirma que aquilo que está projetado não é real.

Entrevistado 3

A terceira entrevistada é educadora de infância tendo como formação o bacharelato e a licenciatura em Educação Básica. Trabalhou num projeto do Instituto do Emprego, numa IPSS em regime de internato, numa instituição em regime colaborativo e em instituições públicas, sendo esta a sua ocupação há vinte e cinco anos.

Considera que o ambiente educativo têm duas componentes: a física, que diz respeito à forma como organizamos os materiais que temos (como jogamos com a luz e com o espaço); e a emocional, que compreende as relações entre pares e com as colegas. Refere que este é importante para a aprendizagem, reforçando que se este for estimulante, com cores bonitas, moveis novos e muitos jogos é mais cativante. Por fim, de acordo com o bloco de questões, afirma que se devem criar áreas que vão de encontro às necessidades e interesses das crianças, adaptando as propostas dadas pelas crianças.

A educadora refere quatro estratégias que utiliza e considera interessantes: a criação de um inventário de áreas, para que as crianças compreendam o que podem la fazer; adaptar as áreas às temáticas abordadas, como fazer da casinha uma casa assombrada na época do Halloween, com o objetivo de se potenciar o que se tem,

criando-se mais experiências; construir recursos com materiais de desperdício; e preencher as paredes. Esta afirma que não gosta de ter as coisas amontoadas optando, então, por criar espaços mais amplos remodelando ou tirando um dos cantos para dar mais abertura a outros, considerando que salas muito estandardizadas e que nunca mudam e que a área das próprias salas podem condicionar a aprendizagem. Gosta ainda, de colocar as mesas de trabalho perto das janelas para aproveitar a luz solar. A educadora gostaria de ter salas mais amplas, considerando as salas dos centros escolares muito quadradas e redutoras, não permitindo alterações na planta.

A nível da situação pandémica, para a entrevistada o pior são as máscaras que não permitem que a criança faça a leitura labial. No entanto refere, ainda, que se perderam muitos materiais nas diferentes áreas e que é necessária a reorganização dos disponíveis, de forma a poderem ficar fechados em quarentena, havendo rotatividade dos mesmos. De forma geral, considera que se perderam muitas experiências.

4.1.2 Resultado das entrevistas às estudantes em formação inicial

Seguindo-se a estrutura apresentada anteriormente, analisar-se-ão as entrevistas realizadas às estudantes em formação inicial.

Entrevistado 4

A quarta entrevistada é estudante do 2º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, tendo já realizado a Licenciatura em Educação Básica.

Esta considera que o ambiente educativo é o meio envolvente da criança onde se propõe aprender, afirmando que este é importante para a aprendizagem na medida que quando mais rico for maior será o desenvolvimento, referindo que se colocarmos as crianças numa sala vazia a sua aprendizagem não será a mesma do que se as colocarmos numa sala cheia de materiais diversificados, defendendo, ainda, que este deve ser adaptado e adequado a cada grupo de crianças.

Como estratégias a utilizar futuramente, a entrevistada gostava de criar um ambiente dentro da sala onde as crianças se sentissem bem, que fosse acolhedor e facilitador de boas aprendizagens, contrariando a dinâmica tradicional de disposição de mesas e cadeiras, existindo espaço no chão para que se pudessem sentar e partilhar

ideias, e criando um ambiente que proporcione liberdade de escolha, autonomia e participação.

Desta forma, pensa ter em conta aspetos que favoreçam a autonomia, a liberdade, a ajuda e a colaboração em pares ou grupos, criando áreas pouco estruturadas visto considerar que o modo tradicional de organização da sala condiciona a aprendizagem. É também um ponto fundamental para a entrevistada ouvir as crianças para que consiga atender às suas necessidades e adequar tudo o que for necessário.

Sobre o tópico da pandemia, considera que a reorganização das mesas na sala, a não partilha de recursos, o facto de não se poderem tocar e não poderem realizar experiências práticas prejudicou a aprendizagem, referindo que quando o fazem é quando efetivamente aprendem.

Entrevistada 5

À semelhança da entrevista anterior, a quinta entrevista é também estudante do 2º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, tendo já realizado a Licenciatura em Educação Básica.

Em relação ao ambiente educativo, esta julga poder ser definido como tudo o que rodeia a criança referindo, ainda, que poderá dizer respeito ao espaço, materiais e tempo. Refere, ainda, que este está totalmente ligado à aprendizagem sendo necessário ter atenção a aspetos como a decoração das paredes, a escolha dos materiais, a disposição da sala e a forma como o tempo é organizado, devendo ser, segundo a mesma, flexível.

Considera a flexibilidade a estratégia mais importante, referindo os modelos tradicional e em “U” de organização das mesas e cadeiras, mas reforçando a ideia de que é fundamental ir adaptando o espaço ao longo do tempo, tornando-se flexível e contrariando a rotina. Gostaria, ainda, de decorar as paredes com diversas informações e trabalhos realizados pelas crianças. Ainda além da flexibilidade, muito referida pela entrevista, pensa ter em conta as opiniões das crianças ou alunos para corresponder às suas necessidades.

Ambiciona criar diversas áreas, no seu espaço de sala, para que as crianças tenham mais opções de escolha, não as limitando a um número pré-estabelecido por área, considerando que o pouco acesso aos materiais, a falta de um espaço exterior e

não ter em conta a opinião dos alunos (que a entrevistada refere que deve ser uma preocupação primordial de qualquer docente) podem condicionar a aprendizagem.

Tendo por base a pandemia, a estudante aponta a não partilha de brinquedos/materiais e a adaptação da rotina ao covid como os principais condicionantes da aprendizagem.

4.1.3 Cruzamentos dos dados das entrevistas

De forma a que se faça uma análise dos dados completa, começar-se-á por apresentar uma tabela onde se realiza a caracterização dos entrevistados, sem que se coloque, no entanto, nenhum aspeto que o possa identificar. Assim,

Tabela 5 - Caracterização dos participantes do estudo.

	Atividade profissional	Formação académica	Anos de serviço
Entrevistado 1	Professor de 1º Ciclo do Ensino Básico.	Licenciatura em Educação Básica, variante em Educação Física.	22 anos.
Entrevistado 2	Professora de 1º Ciclo do Ensino Básico e coordenadora de estabelecimento.	Magistério primário, licenciatura em Educação Básica e mestrado em Supervisão e Orientação Pedagógica.	26 anos.
Entrevistado 3	Educadora de infância.	Bacharelato e licenciatura em Educação Básica.	25 anos.
Entrevistado 4	Em formação para educadora e professora.	Licenciatura em Educação Básica e mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino	0 anos.

		do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.	
		Licenciatura em Educação Básica e	
		mestrado em	
Entrevistado 5	Em formação para educadora e professora.	Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.	0 anos.

Para analisar as entrevistas realizadas, e de acordo com o método de Bardin, criaram-se sete categorias principais, apresentadas em cima, onde se enquadraram múltiplas unidade de registo, fundamentais para a compreensão dos resultados.

Em relação à primeira, dimensões do ambiente educativo, todos os entrevistados referiram que esta englobava o espaço, no entanto o meio envolvente (que nos remete para algo mais do que o espaço) e os materiais/recursos foram também referidos por mais do que um entrevistado. Para além destas, foram ainda referidos a parte emocional, a relação entre os intervenientes do mesmo, o tempo e as atividades. À luz do que está definido pelos documentos orientadores, não foram referidas a organização da instituição e do grupo, sendo que os outros foram sendo referidos de forma independente por diferentes entrevistados. Esta discrepância entre as respostas levam à compreensão daquilo que é feito na prática e aqueles que mais são valorizados pelos mesmos.

A segunda, influência do espaço físico na aprendizagem, teve uma resposta bastante unanime. Aquando do questionamento “Considera o ambiente educativo da sala importante para a aprendizagem?” todos os entrevistados responderam, de forma imediata, que sim, referindo alguns aspetos relativamente à forma como este pode influenciá-la. Assim, a não adequação ou adaptação do espaço e o facto de não existir um ambiente estimulante foram as respostas mais unanimes dos entrevistados. Para além destas, que se destacam pelo número de menções, destacam-se ainda a cor, sendo referido que estas devem ser “bonitas” de forma a serem apelativas, a adequação do espaço às características do grupo, a disposição da sala, os materiais e recursos da mesma e, por fim, a flexibilidade, sendo esta última referida diversas vezes ao longo do testemunho do entrevistado 5.

A categoria seguinte, estratégias de organização do espaço físico, é a que apresenta mais unidades de contexto tendo por base a riqueza de opiniões dos entrevistados. Desta forma, a unidade de contexto com mais unanimidade é a “características do espaço” tendo sido referida por três dos cinco entrevistados. De seguida, dois dos entrevistados, não sendo estes sempre os mesmos, referiram como estratégias adaptar o espaço de forma a responder às necessidades do grupo, criar ambientes confortáveis, agradáveis e/ou acolhedores, as características das crianças/alunos, a disposição do mobiliário e as áreas. Por fim foram ainda referidas a experiência, como base das estratégias aplicadas, a elaboração de inventários das zonas (de forma a levar o grupo a compreender o que pode ser feito em cada sítio), a flexibilidade e a utilização das paredes como espaço útil.

Posteriormente, surge a categoria dos fatores condicionantes, sendo que foram obtidas diferentes respostas para o problema. Assim, surgiram a participação das crianças/alunos, sendo que esta foi referida por dois dos cinco entrevistados, como limitadora, no caso de a mesma não ser realizada. Surgiram ainda, sendo estas referidas apenas por um dos entrevistados, o próprio espaço, a disposição do mobiliário, a flexibilidade, neste caso, a falta da mesma, a falta de compreensão das áreas (na sequência da criação de inventários das zonas), e os ambientes que não são agradáveis, não apresentam conforto nem são acolhedores.

Práticas ou modificações que propiciariam a aprendizagem apresenta-se como a quinta categoria. Neste ponto, três dos entrevistados responderam que o espaço, pouco amplo, da sala seria algo que mudariam, sendo esta uma unidade de registo intimamente relacionada com a outra identificada, a criação de diferentes áreas. O facto de os espaços serem pequenos não permitem a criação de diversas áreas que poderiam ter um contributo bastante positivo na aprendizagem das crianças/alunos.

A sexta categoria, que nos remete para a participação dos alunos na organização do espaço físico, tem como unidade com mais unanimidade as propostas e opiniões do grupo, como forma de (re)organização do espaço. Surgem ainda a forma de responsabilização, pela distribuição de tarefas e, por fim, a adaptação à faixa etária, ou seja, é necessário que as tarefas sejam refletidas para que se enquadrem com a faixa etárias e com os próprios objetivos cognitivos da mesma.

Por último surge a categoria do impacto da pandemia nas aprendizagens. Muitos foram os aspetos apontados, a nível da linguagem, por exemplo, no entanto, e referente ao presente estudo, destaca-se a utopia do que está regulamentado, na medida em que aspetos referidos como condicionantes, nomeadamente a amplitude das salas, não

permitem cumprir o distanciamento, não existindo espaço para a alteração das mesas e cadeiras que permitiriam manter o distanciamento; e a valorização do espaço exterior em detrimento do interior, perdendo-se, em época pandémica, em certa parte, muitas das potencialidades que o espaço interior pode oferecer em termos de aprendizagem.

4.2 Síntese dos resultados

Faz-se, agora, uma síntese conclusiva, tendo-se por base os objetivos e as entrevistas dos cinco participantes.

Assim, o primeiro objetivo diz respeito a identificar as conceções dos docentes sobre a importância do espaço na aprendizagem. Após uma análise cuidada de todos os aspetos referidos ao longo da recolha de dados, pode concluir-se que o espaço é uma dimensão referida por todos os entrevistados, na medida em que demonstra uma acrescida preocupação com o mesmo, sendo efetivamente visto como dimensão da organização do ambiente educativo. De acordo com a documentação oficial, mais nomeadamente as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, é possível compreender que o espaço físico faz parte da dimensão da organização do ambiente educativo, mais concretamente da organização do ambiente educativo da sala.

De acordo com Ferrão Tavares (2000, p. 33) é importante refletir sobre a organização do espaço na aula como meio de facilitar a interação, compreendendo-se, assim, a importância do mesmo. Assim, em relação a influência do mesmo na aprendizagem, é possível perceber que vários são os aspetos que podem condicionar ou favorecer mesmo, sendo identificados pontos essenciais que propiciam a mesma. Como o processo de ensino-aprendizagem se faz não só com os alunos mas para os alunos, não foi surpreendente o facto de as características dos mesmos terem uma forte influência em toda a organização visto que é importante que tudo esteja adaptado e adequado de maneira a que seja significativo. Neste sentido, Cardona (1992, p.9), refere que "(...) a criança aprende sobretudo através da acção/experimentação, sendo fundamental o proporcionar-lhe um ambiente rico e estimulante." confirmando-se, novamente, que o espaço apresenta uma influência sobre a aprendizagem, sendo necessária a reflexão, mencionada, acima, por Tavares.

Assim, no sentido da reflexão para a adequação, tornando a influência positiva, segundo o Ministério da Educação (2016, p.26) a reflexão deverá centrar-se na funcionalidade e na adequação dos espaços, para que se possa ir modificando a sua

estrutura de acordo com as necessidades e evolução das crianças de forma a que se evitem espaços estereotipados e padronizados e que não sejam desafiadores. Neste sentido, é importante que a organização das salas não criem estereótipos, bastante prejudiciais “em virtude do risco de consubstanciarem uma leitura distorcida e redutora da realidade, porque facilmente legitimam categorizações irrefletidamente generalizáveis, na sua maioria mais negativas do que positivas”. (Cardona, et al., 2015)

Ora, se é certo que “Devemos dar para as crianças espaços e aulas que fomentem a criatividade, que lhes ensinem a adotar riscos calculados, inovar e experimentar (Mau, B., et al., 2010, citado em EDUforics, 2018), e que as crianças estão em constante evolução, é necessário que exista uma flexibilidade, para que se continue, sempre, a garantir a ideia expressa acima. Assim, falando da flexibilidade, este foi um ponto não tão esperado quanto o anterior no sentido de apenas ter sido referida por um participante. Este é um aspeto de grande relevância e que está bastante presente em pesquisas sobre o assunto, no entanto, talvez porque a prática, ou os fatores condicionantes, como por exemplo, a amplitude do espaço, não o permitam. Para que a escola progrida, nas suas práticas, é necessário que exista flexibilidade, de forma a ser possível realizar alterações significativas que propiciem a aprendizagem e o bem-estar de todos os que a frequentam. Neste sentido, Hohmann (1997) referem que é importante o docente realizar “mudanças na organização do espaço e do equipamento ao longo do ano para acomodar o desenvolvimento e evolução dos interesses das crianças”.

No que diz respeito a identificar formas e procedimento de organização do espaço físico que favoreçam a aprendizagem, as respostas foram bastante diversas, tendo em conta que esta questão apresenta um carácter bastante pessoal, ou seja, cada entrevistado apresentou a sua visão à luz da sua experiência e conhecimento sobre o assunto. Aqui é também um fator relevante a intenção pedagógica que existe associada a cada momento ou atividade.

Após análise compreende-se que as características do espaço ocupam um lugar principal na visão dos participantes, estando esta intimamente relacionada com a forma como este pode influenciar a aprendizagem visto que a forma, dimensões e o seu recheio, diga-se assim, pode influenciar todas as práticas. Aqui surge ainda o facto de se terem em conta as características e as necessidades das crianças/alunos, sendo estes distintos visto que as características poderão ser de personalidade (“feitos e animosidades” como referido pela segunda entrevistada), e as necessidades nos remetem para aquelas que os alunos apresentam em sala, como a dificuldade de

concentração, a falta de visão ou de “afetividade” com certo espaço/área. A categoria da participação dos alunos entra também neste objetivo, de forma a que se compreenda de que forma estes procedimentos têm em conta a sua opinião. Percebe-se este facto aquando do surgimento das unidades de registo das características e das necessidades das crianças/alunos, no entanto, quando se olha para a categoria, percebe-se que um dos participantes não exterioriza grande opinião sobre o assunto, referindo mesmo que “Normalmente mudo o ambiente da sala (pausa) sempre que sinto que a disposição da sala, os pares ou... ou os grupos já não estão a funcionar com a dinâmica exigida... normalmente sou eu que sugiro as... as alterações.” (Entrevistado 1), levando à compreensão de que o grupo tem um papel menos fundamental, em todo o processo.

Rinaldi (2012, p.124) questiona e esclarece “Como podemos definir o termo escuta? Escuta como sensibilidade aos padrões que conecta, ao que nos conecta aos outros; entregando-nos à convicção de que nosso entendimento e próprio ser são apenas pequenas partes de um conhecimento mais amplo, integrado, que mantém o universo unido. Escuta, portanto, como metáfora para a abertura e sensibilidade de ouvir e ser ouvido – ouvir não somente com as orelhas, mas com todos os nossos sentidos (visão, tato, olfato, paladar, audição e também direção)”. Assim, em relação aos outros participantes, compreende-se, e é unanime, que as propostas e opiniões dos alunos são um ponto de viragem para qualquer adaptação, tornando-se estratégias que propiciam a aprendizagem. De acordo com Lorenzo (2020), escutar as crianças vai muito além do diálogo em que um fala e o outro escuta. Consiste em reconhecer e se conectar com a realidade daquela criança, com suas vivências e experiências. Considerar os contextos familiares, sociais e culturais em que ela está inserida. E ainda, a maneira desta se apresentar e se relacionar com o mundo a sua volta”, sendo assim, uma atividade fundamental ao desenvolvimento, visto que apenas conhecendo as crianças, podemos adaptar diversos fatores, promovendo o crescimento saudável.

A participação ativa dos alunos nas escolas é uma condição que pode associar-se ao sucesso escolar (Lima, 2008) e um sinal de uma cidadania responsável (Menezes et al., 2005). Esta participação é, então, encarada, no estudo, como uma forma de responsabilização, não só para que estes sintam que têm importância na sua vida diária, como também para que se tornem cidadãos ativos, responsáveis e com participação na vida em sociedade, aprendizagem fundamental ao longo do crescimento.

Por fim, em relação ao impacto da pandemia, muitos foram os aspetos mencionados, mas as ideias principais sobre o mesmo, e de acordo com a investigação,

é, efetivamente, a utopia do que está regulamentado por documentos oficiais, sendo assim visível que a aprendizagem se mantém de igual forma.

Como forma de conclusão, é claramente perceptível a influência da organização do espaço físico na aprendizagem sendo diversos os aspectos que deverão ser tidos em conta para que se adaptem e ponham em prática diversas estratégias.

Considerações Finais

Refletir sobre a temática em estudo parece-me de todo pertinente visto que esta surgiu, também, do meu próprio questionamento e das observações que faria em contextos de estágio.

Desta forma, considerei interessante responder às questões que coloquei nas entrevistas ao profissionais e futuros profissionais na área, fazendo uma comparação daquilo que considerava inicialmente, com aquilo que adquiri após a realização da investigação.

Em relação à organização do ambiente educativo, estava ciente das diferentes dimensões, tendo por base as aprendizagens realizadas ao longo de todo o curso, no entanto na prática, era perceptível a atenção que se dava a umas dimensões e aquelas que acabavam por ficar mais excluídas. Na creche e jardim de infância, era fácil compreender, sobretudo, a importância da organização do tempo, muito por influência da necessidade de rotina que as crianças apresentam nesta faixa etária. Em contraponto, a organização do estabelecimento educativo e a relação com os diferentes intervenientes, nomeadamente com a família e comunidade, era sempre um pouco menos perceptível, existindo um distanciamento acentuado. Ao longo do estudo, fui percebendo que estas componentes são vistas de diferentes formas pelos diferentes entrevistados, não sendo totalmente perceptível a consideração que têm pelos mesmo e de que forma os têm em conta.

A importância deste, e mais especificamente do ambiente educativo da sala não me apresentava dúvidas na resposta, para mim este é importante. A questão primordial era porquê? É certo que ao longo do curso me confrontei com diversas situações em que compreendia que esta influenciava a aprendizagem, principalmente de forma positiva, visto que, por exemplo, o facto de as crianças não se dirigirem para certa área não me permitia fazer uma observação correta do seu comportamento na mesma. Considerava, assim, que as crianças não se deslocavam para certo espaço por gostarem mais de outros, o que não deixa de ser verdade, no entanto, agora depreendo outra perspetiva da situação. Se a criança ou aluno não sabe o que pode fazer em certo espaço, vai estar sempre limitada pela utilização que vê os outros fazerem, não se constituindo esta, assim, significativa. Desta forma, compreendo a necessidade de analisar os espaços, de se fazer uma abordagem a cada um deles, abordando, numa primeira fase, as conceções do grupo sobre os mesmos.

Em relação às estratégias, inicialmente não seria capaz de responder a esta questão. Para mim, a experiência era a base de muito do conhecimento que temos, sendo que considero que existem algumas barreiras entre a teórica e a prática e entre o que pensamos e o que realmente podemos fazer. Agora considero que existem dois pontos fundamentais para que se organize o espaço da sala: as características da mesma e as necessidades apresentadas pelo grupo. A conjugação destes dois fatores, permitem uma adequação mais significativa, aspeto verificado no último estágio, em 3º ano do 1º CEB. Desta forma, na prática, tentarei ter sempre estes dois fatores em conta, principalmente as necessidades do grupo, porque a aprendizagem não se faz para as crianças mas com as crianças!

Durante o estágio em 1º ano do 1º CEB, confrontei-me diversas vezes como poderia planificar diversas atividades mais lúdicas tendo em conta o espaço disponível. Este poderá ser um fator limitador na realização de diversas atividades. Neste caso, pretendia-se fazer uma aula de dança, onde se necessitaria, obrigatoriamente do quadro interativo para que os alunos conseguissem acompanhar as diversas coreografias. Desta forma, comecei a pensar de que forma conseguiria fazer tudo. Decidi avançar com a atividade, solicitei que a turma me ajudasse a colocar as mesas nos cantos da sala e a verdade é que a atividade foi um sucesso. Assim considero que é importante ter em conta o espaço físico nas planificações para que se tentem arranjar estratégias e para que se execute qualquer atividade, não sendo, desta forma o espaço limitativo e impeditivo de alguma coisa. Esta é a ideia com que fico e que levo para a prática, sendo que a reflexão entra neste ponto, revelando-se fundamental.

Em relação aos fatores que podem condicionar a aprendizagem tendo por base a organização do espaço físico e as observações realizadas, considero que as paredes, em muitas situações são mal aproveitadas. Penso que é mais benéfico quando as paredes estão repletas de informação e de trabalhos realizados pelo grupo, de forma a que os mesmos tenham a consciência de que podem procurar informações, fazendo-se assim um trabalho autónomo de aprendizagem que considero bastante significativo. A realização da investigação fez-me, ainda, compreender, que aqui a envolvência dos alunos também deve existir, se eles não participam, não dão as suas opiniões e não compreendem o que podem fazer em determinado local (aspeto já abordado anteriormente), a aprendizagem pode ficar comprometida. Assim, a participação das crianças/alunos era um ponto sobre o qual não tinha dúvidas. Ora se devemos adotar um método de ensino-aprendizagem, em que a mesma é feita com os alunos, a sua participação é, visivelmente, fundamental! As suas opiniões, exprimirem a forma como se sentem em diversas situações ou em relação ao espaço, devem ser valorizadas, de

forma a que se propicie a sua inclusão na vida em sociedade e que se sintam, também, responsáveis por aquele espaço que é, não só para eles, mas deles.

Em relação a práticas que propiciem a aprendizagem, considerava e continuo a considerar que estas apenas podem ser pensadas e refletidas aquando da prática. Apenas quando temos uma sala e um grupo de alunos e possível perceber que outros espaços podem ser incluídos nas suas rotinas. No entanto, após o estudo, compreendo a necessidade de existirem espaços pensados para as TIC, visto que atualmente, todas as crianças têm um tablet, e mais importante do que planear atividades neste sentido, que vão certamente ao encontro dos interesses deles, é ensinar, efetivamente, uma criança a utilizar os diferentes dispositivos, de forma consciente e ponderada. Este foi o ponto que, efetivamente, me despertou mais a atenção e que me fez refletir.

A situação pandémica que atravessamos levanta também questões pertinentes no que toca ao espaço físico. Muitas são as medidas de distanciamento, no entanto, a opinião que tinha antes e após a realização do estudo não se alterou. Efetivamente, os espaços das salas muitas vezes limitam as orientações que foram estabelecidas, não existindo margem de manobra para que exista distanciamento.

Em relação ao presente relatório, ao longo do mesmo são apresentadas diversas informações e feitas diversas contextualizações das práticas de ensino supervisionadas nas diferentes respostas sociais e anos de escolaridade. O facto de existir, ao longo de todo o curso, a oportunidade de se estar no contexto para que se aprenda sobre o contexto, apresenta-se como um fator fundamental para que exista uma maior taxa de sucesso futuramente, para que se compreendam práticas e procedimentos e para que se tenha o primeiro contacto com grupos de crianças, fator fundamental da profissão.

Segundo Buriolla (1999, p.10) “O Estágio é o lócus onde a identidade profissional é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planeada gradativa e sistematicamente com essa finalidade.” Desta forma, considera-se que a oportunidade de realizar estágios em diferentes contextos vai definir, em certa parte, aquilo que se pretende ser, o que pretende fazer, e o que se fará de diferente de acordo com as práticas observadas. Este proporciona um momento de reflexão e aprendizagem na medida em que se pode colocar em prática aquilo em que se acredita e que se pensa que será benéfico para a aprendizagem dos alunos, sendo que, de acordo com Pimenta e Lima (2006) “o Estágio é o espaço onde refletimos questões não somente relacionadas ao trabalho docente e ao ambiente escolar, mas também sobre experiências de histórias de vida e de visões de mundo”. Ser estagiária é construir uma

identidade profissional pela aproximação ao contexto, à realidade daquilo que será a minha futura profissão. Desta forma, considera-se que a realização dos estágios são uma mais-valia enquanto futura profissional na área da docência.

Os cinco anos de aprendizagem e as práticas de ensino supervisionadas conduziram à temática em análise. É bastante importante enquanto futura profissional na área da docência, e mesmo quando já estiver no ativo, que exista esta componente de investigação visto que “A pesquisa focaliza a construção do saber docente, buscando aprofundar a compreensão dos fatores reguladores da ação docente que atuam no sentido da manutenção da prática do professor ou no sentido da sua transformação.” (Grígoli et al, 2007, p.81). Assim, a realização de trabalhos desta natureza constituem-se como aprendizagem significativa, que alteram a forma de perceção de diferentes aspetos e de diferentes dimensões de atuação.

Fazendo-se um balanço acerca do que foi a elaboração deste relatório, considera-se que apenas um grupo de alunos pode “personalizar” um ambiente educativo de uma sala de forma a que este possa propiciar aprendizagens significativas. Foi perceptível, também, ao longo da elaboração do estudo, que as perspetivas de cada educador/professor mudam, consoante a experiência e aquilo que têm à sua disposição mas, principalmente tendo em conta o grupo de alunos. Desta forma, consideram-se os pontos chave desta investigação as próprias características e necessidades de um grupo e as estratégias, em conformidade com o ponto enunciado anteriormente.

Cada grupo é um grupo e cada criança é uma criança, assim, a forma como o espaço influencia a aprendizagem e o grau de influência difere de caso para caso. De acordo com este aspeto, destaca-se a necessidade de reflexão por parte do educador/professor, no sentido da compreensão da forma como pode organizar o seu espaço, tendo em consideração, para além do aspeto enunciado em cima, das características do grupo, a opinião das crianças/alunos, percebendo-se, desta forma, de que maneiras pode conjugar as diferentes variáveis de forma a que se propiciem aprendizagens significativas. Esta dimensão remete-nos para um professor reflexivo que, subjacente no Decreto-Lei nº240/2011, onde se podem encontrar as seguintes passagens:

1. “Assume-se como um profissional de educação, com a função específica de ensinar, pelo que recorre ao saber próprio da profissão, apoiado na investigação e na reflexão partilhada da prática educativa e enquadrado em orientações de política educativa para cuja definição contribui activamente.”

2. “O professor incorpora a sua formação como elemento constitutivo da prática profissional, construindo-a a partir das necessidades e realizações que consciencializa, mediante a análise problematizada da sua prática pedagógica, a reflexão fundamentada sobre a construção da profissão e o recurso à investigação, em cooperação com outros profissionais.”

Assim, é possível compreender a necessidade da reflexão e a sua importância para a prática.

Após a realização da presente investigação, considera-se interessante e pertinente existir uma continuidade da mesma, desta vez englobando-se as próprias crianças/alunos de forma a que se tenham em conta as suas diferentes conceções sobre a temática.

Referências Bibliográficas

- Abramowicz, A. & Wajskop, G. (1999). *Educação Infantil - Creches: Atividades para crianças de zero a seis anos*. Moderna Editores. (2ª edição, 31-34). Editora Moderna. https://www.researchgate.net/profile/Gisela-Wajskop/publication/263091136_Educacao_Infantil_-_Creches_Atividades_para_crianças_de_zero_a_seis_anos/links/00463539e6140d164b000000/Educacao-Infantil-Creches-Atividades-para-crianças-de-zero-a-seis-anos.pdf
- Alvares, S. L. (2010). *Traduzindo em formas a pedagogia Waldorf*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas). Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp. http://www.fec.unicamp.br/~laforma/art/Alvares_SandraLeonora_M.pdf
- Associação de Profissionais de Educação de Infância (2020). *Contributo Para Assegurar A Qualidade Pedagógica Em Educação Pré-Escolar (3-6 Anos) Em Tempo De Covid19*.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. (3ª reimpressão da 1ª edição de 2011). Edições 70.
- Bernardes, A. (2013). *Políticas e Práticas de Formação em Grandes Empresas - a dimensão educativa do trabalho*. Porto Editora.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto Editora.
- Buriolla, M. (1999) *O estágio supervisionado*. Cortez.
- Canário, R. (2008). Relatório Geral - Formação e desenvolvimento profissional dos professores. Conferência Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da Aprendizagem ao Longo da Vida. Ministério da Educação e Ciência, DGRHE.
- Cardona, M. J. (2007). A avaliação na educação de infância: as paredes das salas também falam! Exemplos de alguns instrumentos de apoio. *Cadernos de Educação de Infância*, 81, 10-15. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/8817/3/Anexo%202.pdf>
- Cardona, M. J. (1999). O espaço e o tempo no jardim de infância. *Pro-posições*, 10(1), 132-138. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644105/11543>
- Cardona, M. J., Nogueira, C., Vieira, C., Uva, M., & Tavares, T. (2015). *Guião de Educação Género e Cidadania - Pré-escolar*. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género/Presidência do Conselho de Ministros.
- Carmo, H.; Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Universidade Aberta.
- Catita, E. M. (2007). *Estratégias Metodológicas Para o Ensino do Meio Físico e Social*. Areal Editores.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 355- 379. http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10148/1/Investiga%C3%A7%C3%A3o_Ac%C3%A7%C3%A3o_Metodologias.PDF
- Cunha, L. C. S. (2013). *O enriquecimento do espaço pedagógico à luz de uma abordagem ativa*. (Relatório de estágio de Mestrado em Educação Pré-Escolar, Universidade do Minho). RepositóriUM. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/28865>
- Conselho Nacional de Educação (2015). *Formação inicial de professores*. Conselho Nacional de Educação. https://www.cnedu.pt/content/edicoes/seminarios_e_coloquios/LivroCNE_FormacaoInicialProfessores_10dezembro2015.pdf
- Decreto-Lei nº 240/2001 do Ministério da Educação (2001). Diário da República: série I-A, n.º 201. <https://dre.pt/application/conteudo/631837>
- Decreto-Lei nº 241/2001 do Ministério da Educação (2001). Diário da República: série I-A, n.º 201. <https://dre.pt/application/conteudo/631843>
- Direção-Geral da Educação (2013, novembro). *Educação para a Cidadania - Linhas Orientadoras*. Direção-Geral da Educação. <https://www.dge.mec.pt/educacao-para-cidadania-linhas-orientadoras-0>
- Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares (2020). *Orientações para a organização do ano letivo 2020/2021*. https://www.dgeste.mec.pt/wp-content/uploads/2020/07/Orientacoes-DGESTE-20_21.pdf

- Esterque, M. (2017, janeiro 27). *Tipos de salas de Aula – Educação Infantil*. Formação Didática. <https://formacaodidatica.com/2017/01/27/tipos-de-salas-de-aula-educacao-infantil/>
- Ferrão, C. T. (2000). *Os Media e Aprendizagem*. Universidade Aberta.
- Ferreiro, E. (1997). *Alfabetización – Teoría y Práctica*. Siglo Veintiuno Editores. <https://books.google.es/books?id=tEW6zoggGQEC&printsec=frontcover&hl=es#v=onepage&q&f=false>
- Filgueiras, M. (2010). *O espaço e o seu impacto educativo: quais as principais características da gestão e organização do espaço sala em Educação Infantil*. (Tese de Mestrado, Universidade Aberta). Repositório Aberto da Universidade Aberta. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1575>
- Forneiro, L. (1998). A Organização dos Espaços na Educação Infantil. In M. Zabalza, *Qualidade em Educação Infantil* (229-281). Porto Alegre: Artmed.
- Gandini, L. (1999). Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. In: C. Edwards, G. Forman & L. Gandini. *As cem linguagens da criança* (145-158). Artmed.
- Ghedin, E.; Almeida, M. A. & Leite, Y. U. F. (2008) *Formação de professores: Caminhos e descaminhos da prática*. Liber Livro.
- Gomes, M. H. (2014). *Os Modelos Pedagógicos High/Scope e do Movimento da Escola Moderna - Propostas de Pedagogia Diferenciada*. Edições Ecopsy. https://www.researchgate.net/publication/301303139_Os_Modelos_Pedagogicos_HighScope_e_do_Movimento_da_Escola_Moderna_Propostas_de_Pedagogia_Diferenciada
- Gottman, J. & Declarie, J. (1999). *A Inteligência Emocional na Educação*. Pergaminho
- Gray, D. E. (2004). *Doing Research in the Real World*. SAGE.
- Grígoli, J. A. G., Teixeira, L. R. M., Lima, C. M., Silva, A. R. & Vasconcellos, M. (2007). A formação do professor investigador na escola e as possibilidades da pesquisa colaborativa: um retrato sem retoques. *Revista Lusófona de Educação*, 10(10), 81-95. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/635>
- Holsti, O. R. (1969) *Content Analysis for the Social Sciences and Humanities*. Addison.
- Hohman, M. (1997). *Educar a criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., Banet, B. & Weikart, D. (1979). *A Criança em Ação*. (2ª edição). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jardim de Infância*. Walfdorf - Infância Viva. <https://waldorfinfanciaviva.org/jardim-de-infancia/>.
- Junqueira Filho, G. A. (2011). *Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil*. (4ª. Ed). Mediação Editores.
- Lei nº49/2005 do Ministério da Educação. (2005). Diário da República: Série I-A nº166. <https://dre.pt/pesquisa/-/search/245336/details/maximized>
- Lima, E. S. (2001). *Como a criança pequena se desenvolve*. Sobradinho
- Lima, J. (2008). *Em busca da boa escola: Instituições eficazes e sucesso Educativo*. Fundação Manuel Leão.
- Lino, D. (1998). O Modelo Curricular para a Educação de Infância de Reggio Emilia: Uma Apresentação. In: J. Oliveira-Formosinho (org.). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (93-133). Porto Editora.
- Lorenzo, J. (2020, outubro, 21). *A importância de escutar as crianças*. Blog leiturinha. <https://leiturinha.com.br/blog/escutar-as-criancas/>
- Manzini, E. J. (1990/1991) *A entrevista na pesquisa social*. Didática, v. 26/27, 154.
- Martín, R. L. (2020). Reflexiones Educativas para el posCovid-19 - Recordando el Futuro. *Revista Internacional de Educación para la Justicia Social*, 9 (3ed.), páginas 127-140. <https://doi.org/10.15366/riejs2020.9.3.007>
- Mau, B., O'Donnell, P. P., Furniture, V. (2010). *The third teacher: 79 ways you can use design to transform teaching & learning*. Abrams. Citado em EDUforics (2018) *Locais flexíveis: como*

construir o espaço físico da sala de aula. <https://www.eduforics.com/br/locais-flexiveis-como-construir-o-espaco-fisico-da-sala-de-aula/>

- Menezes, I., Afonso, M. R., Gião, J., Amaro, G. (2005). *Conhecimentos, concepções e práticas de cidadania dos jovens portugueses: um estudo internacional*. Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Método Montessori.* (2019) Lar Montessori. <https://larmontessori.com/o-metodo/>
- Ministério da Educação/Direcção da Educação. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*.
- Ministério da Educação. (1998). *Qualidade e Projeto na Educação Pré-escolar*. Ministério da Educação.
- Monteiro, A., Barros, R., Figueiroa, A., Bento, M., Silva, A., Couto, J. M. & Campos, O. (2018). *Ambientes Educativos Inovadores e Competências dos Estudantes para o Século XXI*. https://www.researchgate.net/publication/325467219_Ambientes_Educativos_Inovadores_e_Competencias_dos_Estudantes_para_o_Seculo_XXI
- Niza, S. (1998). O Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa. In: J. Oliveira-Formosinho (org.). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (137-156). Porto Editora.
- Nóvoa, A. (2009). *Professores: Imagens do futuro presente*. Educa.
- O que é o ambiente preparado Montessori e como ele contribui para o aprendizado?* (2018, janeiro 10). Escola Infantil Montessori. <https://escolainfantilmontessori.com.br/blog/ambiente-preparado-montessori/>
- Oliveira-Formosinho, J. (1998). A contextualização do modelo curricular high-scope no âmbito do projecto infância. In J. O. Formosinho. *Modelos curriculares para a educação de infância*. (2ª edição, 51-92). Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. (Org.). (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto Editora
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., & Gambôa, R. (2011). *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação*. Porto Editora
- Osório, P. C. R. (2018). *Pedagogia em Participação: Relato de uma experiência*. Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais. <https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.039>
- Pardal, L. & Correia, E. (1996). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal.
- Pimenta, S. & Lima, M. (2006). Estágio e docência: diferentes concepções. *Revista Poiesis* (3, números 3 e 4), 5-24.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários*. Gulbenkian.
- Princípios Da Pedagogia Waldorf*. Sociedade Antroposofica. <http://www.sab.org.br/portal/pedagogiawaldorf/369-principios-pedagogia-waldorf>.
- República Portuguesa (2020). *Reabertura da Educação Pré-Escolar*. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/orientacoes_para_a_reabertura_da_educacao_pre-escolar.pdf
- Righetti, M. (2018). *O que todos nós podemos aprender com um ambiente Montessori?*. Diálogos. <https://www.dialogosviagenspedagogicas.com.br/blog/o-que-todos-nos-podemos-aprender-com-um-ambiente-montessori>
- Rinaldi, C. (2012). *Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender*. Paz e Terra.
- Rodrigues, A. P. (2013). *O espaço-sala como meio de aprendizagem das crianças: relato de uma experiência vivida* (Relatório de Estágio, Escola Superior de Educação Paula Frassinetti). Repositório da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/1294/1/TM-ESEPF-2013_TM-ESEPF-PE23.pdf
- Triviños, A. N. S. (1987) *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. Atlas.

- Verdini, A. (2006). *A sala de aula como espaço de leitura significativa*. <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12752367/a-sala-de-aula-como-espaco-de-leitura-significativa-cereja>.
- Weinstein, D. (1998). Organização dos espaços na Educação Infantil. In: M. Zabalza. *Qualidade em Educação Infantil*. Edições Asa.
- Zabalza, M. A. (1992). *Didáctica da Educação Infantil*. Edições Asa.
- Zabalza, M. A. (1998). Qualidade em Educação Infantil. Artmed.

PARTE III – Anexos

Anexo A – Guião de entrevista dos participantes

Entrevista educadores/professores

Tabela 6 - Entrevista realizada a educadores/professores.

Bloco	Objetivo	Questões
1. Caracterização do entrevistado.	Caracterizar o entrevistado.	(Num primeiro momento, informar sobre a temática e objetivos do trabalho) - Qual a sua atividade profissional? Para além da docência desempenha mais alguma função na instituição? Qual? - Qual a sua formação académica? - Qual o seu percurso profissional? - Há quantos anos exerce a sua função?
2. Conceções dos docentes acerca da importância do ambiente educativo da escola/sala.	Perceber de que forma os docentes percecionam o ambiente educativo da sala onde exercem. Perceber qual a importância do ambiente educativo na aprendizagem.	- O que é para si o ambiente educativo? - Considera o ambiente educativo da sala importante para a aprendizagem? De que forma este poderá influenciar a aprendizagem? (Exemplos)
3. Formas e procedimentos de organização do ambiente educativo.	Perceber quais as formas de organização do ambiente educativo. Compreender os procedimentos de organização do ambiente educativo.	-Que estratégias e recursos utiliza/ em que se baseou para organizar o ambiente educativo da sala? O que tem em conta? - De que forma tem em conta o ambiente educativo da sala e a sua respetiva organização nas

suas planificações e no desenvolvimento da prática? (Exemplos)

4. Formas e procedimentos de organização do espaço físico.

Perceber quais as formas de organização do espaço físico.

Compreender as condicionantes do espaço em relação à aprendizagem.

- Que aspetos tem em conta no processo de organização do espaço físico? (Exemplos)
- Que fatores considera que podem condicionar a aprendizagem tendo por base a organização do espaço físico?
- Com que regularidade modifica o ambiente da sala de forma a facilitar a aprendizagem? Quem propõe essas mudanças?
- Refira algumas modificações que gostaria de introduzir no espaço e especifique de que forma poderia contribuir para a aprendizagem?

5. Impacto da pandemia na organização do ambiente educativo.

Perceber de que forma a pandemia influenciou a organização do ambiente educativo da sala.

- Qual o impacto da pandemia nas aprendizagens, tendo em conta a reorganização do ambiente educativo imposta pela mesma?

6. Finalização da entrevista.

Concluir a entrevista.

- Que outros contributos gostaria de acrescentar ao seu testemunho?

Entrevista a colegas em formação

Tabela 7 - Entrevista realizada a colegas em formação.

Bloco	Objetivo	Questões
1. Caracterização do entrevistado.	Caracterizar o entrevistado.	(Num primeiro momento, informar sobre a temática e objetivos do trabalho) - Qual a sua formação académica? - Qual o seu ano académico?
2. Conceções dos docentes acerca da importância do ambiente educativo da escola/sala.	Perceber de que forma percecionam o ambiente educativo da sala. Perceber qual a importância do ambiente educativo na aprendizagem.	- O que é, para si, o ambiente educativo? - Considera o ambiente educativo importante para a aprendizagem? De que forma este poderá influenciar a aprendizagem?
3. Formas e procedimentos de organização do ambiente educativo.	Perceber quais as formas de organização do ambiente educativo. Compreender os procedimentos de organização do ambiente educativo.	- Que estratégias pensa utilizar, futuramente, para organizar o ambiente educativo do espaço físico da sala? O que pensa ter em conta? - De que forma pensa ter em conta o ambiente educativo da sala e a sua respetiva organização nas suas planificações e no desenvolvimento da prática?

**4.
Formas e
procedimentos de
organização do espaço
físico.**

Perceber quais as formas de organização do espaço físico.

Compreender as condicionantes do espaço em relação à aprendizagem.

- Que aspetos pensa que irá ter em conta no processo de organização do espaço físico? É possível dar exemplos?
- Que aspetos considera que podem condicionar a aprendizagem tendo por base a organização do espaço físico?
- Quando estiver no ativo, vai ter em conta a opinião das crianças/alunos para modificar aspetos do espaço físico? Porquê?

**5.
Impacto da pandemia
na organização do
ambiente educativo.**

Perceber de que forma a pandemia influenciou a organização do ambiente educativo da sala.

- Qual o impacto da pandemia nas aprendizagens, tendo em conta a reorganização do ambiente educativo imposta pela mesma?

**6.
Finalização da
entrevista.**

Concluir a entrevista.

- Que outros contributos gostaria de acrescentar ao seu testemunho?

Anexo B - Transcrição das entrevistas

Entrevistado 1

Eu: Boa tarde, o tema do relatório final do qual é... é participante é “A influência da organização do ambiente educativo das salas de Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico na aprendizagem”. (Pausa) Podemos começar?

Entrevistado: Sim, Flávia! (risos)

Eu: Então, pode começar por dizer-me qual é a sua atividade profissional?

Entrevistado: Sou professor de 1.º ciclo (pausa) neste momento a finalizar um 3º ano de escolaridade.

Eu: Muito bem, aaa para além da docência, desempenha mais alguma função na instituição?

Entrevistado: Não (suspiro) neste momento não.

Eu: E em relação à sua formação académica, pode dizer-me qual foi?

Entrevistado: Fiz a licenciatura em professores do Ensino Básico na... na variante de Educação Física.

Eu: e qual o seu percurso profissional?

Entrevistado: Comecei por lecionar Educação Física aos...aos... (pausa) 2.º e 3.º ciclos e depois à cerca de 12 anos passei a lecionar 1.º ciclo do Ensino Básico.

Eu: Há quantos anos é professor?

Entrevistado: Eu sou professor há... há... (pausa) (suspiro) há 22 anos.

Eu: Então, o que considera ser o ambiente educativo?

Entrevistado: Bem... (pausa) O ambiente educativo para mim é a relação que se estabelece entre os intervenientes (suspiro) professor, alunos, família,... e o espaço onde as aprendizagens são... são realizadas. (pausa) Este deve... deve ser organizado de acordo com as características de todos os seus intervenientes de modo a ser um... um... (pausa) um coadjuvante de todo o processo.

Eu: Pensa que o... o ambiente educativo da sala é importante para a aprendizagem? Acha que este pode influenciar a aprendizagem?

Entrevistado: (pausa) Sim. Se o ambiente educativo não for facilitador de... de aprendizagens, seja pela inadequação do espaço como... (pausa) como uma sala pouco espaçosa para o número de alunos, sala pouco acolhedora, sala com mobiliário desadequado à faixa etária,... (pausa) seja pelo comportamento dos intervenientes...

(pausa) se... se o professor que não estabelece relações de confiança com os alunos, alunos que revelam comportamentos desajustados,... (suspiro) a aprendizagem poderá ficar comprometida. (suspiro) Penso que a adoção de um bom ambiente educativo, onde todos se sintam bem, será um passo na direção da... da efetividade das aprendizagens.

Eu: Que estratégias utiliza para organizar o ambiente da sala o aaaa espaço físico da sua sala? O que tem em... em conta?

Entrevistado: (pausa) A organização do ambiente educativo da... da minha sala, deriva da minha vivência e experiência enquanto professor ao longo dos anos. Procuro construir um ambiente onde todos se respeitem e cumpram as regras de convivência social (pausa) é respeitar para ser respeitado. Onde todos sejam ouvidos e saibam ouvir, respeitando as opiniões de cada um, mas podendo concordar ou discordar com as mesmas. Quanto ao espaço, tento que o mesmo seja agradável e que faça os alunos sentirem-se bem (o que nem sempre é possível, devido ao mobiliário e às características da sala). Distribuo os alunos por grupos de nível, para poder ter uma... uma intervenção diferenciada. Tenho em conta as características dos... (suspiro) dos alunos e o espaço.

Eu: Tem em conta o espaço físico da sala e a sua aaaa organização nas suas planificações?

Entrevistado: (suspiro) Eu não planifico tendo em conta o ambiente educativo, mas sim os programas oficiais. Na prática diária tenho... (pausa) em consideração o ambiente educativo e ajusto-o de acordo com as indicações que... que os alunos me transmitem a... a necessidade de mudança de lugar a necessidade de um apoio mais presente a... a necessidade de suportes visuais de aprendizagem... por aí...

Eu: Muito bem, então e o que tem em conta quando organiza o espaço? (pausa) O espaço físico.

Entrevistado: (pausa) Os aspetos que tenho em... em consideração quando organizo o espaço físico (suspiro) prendem-se com a criação de grupos de nível e depois numa segunda fase com... com... com as relações entre os alunos (pausa) alunos com mais dificuldades próximos uns dos outros e alunos que têm bom relacionamento dentro e fora da sala juntos ou o contrário para atenuar diferenças entre eles...

Eu: Que... que fatores acha que condicionam a aprendizagem? Tendo por base a organização do espaço físico?

Entrevistado: Então (pausa), se o espaço físico não for agradável e... e apelativo para os alunos estes não se sentirão confortáveis o que se pode repercutir nas suas aprendizagens (suspiro).

Eu: Então e com que regularidade modifica o ambiente da sala? Só o professor propõe essas mudanças ou existem outras... outras participações?

Entrevistado: Normalmente mudo o ambiente da sala (pausa) sempre que sinto que a disposição da sala, os pares ou... ou os grupos já não estão a funcionar com a dinâmica exigida... normalmente sou eu que sugiro as... as alterações.

Eu: Que modificações gostaria de introduzir no aaa no seu espaço que considera que poderiam contribuir para aaaa para a aprendizagem?

Entrevistado: Gostaria de ter uma sala mais... mais aberta, com espaços definidos para as áreas das expressões (pausa) plástica e artística, de TIC e das... das ciências experimentais. Penso que estas alterações iriam certamente contribuir para um ambiente mais promotor de aprendizagens (pausa) e que de certa forma, poderiam permitir (pausa) os alunos serem mais promotores da sua própria... própria aprendizagem.

Eu: Estamos em pandemia, já há algum tempo (risos).

Entrevistado: É verdade (risos).

Eu: Qual acha ter sido o seu (pausa) impacto na aprendizagem? Visto que foi necessário uma... uma reorganização aaaa do ambiente educativo.

Entrevistado: A pandemia, ao obrigar-nos ao ensino à distância, teve alguns efeitos negativos, pois de certa forma perdemos o... o controle sobre o impacto real que as nossas aulas estavam a ter nos alunos. (suspiro) Deixamos de conseguir aferir no momento se o que foi transmitido, tinha sido efetivamente compreendido e... e assimilado.

Eu: Chegámos ao final! Muito obrigada pela sua participação!

Entrevistado: Obrigado pela confiança! (risos)

Entrevistado 2

Eu: Boa tarde, então o meu tema do relatório final é “A influência da organização do ambiente educativo das salas de Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico na aprendizagem”, neste caso, para si, de jardim de infância. (Pausa) Podemos começar?

Entrevistada: (aceno afirmativo com a cabeça)

Eu: Gostaria de começar por saber qual é a sua atividade profissional? (risos)

Entrevistada: (risos) A minha atividade profissional (risos) como tu bem sabes é professora, professora do primeiro ciclo, grupo 110.

Eu: A outra questão que tenho para lhe colocar é se para além da docência desempenha mais alguma função na instituição?

Entrevistada: (risos) aaaa também... também sabes que sim, ocupo a função de coordenadora de estabelecimento da escola onde trabalho, e pronto... é tudo o que é inerente à função de coordenadora, não é? E já me chega (risos).

Eu: Gostaria que me falasse um bocadinho da sua formação académica.

Entrevistada: (pausa) A minha formação académica... então é assim eu comecei por tirar primeiro o magistério primário, em Portalegre, aaaa acabei no ano de oitenta eeee quatro aaa de 81 a 84... aaaa... tenho 12º ano embora não tenha feito ingressei com... com 11º que era aquilo que era exigido fiz 11º depois já em simultâneo com o magistério, fiz à noite uma questão teimosia minha (risos) aaa depois acabei o magistério em 84, comecei a trabalhar em 84, em 2003 fiz um complemento de formação fiz uma licenciatura porque antigamente era bacharelato, considerado bacharelato, fiz uma licenciatura aaaa terminei 2003 tirei uma especialização em português (pausa) também nesse ano (pausa) 2003 e depois em 2015 fiz o mestrado em supervisão e orientação pedagógica na ESE em Santarém.. ah! E a minha licenciatura foi tirada na Universidade Aberta em Lisboa!

Eu: Muito bem... pode então falar-me um bocadinho do seu percurso profissional?

Entrevistada: Ora o meu percurso profissional é muito... muito... rico porque é muito diversificado e já um bocadinho longo (risos) portanto comecei a trabalhar e 84 com 21 aninhos aaaa fiz logo aaa estive 2 anos no ensino normal... digo normal porque a seguir fui convidada para ir dar aulas a presos na prisão de Vale de Judeus que fica perto de Alcoentre, tem duas prisões (pausa) para uma pessoa com 24 anos é um desafio muito... muito grande ir trabalhar com presos homens, vividos aaa e com todo o tipo de crime não é? aaa homicidas, traficantes, violadores (risos) mas foi um desafio interessante que eu tenho... guardo num cantinho bem guardado não.. aaa não tenho trauma nenhum pelo contrário gostei... uma experiência muito enriquecedora não é pra qualquer aaa personalidade... não tem a ver com a idade tem a ver com a personalidade das pessoas. O colega que lá tinha estado antes de mim meteram-me logo medo aaa que era... a colega tinha sido... aaa um preso deixou-a aaa encostou-a à parede e ela estava com uma depressão pronto... não foi por isso que Eu Não fui e pronto era uma

peessoa com muito mais... mais idade que eu aaaa eu queria na altura começou a ser difícil ficar perto de casa eu queria ficar então aquilo foi uma forma também de ficar perto (pausa) e foi um desafio ao mesmo tempo (pausa) tive lá 2 anos... aaa ensinei muito criminoso a ler e escrever, que não sabiam... fiz amizades por incrível que pareça incluindo com o faxina da escola que já morreu entretanto... que o recebi na minha casa numa...numa saída... numa precária... recebi muita carta recebi presentes não tenho o mínimo para dizer de nenhum deles foram sempre respeitadores aaa consegui no final do segundo anoque lá estive... tive 2 turmas distintas tinha 2 turmas num ano e depois os que estavam mais adiantados passaram para outro ano e depois tive tive autorização do diretor que eu solicitei que... levar... fazer uma festinha com uma cerveja para cada um (risos) foi assim muito interessante aaa ainda tenho algumas das coisas que me foram oferecendo depois entretanto não continuei porque entretanto eu tinha-me acabado de casar quando fui para lá... com 24 anos eeee entretanto engravidei (pausa) e pronto e não e não continuei lá, preferi sair e para ter mais... porque eu eu vivia em Azambuja e de Azambuja para lá ia todos os dias numa carrinha que... da própria... da própria prisão me ia buscar e me ia levar e o transporte a gravidez e tudo isso não eram mais... o mais aconselhado e então saí e na altura havia que agora já não existe... existe à mesma alfabetização de adultos (pausa) mas não existe à noite ou seja, só fazer isso (pausa) agora existe aaa dá aulas de dia e alfabetizas à noite... na altura eu só fazia a da noite era... na altura era possível portanto eu fiquei só dar aulas à noite no ano a seguir... fui alfabetizar pessoas de sessentas que não sabiam ler nem escrever... pessoas que não tiveram essa possibilidade também foi uma experiência gira aaaaa depois mais coisas diversificadas depois voltei ao normal depois pertencia a uma direção na altura não eram direções eram conselhos executivos (pausa) fui vice-presidente de um conselho executivo... uns anos... depois fui para a educação especial tive 4 anos na educação especial aaaa no normal tive já... já trabalhei com alunos invisuais tive que aprender braile antes de ingressar nessa direção nessa escola que era uma escola básica integrada que é do primeiro ao nono ano que eu fui vice... vice-presidente nessa... nessa escola que eu peguei numa turma... tinha uma turma que tinha uma aluna invisual aaaa depois tive de educação especial... andei aaa já não vivia em Azambuja já vivia em Santarém andei nos agrupamentos de Pontével, da Chamusca, do Cartaxo essa zona toda em educação especial aaaa (pausa) depois voltei... saí de educação especial porque entretanto a lei mudou e nós tínhamos que optar voltei para a e fiquei a trabalhar aqui ... desde 2006... depois fui coordenadora de departamento 7 anos... aaaa já fui coordenadora de sub departamento do primeiro ano do segundo ano vários anos já fui coordenadora de estabelecimento antes de agora já fui coordenadora de estabelecimento aqui e... e pronto e sou novamente coordenadora

de estabelecimento e se não me lembro... portanto já fiz quase tudo o que há para fazer já tive em cargos diretivos, já tive em cargos pedagógicos já tive em cargos organizativos que eu coordenadora de escala... já tive na educação especial já tive com presos já tive com adultos em... em alfabetização normais entre aspas aaaa eu acho que já fiz tudo (risos) um bocadinho de tudo... portanto conheço aaaa... é... é bom porque nós conhecemos as coisas de vários prismas... (pausa) várias vertentes e isso dá-te... além de dar-te o conhecimento também te dá outra aaaa capacidade de agir é porque às vezes o desconhecimento faz com que as pessoas achem que é assim ou tenho uma conceção errada aaa... estando do lado de lá aaa permite dar mais valor ou mais reconhecimento ou até encarar as coisas de uma outra maneira porque se tem o conhecimento de facto e trabalho que ele dá também (risos) e pronto!

Eu: Então, eu gostaria de saber o que considera que seja o ambiente educativo?

Entrevistada: (pausa) Bem, ambiente educativo aaa vamos falar do primeiro ciclo?

Eu: Sim sim.

Entrevistada: ambiente educativo pode ser... ou pode ser numa creche pode ser no ATL pode ser no Jardim de infância (pausa) aaa ou pode ser no segundo no terceiro ciclo no secundário até na faculdade há ambiente educativo. Pronto, no que me diz respeito que é onde eu trabalho primeiro ciclo o... o ambiente educativo é o ambiente que nós organizamos para propiciar a aprendizagem (pausa) para mim além de haver ensino... ensino é aquilo que vai do professor para o aluno hum e a aprendizagem é... é... é aquilo que vai aaaa ou seja vai de ambas os modos mas o ensino concentra-se muito na figura do professor e a aprendizagem centra-se muito na figura do aluno. O ideal é haver ensino aprendizagem que... que o professor não se foca só nele foca-se no aluno transmite conhecimentos mas permite que os alunos construam também a sua própria aprendizagem com ideias com... de atividades participem que ajudem a construir materiais... claro que isto tem que ser gradativo com a idade com a maturidade deles o ambiente educativo é propiciar um ambiente agradável acolhedor em termos de disposição de mesas e de cadeiras e de... tudo que tu fazes na sala de aula pertence ao ambiente educativo desde a organização espacial aaaa desde a disposição, os lugares, se estão sozinhos se estão acompanhados, desde as atividades que tu utilizas ou o quadro de giz só... se utilizas quadro interativo se utilizas... fazes materiais... fazes atividades digitais (pausa) se... se (pausa) utilizas música se utilizas... fazes expressão plástica tudo isto faz parte do ambiente educativo mas basicamente ambiente educativo é o local onde ocorre a aprendizagem... se ele é acolhedor se ele é... se ele é

confortável ou se pelo contrário é... é... é inibidor é constrangedor é... em que o aluno... o aluno ou até mesmo o professor não se sentem bem. Portanto, ser um bom ambiente educativo, que isso já é outra questão estamos a falar do que é... um bom ambiente educativo já a adiantar... é aquele que propicia a todos os intervenientes aaaa estarem confortáveis na sua pele serem eles próprios serem genuínos ISTO para mim é que é um bom ambiente educativo com todas depois as suas vertentes ok?

Eu: sim (risos). Disse, anteriormente que o ambiente educativo é aquilo que organiza para propiciar a aprendizagem. Aaa posto isto, considera o ambiente da sala importante para a mesma?

Entrevistada: Sim, sim... aaa acho que sem um ambiente, portanto, da sala propicio, acolhedor, confortável, adequado às características dos...dos alunos não é? Sem um ambiente rico, com diferentes estímulos, qb., aaaaa a aprendizagem poderia ficar (pausa) comprometida...

Eu: O que considera que pode comprometer a aprendizagem nesse sentido?

Entrevistada: o que considero... (pausa) o facto de estar tudo desajustado, portanto, às características, o facto de existir uma organização do mobiliário de forma...desigual, digamos assim que não... não permita a todos os alunos ver o quadro...realizar trabalhos, tanto individuais (pausa) como de grupo, não é? Pode ser também pela falta de elementos apelativos nas... nas paredes, a falta de informação portanto nas... (pausa) nas mesmas.

Eu: Tendo em conta tudo o que... o que disse que estratégias é que utilizou, neste caso, tendo em conta que o ano letivo já acabou aaaa para organizar o seu ambiente educativo, especificamente na sala?

Entrevistada: aaa já fiz este ano várias mudanças... eu habitualmente gosto de trabalhar com a disposição das mesas em "u" em "u" virado... é... é um "u" invertido assim que é para eu ficar... para ter um espaço central para me sentar no chão em almofadas com eles haver um momento mais acolhedor, mais próximo para contar histórias, para fazer atividades no chão aaaa mas com uns são muitos e está no primeiro ano e alguns com muitas dificuldades e são muito faladores esta turma é muito faladora mas.... cada geração é mais faladora que a anterior cada grupo novo que eu tenho noto (pausa) abismo... um abismo em termos de menos controle na língua e ouvir capacidade de audição muito mais... mais fraca e então ainda comecei assim (pausa) aaa porque eu consigo ir gerir assim andar por ali só que tive de mudar alguns daqui para ali daqui para ali porque faziam ou... ou determinados vícios com os coleguinhas

que já traziam do Jardim de infância ou porque aquilo não funcionava em termos de conversa... uns atrapalham os outros... depois à medida que eles começam a desenvolver-se e mostrar que tem dificuldades há... houve necessidade de colocar alguns sozinhos (pausa) e depois aaa ao colocar alguns sozinhos eu também não conseguia ter 24 assim... a sala é pequena eu estou habituada... estava habituada na escola anterior onde eu trabalhei as salas são maiores, eu consigo ter 24 assim (pausa) ali não consigo... então tinha no meio duas ou três mesinhas para ter os restantes... e depois houve necessidade de pôr alguns sozinhos porque não conseguem estar ao pé de ninguém porque falam muito, porque se destabilizam a eles próprios e uns aos outros acabei por... fomos para casa e destabilizei aquilo tudo e pus aquilo com mesas... mesas de grupo 4... de 4 mesas... mesas com dois com grupos de 2 mesas com 2 ou com 3 e alguns virados para a frente só com 2 pronto. Para o ano ainda vou fazer outra vez vou... vou modificar tudo outra vez se calhar vou pôr um grupo daqui aberto ao meio outros dali com alguns individualmente ainda tenho que estudar o assunto para iniciar o próximo ano... porque há necessidade mesmo de ter ainda mais do que eu tinha este ano sozinhos (pausa) isto face aos resultados que eles agora apresentaram e às dificuldades que eles estão a ter e depois problema da concentração se tem dificuldade e depois não conseguem estar concentrados pelo menos sozinhos e à frente a... a estamos mais em cima deles para os manter focados e concentrados atividades, pronto!

Eu: aaaa de que forma tem em conta o ambiente educativo da sala nas suas planificações? naquilo que pensa fazer, aaa nas limitações que poderá trazer?

Entrevistada: é assim... basicamente eu acho que isso não é limitativo (pausa) aaa em nenhuma das áreas que... que nós trabalhamos não achei só se a pessoa tiver tudo em mesinhas de 2, por exemplo, mesas individuais que são de 2 meninos quando quer fazer um trabalho de grupo tem que reorganizar o espaço geralmente os grupos, a não ser que seja trabalho de pares, também faço, gosto muito de fazer, mas se for grupos de 3 ou de 4 temos que andar a juntar e temos de organizar aquilo tudo... o facto de ter algumas mesas com 4 já permite a utilização do mesmo espaço sem grandes alterações portanto todas as atividades foram desenvolvidas incluindo os de grupo eu não precisei de grandes alterações (pausa) porque os que estavam em mesas 2 foram para as mesas... mesas de 2 alunos foram para as mesas de 4 mas que só tinham 2 portanto deu para ocupar espaços, ou mesas que só tinham 3 deu para ir um e basicamente não se mexe muito nas mesas só tem um senão que é para aquelas atividades que eu gosto de fazer como que está em "u" que aquelas coletivas dançar, para fazer uma aula... é que temos que... queremos fazer aquela disposição para sentar no chão aí sim, sim temos que andar sempre a desarrumar e arrumar, arrumar e

desarrumar e isso que é aborrecido por isso que eu gosto do “u” porque está sempre preparado (pausa) para fazer uma dramatização de uma história (pausa) ali... nós até temos ali ou em outras escolas outra possibilidade é não fazendo na sala (pausa) a a dança já é mais difícil porque implica música e ali temos sempre tudo a jeito, mas a dramatização de uma escola pego neles vou para o polivalente e faço lá aí, não preciso. Agora na dança é que eu preciso do quadro interativo, quer dizer lá também tenho mas tenho que levar o computador para ligar ao projeto que está polivalente, está lá um projetor, está lá um ecrã que é daqueles ecrãs de tela, está lá um... está lá um projetor não tenho é um computador no polivalente. Temos de levar computador temos de estar a liga... para uma atividade mais longa é bom para uma atividade pequenina que tu queiras desenvolver em meia hora por exemplo da segunda-feira é aula educação física em vez de fazeres educação física tá muito calor queres fazer dança (pausa) tar a gerir isso tudo é uma grande perca de tempo (pausa) portanto é melhor ser na sala de aula. Estes são as condicionantes. Agora para uma atividade mais prolongada que queiras aplicar o projetor do polivalente podes fazê-lo! Ok?

Eu: Ok! Aaa que aspetos que têm conta no processo de organização do espaço?

Entrevistada: (pausa) eu já falei aqui de alguns deles são os comportamentos, dificuldades de aprendizagem e compatibilidades de... aaaa feitos ou de animosidades que os miúdos às vezes tem uns com os outros ou o pandan, ou o copiar ou aaa fazer dos colegas mais... mais esclarecidos ou mais avançados a moleta deles (pausa) que não permite ao professor às vezes saber o que é que ele sabe de facto e eu fiz isto agora no último período separei muito todos para fazer os testes e porque eu andava desconfiada de algumas situações e tirei a prova dos 9 separei os miúdos com dificuldades com outros com dificuldades e miúdos bons fora de miúdos... miúdos bons mas que copiam pelos outros bons fora ao pé de outros para eles não poderem mesmo... ficaram sozinhos para mostrarem de facto o que é que eles sabem sozinhos. Portanto, tem a ver basicamente com isto comportamentos, conversa distração e dificuldades de aprendizagem. Isto é que nos faz reorganizar o espaço.

Eu: Portanto considera que os fatores que podem condicionar a aprendizagem são mesmo esses? O não ajuste desses aspetos, por assim dizer.

Entrevistada: Condicionar a aprendizagem há vários (pausa) estes são os reais de sala de aula, mas depois temos outro conjunto de fatores que as... as... não é escola aaa... aaaa já é natural da criança portanto a criança tem dificuldades naturais (pausa) por mais tenha um bom ambiente educativo tenha um ambiente que propicie a concentração, está à frente do quadro mas se a criança tiver uma... um défice de

atenção que é uma coisa dela por mais que nós façamos ela vai ter sempre dificuldades de aprendizagem ou se a criança tem uma instabilidade... uma instabilidade emocional, um ambiente familiar desestruturado e que a miúda... ou que se deita tarde e que vem para... para a escola mal dormida ou que acorda muito teu irmão que chora de noite não é? Ou por outras razões quaisquer, esta criança não tem naturalmente que não está com as condições naturais para aprender não está predisposta para aprendizagem aí já não é a escola já não é um ambiente educativo que é o responsável pelo facto de haver dificuldades de aprendizagem são aspetos exteriores ou condicionantes da própria estrutura mental da criança, da estrutura cognitiva, ou da vivência familiar pode ser duas coisas, ou a parte cognitiva ou ambiente familiar. E depois temos o ambiente educativo mas estes são alheios... aliás o ambiente educativo é que é alheio a estes 2 fatores. Nós quando reorganizamos temos em conta esse... essas dificuldades cognitivas da criança, mas nem sempre o ambiente educativo vai colmatar ao longo do tempo... demora muito tempo colmatar essas dificuldades porque se for só distração (pausa) imaturidade isso com o tempo... curto prazo isso vai-se conseguindo recuperar se for problemas cognitivos mais graves isso é uma coisa mais a longo prazo não é assim a curto prazo... défice de atenção mesmo comprovado é uma coisa de longo prazo tem que ser tratada, uma dislexia é uma coisa para toda a vida pronto são condicionantes próprios das crianças.

Eu: Aaa muito bem. Então, posto isto, de que forma engloba os seus alunos nas mudanças seja no... No colocar alguma coisa aqui neste placar no trocar esta mesa um bocadinho mais para aqui, relacionado com ambiente educativo. Se eles propõem?

Entrevistada: Como é que eles participam? Como é que eles participam nisso?

Eu: Sim

Entrevistada: Mudar o quê? mudar as mesas e as cadeiras?

Eu: Mudar mesas, mudar cadeiras uma proposta de algo que eles tenham visto...

Entrevistada: Sim eu ponho-os a participar nessas coisas, sim... eu acho eles... eles têm tarefas deles, como tu sabes, distribuía os manuais deles eles distribuía os cadernos deles... é uma forma de responsabilização tem várias vertentes é aprender a... a... a reconhecer os nomes dos outros colegas (pausa) que é um traquejo dos nomes e da aprendizagem da leitura mas também é uma questão organizacional e de responsabilização. Dar tarefas a uma criança por mais pequenina que seja incute-lhes responsabilidade é um trabalho de responsabilidade (pausa) ter que a distribuir os

manuais de forma correta... aaa e eles gostam e com a mãe em casa mandar pôr a mesa tem aquela tarefa... ou ir despejar o lixo cada vez menos estas tarefas às crianças... é mau porque... mas... mas nós não estamos a dar trabalho isto não é um trabalho é uma tarefa compatível com a idade não estamos aqui a castigar ninguém nem a penalizar ninguém nem a explorar ninguém. Se não se der é mais contraproducente do que dar (pausa) porque dar implica responsabilização a curto prazo além de eles gostarem (risos) porque eles gostam de se sentirem úteis e dar uma tarefa vai ali pedir uma fotocópia eles... vai ali pedir para fazer não sei o que e eles gostam sentem-se aaaa importantes e os miúdos até com mais dificuldades nós até procuramos responsabilidade... dar tarefas até ainda de maior responsabilidade que eles ficam todos... o ego muito... muito... pronto muito contente de lhes darmos essas tarefas. E depois as outras tarefas que não seja nada excessivo para eles ai também vamos desarrumar a mesa vamos puxar para aqui eles também colaboram nessas coisinhas todas... é tudo compatível com... com a idade e com a capacidade deles nada de mais.

Eu: Já falou do tamanho da sala, que estava habituado a salas maiores, portanto é outra questão que eu gostaria de lhe... de lhe colocar era que se pudesse mudar alguma coisa na sua sala que achasse ou incluir uma área que achasse que iria propiciar aprendizagens aos alunos por exemplo no mobiliário, na cor tudo mais, o que seria?

Entrevistada: o mobiliário não, acho que o mobiliário que lá está até as mesas apesar de já não serem novas nem as cadeiras aaaa não é isso que não propicia aprendizagem. Aaaa eu não digo não propiciar aprendizagem agora se eu pudesse mudar era... tê-la... ser maior e ter um espaço de atividades livres para nos sentarmos, que tivesse plenamente sempre como há no Jardim de infância aaa tapete grande para nós sairmos dos lugares e nos sentarmos no chão... aaa quando alguém, por exemplo, fosse também um cantinho da leitura, por exemplo, em salas grandes gosto de ter o cantinho da leitura aaaa em que há uma biblioteca de sala de aula em que o aluno mais despachado um aluno mais... pronto que se despacha mais que os outros e para permitir que os outros consigam aaa fazer a tarefa dentro do seu ritmo próprio os outros também que têm um ritmo mais acelerado não pode estar sem fazer nada então que eles fossem para esse cantinho ler aaa ou fazer outra coisa. Gostava de ter espaço eu faço isso mas é no mesmo lugar... no lugar que é a sua mesa, o seu espaço e está mais que provado que nós até adultos precisamos de mudança (pausa) faz falta ao nosso cérebro o mudar de lugar o mudar de atividade, o ir de férias para outro lugar, o ir de fim de semana para outro sítio enriquece o nosso cérebro. O nosso cérebro gosta de movimento, gosta de alternância de estarmos, o estarmos parados sempre o mesmo espaço não permite que o cérebro se renove... se... renove.

Eu: Estamos em pandemia, ainda

Entrevistada: Dizes bem, ainda (risos)

Eu: Tendo em conta aaaa o afastamento que é necessário as crianças terem, nas mesas como é que acha que... que a pandemia pode impactar a...a aprendizagem?

Entrevistada: É assim, na turma não há impacto nenhum porque eles... aquilo que está, teoricamente, projetado distanciamento de um metro e meio não é real porque nós não temos 1 m e meio de distanciamento para dar às crianças e mesmo que tivéssemos, que não temos, eles nestas idades não conseguem fazer isso. Nós não podemos andar... aaaa, com... com cordas ou cordéis a separá-los uns dos outros porque eles nestas idades precisam de toque eles agarram-se uns aos outros eles beijam-se uns aos outros, eles para já não há obrigatoriedade de usar máscara portanto logo aí está tudo perdido aaa então se eles não usam máscara porque é que o distanciamento era para quê? mas eles não conseguem é difícil. Nós no início quando temos um plano de contingência, foi o que aconteceu neste ano, começamos por fazer essas coisas separar as mesas de maneira aaaa, mas isso quando se começa a trabalhar isso vai tudo ao ar a única coisa que nós ali na escola conseguimos manter, e realmente foi muito bom, e conseguimos realmente com o plano nesse sentido e acho que foi... agora no final do ano já estava a descambar porque os miúdos deviam estar a pensar que que a pandemia já tinha acabado, os mais velhos principalmente, era termos zonas de Recreio e temos entradas específicas para cada turma. Pronto esta é a realidade, o ano já acabou e eu faço um Balanço positivo quer das aprendizagens quer de toda esta conjuntura pandémica.

Eu: Chegámos ao fim, muito obrigada pela sua participação!

Entrevistada: Obrigada eu!

Entrevistado 3

Eu: Boa tarde, como já lhe tinha dito o meu tema do relatório final é “A influência da organização do ambiente educativo das salas de Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico na aprendizagem”, neste caso, para si, de jardim de infância. (pausa) Podemos começar?

Entrevistada: Sim, vamos lá começar!

Eu: Então eu gostaria de começar por lhe perguntar qual é a sua atividade profissional?

Entrevistada: É educadora de infância, como bem sabes (risos).

Eu: Desempenha, neste momento, mais alguma função na instituição, como coordenadora...

Entrevistada: Não, só educadora de infância, sim.

Eu: Ok, e em relação à sua formação académica?

Entrevistada: Foi o bacharelato em 95 e depois foi a licenciatura (pausa) em 2005. Quando eu tirei a primeira, a formação inicial, era só bacharelato e depois é que fui fazer as componentes de formação dois anos na licenciatura, na escola superior de educação.

Eu: Na escola superior de educação de?

Entrevistada: As duas coisas, de Coimbra. Foram as duas coisas lá.

Eu: O seu percurso profissional, como foi, fale-me um bocadinho, se quiser claro!

Entrevistada: Sim. (pausa) Então olha, eu comecei a trabalhar, o primeiro ano de trabalho que eu fiz foi num projeto relacionado com o Instituto do Emprego, de formação profissional. É quase como agora, vocês têm o estágio profissional, têm?

Eu: Sim, sim.

Entrevistada: Pronto, é quase a mesma coisa. Era um ano de serviço que era pago pela parte do instituto de emprego e a única vantagem, era o ordenado mínimo, e a única vantagem que tinha era contava como tempo de serviço. Pronto, e eu esse ano, um ano e depois fiquei lá mais um mês, aaaa até mudar para outra instituição, fiz numa, numa IPSS com crianças em regime de internato. Portanto, aaaa o que eu fazia era acompanhar, era quase como se fosse encarregada de educação delas (risos), aaaa, ajudava, era responsável por aquela parte médica, ia com eles às consultas, com todos, conforme as consultas que tinham, eu tinha de ir com eles e acompanhava-os nos trabalhos de casa, no primeiro ciclo, tinha pré e primeiro ciclo até aos 16 anos. Pronto, então eu era responsável pela parte médica das vacinas, das consultas de acompanhamento da criança e pela parte de alguns alunos de... de... de... de ajudar nos trabalhos de casa e acompanhamento escolar.

Depois, tive lá esse ano ao abrigo do instituto de emprego e depois fiquei lá mais um mês, só que o ordenado era o mesmo, né? Passou a ser a instituição a pagar e eles

continuaram com o mesmo ordenado. E depois consegui mudar para uma instituição particular em regime (de) colaborativo, particular e colaborativo que já não era uma IPSS, não era solidariedade social era cooperativo pagava um bocadinho melhor e então fui para uma instituição nova que abriu e fiquei lá 15 anos em pré-escolar, sempre. Aaaa, depois também já estava um bocadinho cansada sempre da mesma coisa (risos), do mesmo sítio e no particular acabei por progredir até.. porque no particular progride-se automaticamente até ao quinto escalão, e depois a partir daí já só se a instituição quiser. E eu também já estava cansada de estar sempre no mesmo sítio, das mesmas pessoas, aaaa num particular não consegues ter muita, tanta abertura, não a nível pedagógico mas para outras coisas és um bocadinho como se costuma dizer “pau para toda a colher” não é? Os horários são muito mais esticados, as festas ao fim de semana aaaa e pronto, eu queria experimentar algo diferentes, queria ter uma carreira na parte do publico também. E então, arrisquei e acabei por vir ganhar menos para a parte do publico porque vim como contratada mas estava já lá efetiva, mas pronto, vim para o público e depois andei no publico primeiro mais cá na zona de Coimbra, dava para ir e vir a casa depois ficou um bocadinho complicado, foi quando eu fui para Salvaterra e Santarém e Lourinhã e Peniche e depois consegui, isto como contratada não é? E depois consegui vincular, num concurso de vinculação já com muito tempo de serviço aaaa com 20 anos de serviço, pronto, consegui vincular e consegui vincular aqui depois aqui ao QZP que é o quadro de zona pedagógica Coimbra - Leiria, pronto, agora tenho, pronto, tou um ano em cada lado ainda, na mesma, não consegui efetivar em nenhum agrupamento mas pronto dá para ir e vir a casa e já consegui também ao vincular, depois da parte da troika, que nessa altura estava congelado, consegui progredir na carreira, pronto, agora já consegui já estou à espera que saiam as listas de escalão para ver se consegui entrar ou não.

Eu: Que bom!

Entrevistada: E é assim. Neste momento estou a trabalhar aqui pertinho, a 15km de casa.

Eu: Muito bom! Então já está nesta vida há quantos anos?

Entrevistada: Há 25, este é o vigésimo sexto ano.

Eu: Pode-me dizer então o que é para si o ambiente educativo? O que é que considera como ambiente educativo?

Entrevistada: Então o ambiente educativo... (suspiro) tem duas vertentes não é? Tem uma parte que é mais a parte física, a parte logística não é? Que é como tu

organizas a sala com os materiais que tens, que jogas um bocadinho com a luz, com o espaço, como o que queres os chamados cantinhos não é? As áreas de trabalho que queres promover, pronto. E depois também há o outro ambiente, que é o ambiente, como é que eu hei de dizer... o ambiente emocional, não é? Aaaa o ambiente que tu crias, que as vezes não tens muito por onde aaaa, não tens o ambiente físico muito aaaa muito rico e... e tens de saber jogar e tens de saber adaptar e isso não impede que cries um bom ambiente pedagógico, um bom ambiente emocional, um bom ambiente de relação com as crianças, entre pares, um bom ambiente de relação com as tuas colegas de trabalho, com a tua auxiliar, com a tua assistente operacional, pronto, como as aaaa a partilha também que fazes com o agrupamento, com as colegas de departamento, que são as outras educadoras do mesmo agrupamento, com as entidades, com os parceiros não é? Com os parceiros educativos. Com as entidades como a autarquia que é no fundo quem às vezes nos dá alguma... alguma aaa forma de realizar alguns projetos que tu tenhas que não tens muitos recursos. E também tens de colaborar com eles não é? Quando eles às vezes te aaaa pedem alguma coisa tens de tentar adequar também para ir ao encontro, porque eles também têm objetivos e também gostam de fazer alguns projetos. Ou então se não concordares de todo tens de saber argumentar, sempre de forma diplomática, para também não entrares em choque não é? Somos parceiros. São estes dois tipos de ambiente não é? A parte logística e a parte aaaa como é que ei hei de dizer... aaaa não era bem... o ambiente é relacionado não e? ajuda, pronto, a interação com as pessoas.

Eu: Certo, aaaa, então e referiu-se ao ambiente físico da sala e tudo mais, considera que esse ambiente é importante para a aprendizagem? E de que forma é que considera que ele é importante?

Entrevistada: Então (pausa) Claro que é importante, não é? É sempre importante aaaa. De que forma? Então se tu tiveres um ambiente estimulante, não é? Que aaaa à primeira vista aaaa desde que tenha aaaa cores bonitas, desde que tenha moveis novos aaaa muitos jogos, mais recursos que sejam, pronto, tudo isso cativa não é? Um bom ambiente também de exterior com espaços de sombra, com espaços de... de, ou para estarem num tempo mais frio ou mais de inverno, chuvoso, que tenha também uma parte coberta em que as crianças possam vir à rua, possam vir dar uma corrida, possam fazer alguns jogos de movimento mesmo no exterior, mesmo com mau tempo, que seja protegido essa parte aaaa pronto, e que tenha um bom, uma boa área, uma boa exposição solar aaaa, pronto, isso qualquer lei percebe que isso é essencial não é? As vezes a parte exterior, não se lembram tanto, mas pronto, a parte dos jogos e das dimensões sim. Aaaa, depois mais para nós enquanto educadores também tens

de saber jogar com o que tens e tens que aaaa, deixa-me ver, sei lá.. imagina não é só os jogos é a forma também como tu aaaa, como tu geres o tempo e como tu articulas a tua prática para que eles possam aaaa interessar-se pelas áreas de trabalho e perceberem o que é que dá, além da exploração livre deles, também há coisas que tu os podes orientar, e uma forma, se calhar já estou a avançar muito naquilo que vais perguntar a seguir...

Eu: Sem problema!

Entrevistada: ... uma forma que tu podes gerir um bocadinho é deixá-los explorar também e... e quando, tens uma base não é? Tu organizas a tua sala e gostas de ter esta área e aquela e aquela, pronto, mas aquelas áreas não têm de ser estanques, não é? Se tu vires que os interesses deles se movem noutra direção ou que até há alguma proposta de algum trabalho gira, de algum projeto engraçado tu podes adaptar aquela área para ir de encontro e dar resposta aquela proposta. Estou-me a lembrar, por exemplo, a área do faz de conta, há quem chame casinha, há quem chame de faz de conta, pronto essa área do faz de conta normalmente tem sempre uma cozinha, um quarto... aaaa pronto, esse é sempre o teu ponto de partida. Imagina que eles até, sei lá, na zona, ou ali na altura do... do, sei lá, do Halloween ou na altura do Natal, ou um outro, lembrei-me do Halloween por um tema, pronto, a casinha pode ser por exemplo uma casa assombrada e tu podes criar com eles decorações para transformar a casinha numa casa assombrada ou num castelo das bruxas, ou pronto, sei lá. Ou então até começam a falar, agora falamos tanto da saúde de... de mais da área da saúde, podes criar ali um hospital de bonecos, podes criar um consultório médico, podes tentar gerir o teu espaço de faz de conta para ir de encontro ao tema ou aos interesses deles ou até ao tema que tu queres abordar mais ou aprofundar mais. Essa é uma das estratégias. Outras estratégia, por exemplo, quando, e que é para eles se conhecerem melhor e para se interessarem mais por todas as áreas, que às vezes há áreas que eles gostam mais do que outras, em detrimento umas das outras, mas para tu tentares que eles se interessem mais, uma coisa que eu... que eu que eu aprendi e...e que foi uma experiência que troquei com, numa ação de formação que fiz, fazer um inventário das zonas, das zonas das áreas que tens na sala, logo no início, não é? Podes criar tipo um cartaz, sei lá, área do... do das construções, o que é que há? Vamos fazer um inventário para ver o que é que há. Há legos, há blocos de madeira, portanto podemos fazer e saber o que é que há, e eles até ajudarem aaaa com aquela escrita que é representarem algumas palavras por imagens, ou então só a ilustrarem e depois, o que é que podemos aprender? Ou o que é que podemos lá fazer? Podemos aprender as cores, podemos aprender a contar as peças, podemos aprender a construir pontes e isso vai-lhes dar

logo ideias do que é que podem fazer ali e porque, então eles às vezes vão... ah pronto, eu normalmente fixo isso na parede junto da área em que está, aí também podes decidir quantos é que podem estar ao mesmo tempo ou como é que vais pedir que eles passem pelas zonas aaaa, pronto, sei lá, por exemplo em relação à ... quando tens um grupo às vezes mais velho, com mais meninos de 4 e 5 anos, começam a demonstrar mais interesse pela parte da escrita mesmo convencional da... da... querem escrever algumas palavras, algumas letras, descobrir... eu nunca quero que eles aprendam as letras todas ou que aprendam a fazer contas, não é nada disso, eu só quero que eles valorizem o código escrito ou... ou a parte da matemática como a vão utilizar, porque é que lhes é útil, onde é que eles o podem aplicar e eles depois, por exemplo, nessa parte do consultório médico, já tive miúdos que quiseram ter um escritório na sala e então era o escritório, dava para escrever números, dava para escrever letras, tinham lá o abecedário afixado e iam lá, às vezes íamos fazendo aaaa, sei lá, cartões conforme os temas eles podiam, por exemplo, para aprender mais, estávamos a dar o outono e íamos criar uma data de cartões com as imagens e com os nome da... da bolota, e punha lá bolota e eles depois, às vezes queriam escrever, ou só copiar as palavras, pronto, e depois às vezes esse escritório dava também para ser o consultório do médico onde eles passam receitas, inventam, pronto, mas escrevem lá e pedem para nós escrevermos, pronto, e isto para dizer o que? Que se tu... o que é que podemos aprender aqui? Podemos aprender a escrever, podemos aprender a contar, a conhecer melhor os números, a saber escrever o nosso nome, podem lá estar os nomes deles todos, por exemplo, ou uma lista dos nomes dos miúdos todos da sala e eles até querem mandar um recado, um... um bilhete, e depois querem escrever por fora o nome do amigo e vão lá buscar... pronto, alguma coisa que esteja ali, como é que eu hei de dizer... (pausa) disponível para eles explorarem aquelas áreas, e se eles à partida já forem aaaa já souberem aquilo que podem aprender ali e até se se lembrarem de outra coisa “olha, também dá para fazer isto ali!” podes escrever lá no cartaz, por exemplo, é mais uma coisa aaaa pronto, e aí pronto, consegues valorizar e... e criar ali mais... mais aaaa mais experiências, um ambiente mais rico não é? Consegues potenciar o que tu tens, mesmo que às vezes não tenhas jogos tão bonitos, não é? Ou tão apelativos, em termos de cor ou de material tão nobre como são os jogos que às vezes têm... depende muito dos sítios onde estás mas há sítios com mais e menos recursos, mesmo no publico, no publico no privado, encontras sítios onde tens coisas muito antigas não é? Encontras sítios que têm jogos espetaculares aaaa pronto e tu podes também construí-los ou com materiais de desperdícios ou, “ah queremos fazer um castelo mas as peças são pequeninas” então olha vamos inventar, vamos ver, ou com embalagens ou com tampas do... do detergente da máquina crias umas peças maiores, ou que encaixam ou

que dá para fazer pilhas, pronto assim umas coisas giras... (pausa) e, ou podes construir esses materiais com eles e também podes aaa ao explorar com eles o que é que é possível fazer ali, em cada área ou ir acrescentando ao inventário da sala que está exposto, crias mais recursos não é? Potencias o que tens.

Eu: Então, utiliza as paredes, ouvia mencionar que tinha afixado o abecedário e tudo mais, aaaa tendo em conta tudo isto, que fatores é que considera que podem condicionar a aprendizagem? Tendo em conta a organização do espaço físico.

Entrevistada: (pausa) olha, aaaa... eu não gosto de ter tudo muito muito em cima umas coisas das outras, gosto de criar alguns espaços mais amplos, é preferível...eu prefiro aaaa remodelar a sala e tirar um cantinho ou dar mais abertura a uma parte do que outra do que ter tudo logo muito de início, muito estandardizado e que nunca muda, percebes? Prefiro ir aaa mudando as coisas, até porque ao mudar eles também se interessam mais e... e criam mais interesse por aquela área porque há ali coisas novas que lhe despertam algum interesse. Pronto, então, eu quero sempre assim um espaços mais amplos aaaa mais, em salas com pouca luz tento ter as mesas em que eles estão a desenhar ou estão a... a... as mesas de trabalho mais perto lá da janela, com melhor exposição solar, aaaa ou mais à luz, mais.. o que é que eu te posso dizer... fatores que condicionam... portanto, eles também perceberem o que é que podem fazer ali, como eu já te disse. Aaaa, negociar com eles que espaços é que vamos abrir ou o que é que vamos mudar, para eles também se sentirem responsáveis e... e... e... e parte integrante das decisões também, não é? Porque esse valor, não quer dizer que às vezes não haja ali um elemento surpresa, mas se for negociado com eles, eles percebem melhor.

Eu: Diga-me alguma modificação que gostava de introduzir no seu espaço, mas que nunca lhe tenha sido possível mas que acha que contribuiria para a aprendizagem das crianças

Entrevistada: olha, como eu já te disse tenho andado a mudar de sítio em sítio, não é? Agora já consigo ter um ponto de água na sala, já há muitas salas, quase todas têm um ponto de água, um lavatório ou uma banquinha para a parte plástica e essa parte melhorou. O que piorou, muito, foi a área. Os centros escolares, sendo construídos, há uma medida mínima para as salas e não vão nunca além disso, enquanto nos jardins de infância às vezes mais antigos, conseguíamos salas mais amplas, maiores, umas áreas mais generosas, agora temos uma sala quadrangular e acabou e depois muito limitada. E cada vez mais os centros escolares têm essas tais salas muito quadradinhas, não é? Muito pequeninas, aaaa e depois tens turmas

grandes, porquê? Porque os jardins de infância da aldeia foram fechando e centram tudo muito nos centros escolares então essa parte foi uma parte do ambiente que piorou, grupos maiores e... e salas mais reduzidas, mesmo nas construções novas. Por exemplo, ai em salvaterra não, ate eram umas salas grandinhas e com muita arrumação, na parte dos armários... tinham arrumação em toda a volta... as paredes tinham muita arrumação que depois libertava todo o outro espaço de área para trabalho e para aaaa jogos aaaa agora muitos sítios que temos apanhado, que tenho apanhado, nos vários centros escolares e assim noto que é sempre aquela planta muito redutora daquela sala quadrangular que vamos tendo mais alguns moveis e mais alguns jogos mas depois temos mesmo que tirar e por coisas porque não se consegue, são salas muito pequenas e ai é impossível de mudar, porque é uma estrutura fixa, não é?

Eu: Estamos em pandemia, aaaa qual é para si o impacto da pandemia na aprendizagem? E de que forma é que tem em conta a reorganização que têm de fazer na sala do espaço, dos materiais...?

Entrevistada: pronto, olha, o pior para mim na pandemia foi termos de andar de máscara, os adultos, é horrível, eles não fazem a leitura labial, obriga-nos a um esforço maior, temos que falar mais alto aaaa, eles não conseguem ver bem a nossa expressão da cara, não é? É só muito os olhos aaaa e principalmente para os mais pequenos, para os miúdos de três anos, ou então que tenham alguma dificuldade na fala, é muito difícil aaaa que eles, que eles, aaaa aquela aaaa aquele recurso que era repetirmos as palavras pausadamente para eles fazerem a leitura labial e perceberem a maneira correta de dizer. Não quer dizer que tivesses ali “olha diz assim” não! Mas o repetirmos de forma correta e o olharmos para eles e tudo isso perdeu-se muito aaaa a parte da comunicação para mim acho que foi a que ficou mais afetada. Aaaa estratégias, olha, criei, mas isso já tinha deste aquela parte da gripe A, que já sempre trabalhámos assim, nos vários jardins que fui passando, que é individualizar os materiais de escrita e de... e de nos cestinhos, ou nos copos ou o que quer que seja. Todos têm os seus lápis e os seus materiais, os seus marcadores... eu já estou a fazer muito isso com os 5 anos, terem um estojo para eles se habituarem a ter o seu estojo, para a transição para o 1º ciclo, mas nos 3 e nos 4 partilhavam lápis e isso agora desde à uns anos para cá que já não fazia isso e este ano então foi imperativo mesmo. Tivemos que dividir tudo. Tive de criar lugares fixos na sala, e com esta dificuldade da sala pequena, o que vale é que tenho um grupo que não é muito grande, tenho 16, então tivemos de ter lugares fixos, nas mesas, para cada um termos mesmo um sitio numa mesa, onde possa trabalhar, ou então onde possa ir buscar o seu jogo, para onde possa... enquanto eu costumava ter uma mesa grande no meio da sala onde desse para fazer as reuniões, para falarmos

todos ou para eles irem, pontualmente, um ou outro, irem buscar um jogo e brincar e depois ir levar ou tirar uma mesa mais perto do cantinho dos jogos de mesa para eles estarem a trabalhar ali naquele sitio mais resguardado, agora isso não é possível aaaa as mesas têm de ser individualizadas e temos de gerir não estarem de frente a frente, estarem com alguma distância um dos outros e então tivemos de criar ali uma faixa na sala quase toda só para as mesas e... e ando ali aos s's e os l's com as mesas para os sentar todos e sem ser frente a frente aaaa. Mais coisas... os jogos nos fazemos quarentena dos jogos aaaa, então temos, dos jogos de chão, temos 3 aaa 3 espaços, assim... 3 colunas, que têm umas gavetas com os jogos, um armário, em que fechamos dois e naquele dia só abrem aqueles três jogos. No outro dia fecha-se aquele e abre outro. E eles já sabem que um dia é do laranja, outro dia é do azul que é conforme os... as napas, até são umas napas que nós temos à frente, pronto aaaa. Esses jogos de construção é assim. Os jogos de mesa aaaa todos os dias, tenho depois umas outras prateleiras, um armário com prateleiras no corredor, e todos os dias aqueles jogos saem, vão para uma prateleira e vêm outros, para o outro dia, e vão rodando de três em três dias. Aaaa, eles desinfetam as mãos várias vezes ao dia, lavam as mãos muitas vezes antes de entrar, quando vêm à rua, quando vão à casa de banho, quando entram de manhã, quando entram depois de almoço, andam sempre a higienizar as mãos e tem de ser, pronto, ter essa parte de cuidado com a higienização das mãos. Na parte da casinha perdeu-se muito também... todo o tipo de adereços, aaa, é o mínimo, é os bebês nus, ou só com uma roupa muito simples, um vestidinho aaa deixou de haver as chupetas, deixou de haver muitas coisas de garfos e facas e muitas comidas, é o essencial, é duas ou três chávenas é dois ou três pratinhos, é só quase para não perder o gosto, porque tentamos aaaa que eles não ponham nada na boca, mas o faz de conta eles esquecem-se muito disso, não é? Então tem de ser mais o reduzido o número de crianças na casinha, temos de os estar sempre a lembrar das mesmas coisas. Os mais velhos são os nossos ajudantes estão sempre "Olha, ele pôs aquilo na boca!" e lá vamos nós, tem tudo de ser lavado, levamos a criança que é para ela perceber que não se pode por na boca, não é? E tem sido assim um bocadinho mais limitado, mas pronto. É o que há!

Eu: E tendo em conta essas limitações em que medida é que acha que pode mesmo impactar na aprendizagem das crianças?

Entrevistada: (suspiro) é sempre difícil de perceber mas acredito que se perderam muitas experiências no... no... na parte dramática aaaa perdeu-se muito... eu tenho muita pena dos que estão agora a sair dos 5 anos porque acho que foram os mais penalizados porque já o ano passado tiveram esta situação, tiveram confinamento

aaa este ano voltaram a ter confinamento aaa ficaram em casa perderam ali... são dois anos, a pré é essencial não é, são os 4 e 5 anos e eles não voltam a ter esta idade, não voltam a ter esta experiencia aaa mas pronto é o que há e nem sempre conseguimos aaaa lidar com isso. E então, por exemplo, em relação aos... aos pequenos, acho que foram os que perderam mais, porque os que têm agora 3 anos vamos ver se têm os quatro e os cinco agora para recuperar aaaa estes dos cinco anos foram os que perderam mais... (pausa) pronto, perderam muito a parte, também, da relação uns com os outros porque nós estamos sempre “afasta-te” e é quase impulsivo o abraçar...olha, chega a uma altura em que agente olha já está e já foi! Mas no início, o ano passado, era muito complicado. Quando nos não sabíamos ainda muito bem que parte de transmissão é que as crianças tinham... é baixo, pronto, mas pode acontecer. Mas o ano passado era muito complicado, andávamos sempre atrás deles quase como uns policias não é? E não podes mexer e não podes abraçar... é muito é muito limitativo, não é? Pronto, perdeu-se muito. Eles perderam muito nessa parte, mas nos tentamos compensar com muitos jogos de rua e nessa parte ganhamos não é? Valorizamos muito o espaço exterior e depois é assim, em relação às fichas em termos de papel, eu também já não sou apologista de fazer muitas... muitas acho que o meio termo é... o equilíbrio é que é bom. Tudo bem que eles se familiarizem com o papel, com o recurso de papel até porque depois vai ser a realidade deles no 1º ciclo e que que que desenvolvam tarefas nesse sentido, mas eu acho que há colegas que exageram porque todos os trabalhos têm de ter fichas, parece que têm de mostrar tudo tudo tudo. Quando tirei o curso nem existiam as fotocópias, tu desenhavas alguma coisa se querias e também utilizávamos muito os grafismos com areia e... e voltou a isso tudo não é? Engraçado que voltámos a ter os tabuleiros de areia, voltámos a ter as pinturas coletivas no exterior, que era sempre o registo coletivo e... e parece que passamos ali uma fase que quase tínhamos de pedir dossiers para depois mostrar-mos fotocópias de tudo o que tínhamos... (suspiro) e agora não, é um recurso que é menos utilizado e cada vez se valoriza mais o brincar no exterior e podemos aprender e explorar conceitos de matemática de... de... de... de linguagem e tudo isso, e não são precisas as folhas de papel, não é? E... e dada a pandemia e dado o evitar cada vez mais que eles tivessem dentro do edifício e... e... e muito quietos e não dava para tar todos, as vezes, sentados sem estarem com distanciamento então usam-se mais os jogos e a parte exterior. Há sempre coisas boas, como tudo na vida!

Eu: Chegámos ao final, muito obrigada pela sua participação!

Entrevistado 4

Eu: Bom dia, como já conhecimento o tema do relatório final é “A influência da organização do ambiente educativo das salas de Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico na aprendizagem”. (pausa) Podemos começar?

Entrevistado: Sim, sim!

Eu: Boa! Aaa então qual é a sua formação académica?

Entrevistado: Aaa eu fiz licenciatura em educação básica e depois ingressei no... no mestrado em Educação Pré-Escolar aaaa e ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Eu: Muito bem aaa em que ano está?

Entrevistado: Estou... terminei neste momento o 2º ano de mestrado e preciso de concluir o meu exercício investigativo, aaaa tal como tu (risos) para ter oficialmente terminado o... o meu mestrado!

Eu: (risos) então o que é aaa, para si, o ambiente educativo?

Entrevistado: (suspiro) Penso que o ambiente educativo é... é tudo aquilo que se encontra no meio envolve ao espaço da criança (pausa) enquanto esta está num ambiente (pausa) passo a redundância... em que... aaaa que lhe é proposto a prender. Ou seja, o que quero dizer é que o ambiente educativo existe (pausa) preferencialmente nos jardins de infância e escolas, contudo, pode existir também um ambiente educativo em... em casa, se assim for pretendido. Os pais aaa podem querer trabalhar (pausa) competências com a criança enquanto estão em casa ou até mesmo praticar ensino doméstico, então, nesse caso, o ambiente educativo existe também no lar onde habita a criança. Penso que quando se fala em ambiente educativo aaaa fala-se no espaço onde se encontra inserida a... a criança e que deverá ser favorável para o seu desenvolvimento e aprendizagem. (pausa) Pronto, penso que resumindo é isto (risos).

Eu: Considera o ambiente educativo importante para a aprendizagem? De que forma aaa acha que este pode influenciar a aprendizagem?

Entrevistado: Claro que o considero importante para a aprendizagem. Um ambiente educativo tem de ser... aaa ser composto por diversos recursos. Quanto mais rico for maior será o desenvolvimento e aprendizagem das... das crianças. Aaaa o ambiente educativo tem de ser adaptado e adequado a cada grupo com que se trabalha. Não pode existir uma linha, como é que posso dizer... (pausa) aaa standard que se

utilize durante todos os anos de profissão. O educador e professor têm de ter esse aaa cuidado. Adaptar a sua sala aaaa e não só, porque penso que o ambiente educativo deverá ser também exterior. (suspiro) Sempre que possível acho que os espaços exteriores deviam ser utilizados (pausa) e não são. Efetivamente aaaa é isto que acontece, não sei se todas as minhas experiências foram exceção, mas tudo aquilo que vi até hoje vai ao encontro daquilo que acabei de dizer. (pausa) Se colocarmos um grupo de crianças dentro de uma... uma sala vazia a sua aprendizagem não será a mesma se aaa colocarmos esse grupo numa sala cheia de materiais diversificados e que as crianças consigam manipular de forma aaaa conseguirem adquirir conhecimento. Por outro lado, na minha ótica se colocarmos o tal grupo de crianças numa mata (pausa) o seu desenvolvimento será por si só aaaa maior que na sala vazia. (risos) Este é o meu ponto de vista da situação, não sei se está correto. (risos)

Eu: Muito bem aaa que estratégias pensa utilizar, futuramente não é? Para organizar o espaço físico? Aaa o que pensa ter em conta?

Entrevistado: Aaaa (suspiro) sendo o mais sincera que consigo aaaa o que gostava de... de fazer não sei se é possível na grande maioria dos jardins de infância e escolas portuguesas. Voltando à... à questão do espaço exterior, gostava de ter a liberdade de dar aulas ao ar livre, em que as crianças tanto realizavam exercícios de matemática como aaaa subiam às árvores, entende? (risos) Bem sei que existem escolas que têm métodos que privilegiam estas dinâmicas, aaa mas penso que era benéfico para todos que fosse possível praticar isto em... em mais escolas, em todas (pausa) preferencialmente. Não sendo isto possível, gostava de conseguir criar um aaa ambiente educativo dentro da sala em que as crianças se sentissem bem. Um sítio onde gostavam de estar, que fosse acolhedor e que ao mesmo tempo facilitador de boas aprendizagens. Aaaa gostaria de mudar a dinâmica tradicional da disposição das mesas na sala, gostaria que fosse possível que os alunos se sentassem em roda (pausa) no chão, que houvesse momentos de partilha entre todos. E que ao mesmo tempo que acontecia isto existissem também recursos e materiais didáticos diversos que os alunos pudessem utilizar para facilitar as suas aprendizagens. Não sei bem se isto responde à questão colocada mas era assim que gostava que funcionasse a sala de aula onde eu fosse a professora (risos).

Eu: (risos) está tudo bem! (risos) aaa de que forma pensa ter em conta o ambiente educativo da sala nas suas planificações aaa de atividades?

Entrevistado: (pausa) Gostava de conseguir criar um ambiente educativo que se aaaa proporciona a todos liberdade de escolha na utilização dos materiais, portanto,

tê-los sempre disponíveis e acessíveis de maneira que qualquer... qualquer aluno os possa ir buscar quando precisa. Aaaa muitas vezes o que vejo são materiais fechados dentro de armários com pouca ou nenhuma utilização. Ter um ambiente educativo que. (pausa) promova a autonomia das crianças e alunos, no caso do 1º CEB aaaa conseguir que os alunos se auxiliem uns aos outros no caso de dúvida ou... ou dificuldade. Os alunos saberem que têm essa liberdade de levantar-se e ajudar o colega. (pausa) Na minha opinião, tudo isto trata de organização do ambiente educativo. Em relação à minha prática aaaa (pausa) gostava de conseguir fazer com que o trabalho fosse em grupos e ao mesmo tempo ao ritmo de cada aluno. (risos) Isto são coisas que ainda não consigo ter noção porque efetivamente apenas estagiei, nunca geri uma... uma sala por mais de uma semana seguida. (pausa) Tenho a consciência de que será bem diferente... (risos). No entanto (pausa) quero também que as crianças participem, ou... ou propondo modificações ou ajudando a fazer as mesmas... as alterações.

Eu: Certo! Então e que aspetos pensa que irá ter em conta na organização do espaço físico?

Entrevistado: (pausa) Terei em conta ou tentarei ter (risos) aaa aspetos que promovam e favoreçam a autonomia e... e a liberdade de todas, a entreajuda e colaboração entre pares, trabalho em grupo, aprender brincando, sem regras estruturadas e impostas há anos. Aaaa para isso acho que o ponto fulcral é ouvir todas as crianças (pausa) só ouvindo aquilo que têm a dizer irei conseguir ir ao encontro das suas necessidades. Quando ouvimos as crianças ficamos com muito mais... mais ferramentas para conseguir proporcionar a todos uma aprendizagem mais significativa. Em termos práticos e para ser... ser (pausa) sincera, não sei bem o que isto significa a nível de organização do espaço físico... Penso que a liberdade de escolha naquilo que querem utilizar é importante, por isso ter os materiais sempre disponíveis e de fácil acesso. Outro aspeto de que ainda não falei é a criação de áreas, aaaa pouco estruturadas, mas ainda assim existentes para que as crianças consigam escolher aquilo que querem fazer.

Eu: E que aspetos pensa que podem aaa condicionar a aprendizagem? Tendo por base aaa a organização do espaço físico?

Entrevistado: Lá está o que já fui falando um pouco ao longo de toda a... a entrevista. Penso que o modo muito tradicional da aaa disposição da sala de aula, aquelas mesas todas muito alinhadas em... em filas os alunos sentados aos pares (risos) penso que isso já não devia ser uma opção nos dias de hoje, contudo, ainda é o mais (pausa) comum. Outros aspetos que também já mencionei, o não... não ter

contacto com espaço exterior, a disposição dos materiais na sala de aula. São aspetos que penso condicionarem a aprendizagem das crianças... falando agora um pouco de jardim de infância... (pausa) ter tudo acessível às crianças é muito (pausa) importante. Ter mais materiais que desenvolvam e estimulem as crianças mais novas em vez de ter imensos brinquedos inúteis aaa nas salas. estimular os 5 sentidos é importantíssimo nas primeiras idades e penso que não é dado o devido valor a este aspeto. (suspiro) Não sei, há coisas que lá está eu digo porque se calhar nunca exerci e as experiências que tenho, apesar de muitas (risos) nunca foram muito longas.

Eu: (risos) quando estiver a trabalhar, vai ter em conta a opinião das crianças para modificar coisas no espaço físico?

Entrevistado: (risos) Mais uma vez penso já ter falado neste ponto. Ouvir os alunos é fundamental para conseguir atender às suas necessidades porque se não soubermos o que eles precisam não conseguimos corresponder-lhes... assim, é... importante ouvi-los para que as adequações feitas no... no espaço sejam eficazes.

Eu: Ok! Qual pensa ser o impacto da pandemia nas aprendizagens? Falando-se aaa na reorganização que foi necessária.

Entrevistado: Acho que o impacto da pandemia aaaa a nível de jardim de infância e 1ºCEB foi (pausa) brutal. O ensino à distância foi um... um grande tiro no escuro. Falando das alterações que existiram a nível de organização do ambiente educativo acho que afetaram as crianças em diferentes dimensões. Na creche e jardim de infância penso que... o... o que mais foi sentido foi a ausência dos pais na instituição, as crianças serem deixadas à porta ao colo ou pela mão de uma educadora ou auxiliar (pausa) aaa não ajudou em nada à integração e ambientação nas instituições, dentro da sala de aula supostamente não era permitida a partilha de objetos entre crianças, contudo, essa partilha era inevitável e obviamente que existia (risos). No que ao 1º CEB diz respeito penso que a reorganização das mesas na sala, a não partilha de materiais e a distância entre os alunos penso que prejudicou muito a aprendizagem. Os alunos não podiam tocar-se aaa não podiam fazer atividades práticas, não podiam realizar experiências, não podiam trocar impressões, não... não podiam por as mãos na massa (risos) e é quando o fazem efetivamente aprendem.

Eu: Chegámos ao final, muito obrigada pela participação!

Entrevistado: Obrigada aaa e boa sorte (risos).

Entrevistado 5

Eu: Boa tarde, o tema do relatório final é “A influência da organização do ambiente educativo das salas de Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico na aprendizagem”. (pausa) Podemos começar?

Entrevistado: Estou pronta! (risos)

Eu: Gostaria de começar por questionar aaa qual é a sua formação académica?

Entrevistado: Bom... (risos) Penso que a minha formação seja mesmo a... a licenciatura em Educação Básica e agora o mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Eu: E qual o ano?

Entrevistado: Atualmente terminei o último ano do meu mestrado estando aaaa apenas dedicada ao meu relatório.

Eu: O que é para si o ambiente educativo?

Entrevistado: Uhm... (suspiro) Na minha opinião, o ambiente educativo é... O ambiente educativo poderá ser definido como tudo o que rodeia a criança, neste caso no Jardim de Infância e no 1º Ciclo... Este ambiente poderá dizer respeito ao espaço, materiais e tempo... (suspiro) Ambiente educativo será, portanto, a forma como estes poderão estar organizados de modo a permitir uma educação mais adequada e mais organizada. (risos).

Eu: Muito bem! Aaa considera o ambiente educativo importante para a aprendizagens? Acha que pode influenciar a... a aprendizagem?

Entrevistado: Penso que o ambiente educativo da sala está totalmente ligado à aprendizagem e que é um fator de extrema importância para a mesma. (pausa) Um exemplo desta... desta aprendizagem poderá ser, na minha opinião, aaaa a decoração das paredes da sala com materiais que permitam à criança observar e aprender, tendo mais acesso à informação pretendida. (pausa). A escolha dos materiais da sala são aaa fatores bastante importantes e deverão ser diversificados, (pausa) permitindo às crianças terem mais acesso a diversos materiais. (pausa) Também a disposição da sala poderá ser um fator (pausa) importante para a aprendizagem (suspiro) ou na verdade um fator aaaa limitador para a mesma. (pausa) Tanto o tempo como o espaço deverão ser extremamente pensados pelos docentes (pausa) e deverão sempre ser o mais...

mais flexíveis possíveis, com o intuito de adaptar o ambiente educativo às necessidades do grupo e do aluno, permitindo uma melhor aprendizagem (risos).

Eu: Que estratégias pensa usar aaa futuramente para organizar o espaço físico? O que pensa ter em... em conta?

Entrevistado: Bom (suspiro) inicialmente gostaria de trabalhar numa sala com um aaa espaço amplo e com paredes grandes (pausa) assim conseguiria decorar aaa com diversas informações, trabalhos realizados pelas crianças e (pausa) perdi-me no raciocínio (risos) mas de um modo geral, ter coladas informações que permitam que a criança consiga usar como auxílio na sua... na sua aprendizagem. Outro aspeto tão aaa importante na organização do ambiente educativo passa pela organização da disposição das mesas (pausa) por exemplo, no 1º Ciclo (pausa)... falo neste tópico porque, para além de constituírem uma importância tão... tão grande, causam-me certa dúvida em qual seja realmente a melhor forma de organização das mesmas (risos). Tanto o modelo tradicional, das mesas por filas e os alunos sentados dois a dois, como os modelos mais modernos aaa (pausa) por exemplo das mesas em “U”, me parecem ter prós e contras, tal como tudo (risos) Penso que o mais importante será mesmo ter materiais acessíveis a todos os alunos e ir adaptando a disposição das mesas da sala ao longo do tempo, tornando a mesma mais flexível e não seguindo sempre a mesma rotina. (pausa). Também espero utilizar bastante os espaços exteriores (suspiro) Penso que os mesmos não trazem nada além de benefícios no desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Eu: Muito bem. Aaaa então de que forma pensa ter em conta a organização do ambiente educativo da sala (pausa) aaa nas suas planificações?

Entrevistado: Penso que fui respondendo a esta questão anteriormente (pausa) porém penso que a flexibilidade seja o mais importante (risos) Flexibilidade a nível de materiais, de atividades, de organização da sala, disposição das mesas... (pausa).

Eu: E que aspetos pensa que irá ter em aaa conta em todo o processo de organização do espaço físico?

Entrevistado: Além da flexibilidade aaa penso e tentarei ter em conta as opiniões de cada criança ou aluno, de modo a tentar corresponder às... às necessidades de cada um (pausa) e, dessa forma, permitir que estejam mais à vontade para exporem as suas ideias e necessidades (pausa). Aaaa anteriormente referi aspetos relacionados com o primeiro ciclo (pausa) Aaaa agora, mais direcionado para o pré escolar, mas adaptando, igualmente, ao 1º ciclo (pausa) pretendo ter um espaço físico amplo que...

que permita a criação de diversas áreas, de forma a que as crianças tenham acesso a um leque enorme de escolha acerca do que querem fazer ou ao que querem brincar (pausa) Dessa forma, pretendo deixar sempre as crianças escolherem (pausa) para que área querem ir, não limitando o acesso à mesma a um número máximo de crianças (risos). Não sei se respondi na totalidade ao pretendido (risos).

Eu: (risos) Tudo bem! Que aspetos aaa considera que podem condicionar a aprendizagem? Aaa tendo por base o espaço físico e...e... e a sua organização.

Entrevistado: Grande parte dos aspetos que considero condicionarem a aprendizagem já fui falando (risos) Mas o não acesso fácil aos materiais (pausa) e não terem o espaço exterior à sua disposição serão os mais importantes.

Eu: Muito bem (pausa). Quando estiver no ativo aaaa a exercer, vai ter em conta as opiniões das crianças para as organizações ao espaço?

Entrevistado: Claro que sim (exclamação) a opinião das crianças e dos alunos ocupa a preocupação primordial que qualquer docente deve aaaa ter. (pausa) Através das mesmas conseguimos modificar a nossa prática e a nossa visão acerca de tantos assuntos (risos) como se costuma dizer, temos tanto a aprender com as crianças aaaa quanto elas connosco e se pedimos que nos ouçam e entendem (pausa) deveremos ser os primeiros a fazer o mesmo quando se trata da situação no inverso.

Eu: Em relação à pandemia que se faz sentir aaaa qual acha ser o impacto da mesma? Aaa tendo por base a reorganização do espaço imposta pela mesma?

Entrevistado: Certamente (suspiro) a pandemia afetou a vida de todas as pessoas, mas as crianças foram das que mais foram afetadas (pausa). O acesso a... a informações e uma aprendizagem presencial foi bastante condicionado (pausa). De repente, começaram a ter que se aaaa afastar dos colegas e amigos (pausa) tiveram que se adaptar, muitas vezes sem perceberem bem o porquê (pausa). Deixaram de conseguir partilhar os brinquedos e os materiais, começaram a criar rotinas de adaptação ao covid (suspiro) o que, na minha opinião, teve um impacto gigante.

Eu: Chegámos ao final, muito obrigada!

Entrevistado: Obrigada!

Anexo C - Análise das respostas de cada participante

Entrevistado 1

Tabela 8 - Análise de entrevista: entrevistado 1

Bloco Questões	Análise
<p>1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual a sua atividade profissional? Para além da docência desempenha mais alguma função na instituição? Qual? - Qual a sua formação académica? - Qual o seu percurso profissional? - Há quantos anos exerce a sua função? 	<ul style="list-style-type: none"> - Professor de 1º Ciclo do Ensino Básico, sem desempenhar mais nenhuma função na instituição. - Licenciatura em professores do Ensino Básico na variante de educação física. - Começou por lecionar educação física aos 2º e 3º ciclos e depois passou a lecionar no 1º Ciclo do Ensino Básico (à cerca de doze anos). - Exerce a sua função há vinte e dois anos.
<p>2</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que é para si o ambiente educativo? - Considera o ambiente educativo da sala importante para a aprendizagem? De que forma este poderá influenciar a aprendizagem? (Exemplos) 	<ul style="list-style-type: none"> - Para o entrevistado o ambiente educativo é a relação que se estabelece entre os intervenientes e o espaço onde se realizam as aprendizagens. - Considera o ambiente educativo da sala importante para a aprendizagem na medida em que se este for inadequado a aprendizagem poderá ficar comprometida. Pensa que a adoção de um bom ambiente educativo será um passo na efetividades das aprendizagens.
<p>3</p> <ul style="list-style-type: none"> -Que estratégias e recursos utiliza/ em que se baseou para organizar o ambiente educativo da sala? O que tem em conta? - De que forma tem em conta o ambiente educativo da sala e a sua respetiva organização nas suas planificações e no desenvolvimento da prática? (Exemplos) 	<ul style="list-style-type: none"> - A organização deriva da experiência e das vivências enquanto professor ao longo dos anos. Procura um ambiente onde se respeite para ser respeitado, onde os alunos sejam ouvidos e saibam ouvir. Quanto ao espaço, o entrevistado, tenta que seja agradável, distribuindo os alunos por nível para que se faça uma intervenção diferenciada. - Não planifica tendo em conta o ambiente educativo, mas sim os programas oficiais. - Vai ajustando o ambiente educativo de acordo com as indicações dadas pelos alunos.
<p>4</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que aspetos tem em conta no processo de organização do espaço físico? (Exemplos) - Que fatores considera que podem condicionar a aprendizagem tendo por base a organização do espaço físico? 	<ul style="list-style-type: none"> - Cria grupos de nível e relação entre os alunos - alunos com mais dificuldades próximos uns dos outros e alunos que têm bom relacionamento dentro e fora da sala juntos ou o contrário para atenuar diferenças entre eles. - Considera que caso o espaço não seja apelativo e agradável, os alunos sentir-se-ão desconfortáveis o que poderá repercutir-se nas suas aprendizagens.

<ul style="list-style-type: none"> - Com que regularidade modifica o ambiente da sala de forma a facilitar a aprendizagem? Quem propõe essas mudanças? - Refira algumas modificações que gostaria de introduzir no espaço e especifique de que forma poderia contribuir para a aprendizagem? 	<ul style="list-style-type: none"> - A sala é alterada sempre que a sua disposição, os pares e/ou grupos não estejam a funcionar na dinâmica exigida sendo que, geralmente, é o professor que sugere as alterações. - O entrevistado gostaria de ter uma sala mais aberta com espaços definidos - área das expressões, das TIC e das ciências experimentais.
<p>5</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual o impacto da pandemia nas aprendizagens, tendo em conta a reorganização do ambiente educativo imposta pela mesma? 	<ul style="list-style-type: none"> - Considera que existem efeitos negativos na medida em que se perdeu o controle sobre o impacto que as aulas estavam a ter nos alunos.
<p>6</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que outros contributos gostaria de acrescentar ao seu testemunho? 	<ul style="list-style-type: none"> - Nada a acrescentar.

Entrevistado 2

Tabela 9 - Análise de entrevista: entrevistado 2

Bloco Questões	Análise
<p>1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual a sua atividade profissional? Para além da docência desempenha mais alguma função na instituição? Qual? - Qual a sua formação académica? - Qual o seu percurso profissional? - Há quantos anos exerce a sua função? 	<ul style="list-style-type: none"> - Professora de 1º Ciclo do Ensino Básico. - Ocupa o cargo de coordenadora de estabelecimento. - Magistério primário, licenciatura em Educação Básica e mestrado em Supervisão e Orientação Pedagógica. - Professora num estabelecimento prisional, alfabetização de adultos, ensino regular, ensino especial. - Exerce a sua função há vinte e seis anos.
<p>2</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que é para si o ambiente educativo? - Considera o ambiente educativo da sala importante para a 	<ul style="list-style-type: none"> - A entrevistada considera o ambiente educativo aquilo que organizamos para propiciar a aprendizagem sendo que devemos propiciar um ambiente acolhedor em termos da disposição das mesas e cadeiras.

<p>aprendizagem? De que forma este poderá influenciar a aprendizagem? (Exemplos)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Refere que tudo o que fazemos na sala de aula pertence ao ambiente educativo, desde a disposição, os lugares, as atividades, os recursos que são utilizados. Considera que tem de ser acolhedor e confortável e não inibidor e constrangedor. - Segundo a professora, o ambiente educativo é aquele que propicia o conforto de todos na sua própria pele, a sua genuinidade, reforçando que só existe um bom ambiente educativo se forem tidas em conta todas as suas vertentes. - A professora considera esta dimensão importante sendo necessário que este seja acolhedor, confortável, rico, com diferentes estímulos e adequado às características dos alunos.
<p>3 -Que estratégias e recursos utiliza/ em que se baseou para organizar o ambiente educativo da sala? O que tem em conta? - De que forma tem em conta o ambiente educativo da sala e a sua respetiva organização nas suas planificações e no desenvolvimento da prática? (Exemplos)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Organização da sala em “U” para que se possa sentar no chão com os alunos, propiciando um momento mais próximo e acolhedor. - Colocar alunos sozinhos, tendo em conta as suas características e dificuldades. - Mesas de grupo de quatro/três alunos ou pares. - A entrevistada considera que o ambiente educativo da sala não é limitativo para trabalhar qualquer uma das áreas sendo, no entanto, refere ser necessária alguma reorganização em função das atividades que pretende fazer.
<p>4 - Que aspetos tem em conta no processo de organização do espaço físico? (Exemplos) - Que fatores considera que podem condicionar a aprendizagem tendo por base a organização do espaço físico? - Com que regularidade modifica o ambiente da sala de forma a facilitar a aprendizagem? Quem propõe essas mudanças? - Refira algumas modificações que gostaria de introduzir no espaço e especifique de que forma poderia contribuir para a aprendizagem?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Considera que o comportamento, dificuldades de aprendizagem, compatibilidades, feitios e animosidades são os principais aspetos que fazem reorganizar o espaço. - A entrevistada refere que os fatores anteriormente apresentados são os que podem condicionar a aprendizagem, no entanto refere ainda aqueles que são naturais das criança, referindo que o ambiente educativo é alheio a estes. - Os alunos participam, tendo tarefas, para além daquelas que propõem, adequadas à sua faixa etária, como forma de responsabilização. - A professora gostaria de ter uma sala maior, ter um espaço de atividades livres e um cantinho da leitura, sendo este último uma estratégias para ocupar os alunos que acabam as atividades proposta mais rapidamente. - Gostava, ainda, de ter mais possibilidades de mudar, considerando que a mudança é uma necessidade importante do nosso cérebro.

<p>5</p> <p>- Qual o impacto da pandemia nas aprendizagens, tendo em conta a reorganização do ambiente educativo imposta pela mesma?</p>	<p>- A entrevistada considera que não há impacto pois aquilo que está projetado não é real.</p>
<p>6</p> <p>- Que outros contributos gostaria de acrescentar ao seu testemunho?</p>	<p>- Nada a acrescentar.</p>

Entrevistado 3

Tabela 10 - Análise de entrevista: entrevistado 3

Bloco Questões	Análise
<p>1</p> <p>- Qual a sua atividade profissional? Para além da docência desempenha mais alguma função na instituição? Qual?</p> <p>- Qual a sua formação académica?</p> <p>- Qual o seu percurso profissional?</p> <p>- Há quantos anos exerce a sua função?</p>	<p>- Educadora de infância, sem desempenhar mais nenhuma função na instituição.</p> <p>- Bacharelato e licenciatura em Educação Básica.</p> <p>- Primeiro ano num projeto do Instituto do Emprego, trabalho numa IPSS em regime de internato, instituição particular em regime colaborativo - onde ficou quinze anos</p> <p>- trabalho em instituições públicas.</p> <p>- Exerce a sua função há vinte e cinco anos.</p>
<p>2</p> <p>- O que é para si o ambiente educativo?</p> <p>- Considera o ambiente educativo da sala importante para a aprendizagem? De que forma este poderá influenciar a aprendizagem? (Exemplos)</p>	<p>- A entrevistada refere que o ambiente educativo tem a parte física (como organizamos a sala com os materiais que temos, como jogamos com a luz, com o espaço) e o ambiente emocional que compreende as relações entre pares e com as colegas.</p> <p>- Considera o ambiente educativo importante para a aprendizagem, referindo que se o ambiente for estimulante, com cores bonitas, moveis novos e muitos jogos é mais cativante.</p> <p>- Refere que devem criar-se áreas que vão de encontro às necessidades e interesses das crianças, adaptando as propostas dadas pelas crianças.</p>

<p>3</p> <p>-Que estratégias e recursos utiliza/ em que se baseou para organizar o ambiente educativo da sala? O que tem em conta?</p> <p>- De que forma tem em conta o ambiente educativo da sala e a sua respetiva organização nas suas planificações e no desenvolvimento da prática? (Exemplos)</p>	<p>- Sugere criar um inventário das áreas para que as crianças compreendam o que podem fazer lá, adaptar as áreas às temáticas (por exemplo, no Halloween a casinha pode ser uma casa assombrada), potenciar o que se tem, criando-se mais experiências, construir recursos com materiais de desperdício e preencher as paredes.</p>
<p>4</p> <p>- Que aspetos tem em conta no processo de organização do espaço físico? (Exemplos)</p> <p>- Que fatores considera que podem condicionar a aprendizagem tendo por base a organização do espaço físico?</p> <p>- Com que regularidade modifica o ambiente da sala de forma a facilitar a aprendizagem? Quem propõe essas mudanças?</p> <p>- Refira algumas modificações que gostaria de introduzir no espaço e especifique de que forma poderia contribuir para a aprendizagem?</p>	<p>- A entrevistada não gosta de ter as coisas amontoadas e, por isso, opta por criar espaços mais amplos remodelando ou tirando um dos cantos para dar mais abertura a outros.</p> <p>- Colocar as mesas de trabalho perto das janelas.</p> <p>- Considera que salas muito estandardizadas e que nunca mudam e a área das salas podem condicionar a aprendizagem.</p> <p>- A educadora gostaria de ter salas mais amplas, considerando as salas dos centros escolares muito quadradas e redutoras, não permitindo alterações na planta.</p>
<p>5</p> <p>- Qual o impacto da pandemia nas aprendizagens, tendo em conta a reorganização do ambiente educativo imposta pela mesma?</p>	<p>- Para a entrevistada, o pior são as máscaras, que não permitem, à criança, fazer a leitura labial.</p> <p>- Reorganização a nível dos materiais, não tendo sempre os mesmos jogos disponíveis todos os dias.</p> <p>- Perderam-se muitos materiais, nas diferentes áreas.</p> <p>- De forma geral, a entrevistada considera que se perderam muitas experiências.</p>
<p>6</p> <p>- Que outros contributos gostaria de acrescentar ao seu testemunho?</p>	<p>- Nada a acrescentar.</p>

Entrevistado 4

Tabela 11 - Análise de entrevista: entrevistado 4

Bloco Questões	Análise
<p>1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual a sua formação académica? - Qual o seu ano académico? 	<ul style="list-style-type: none"> - Licenciatura em Educação Básica e Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. - No final do 2º ano do mestrado.
<p>2</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que é, para si, o ambiente educativo? - Considera o ambiente educativo importante para a aprendizagem? De que forma este poderá influenciar a aprendizagem? 	<ul style="list-style-type: none"> - A entrevistada considera que o ambiente educativo é o meio envolvente da criança onde se propõe aprender. - Considera que este é importante para a aprendizagem na medida que quando mais rico for maior será o desenvolvimento, referindo que se colocarmos as crianças numa sala vazia a sua aprendizagem não será a mesma do que se as colocarmos numa sala cheia de materiais diversificados. - Defende que este deve ser adaptado e adequado a cada grupo de crianças.
<p>3</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que estratégias pensa utilizar, futuramente, para organizar o ambiente educativo do espaço físico da sala? O que pensa ter em conta? - De que forma pensa ter em conta o ambiente educativo da sala e a sua respetiva organização nas suas planificações e no desenvolvimento da prática? 	<ul style="list-style-type: none"> - A entrevistada gostava de criar um ambiente dentro da sala onde as crianças se sentissem bem, que fosse acolhedor e facilitador de boas aprendizagens. - Gostaria de contrariar a dinâmica tradicional de disposição de mesas e cadeiras, existindo espaço no chão para que se pudessem sentar e partilhar ideias. - Pretende criar um ambiente educativo que proporcione liberdade de escolha, autonomia e participação.
<p>4</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que aspetos pensa que irá ter em conta no processo de organização do espaço físico? É possível dar exemplos? - Que aspetos considera que podem condicionar a aprendizagem tendo por base a organização do espaço físico? - Quando estiver no ativo, vai ter em conta a opinião das crianças/alunos para modificar aspetos do espaço físico? Porquê? 	<ul style="list-style-type: none"> - Pensa ter em conta aspetos que favoreçam a autonomia, a liberdade, a entreaajuda e a colaboração em pares ou grupos. - Pretende criar áreas pouco estruturadas. - A entrevistada considera que o modo tradicional de organização da sala condiciona a aprendizagem. - Considera fundamental ouvir as crianças para conseguir atender às suas necessidades e adequar tudo o que for necessário.

<p>5</p> <p>- Qual o impacto da pandemia nas aprendizagens, tendo em conta a reorganização do ambiente educativo imposta pela mesma?</p>	<p>- Considera que a reorganização das mesas na sala, a não partilha de recursos, o facto de não se poderem tocar e não podem realizar experiências práticas prejudicou a aprendizagem, referindo que quando o fazem é quando efetivamente aprendem.</p>
<p>6</p> <p>- Que outros contributos gostaria de acrescentar ao seu testemunho?</p>	<p>- Nada a acrescentar.</p>

Entrevistado 5

Tabela 12 - Análise de entrevista: entrevistado 5

Bloco Questões	Análise
<p>1</p> <p>- Qual a sua formação académica? - Qual o seu ano académico?</p>	<p>- Licenciatura em Educação Básica e Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. - No final do 2º ano do mestrado.</p>
<p>2</p> <p>- O que é, para si, o ambiente educativo? - Considera o ambiente educativo importante para a aprendizagem? De que forma este poderá influenciar a aprendizagem?</p>	<p>- A entrevistada considera que o ambiente educativo pode ser definido como tudo o que rodeia a criança referindo, ainda, que poderá dizer respeito ao espaço, materiais e tempo. - Refere que este está totalmente ligado à aprendizagem sendo necessário ter atenção a aspetos como a decoração das paredes, a escolha dos materiais, a disposição da sala e a forma como o tempo é organizado, devendo ser flexível.</p>
<p>3</p> <p>- Que estratégias pensa utilizar, futuramente, para organizar o ambiente educativo do espaço físico da sala? O que pensa ter em conta? - De que forma pensa ter em conta o ambiente educativo da sala e a sua respetiva organização nas suas planificações e no desenvolvimento da prática?</p>	<p>- Gostaria de decorar as paredes com diversas informações e trabalhos realizados pelas crianças. - Refere os modelos tradicional e em “U” de organização das mesas e cadeiras, no entanto, considera que o mais importante é ir adaptando ao longo do tempo, tonando-se flexível e contrariando a rotina. - Considera a flexibilidade o mais importante.</p>

<p>4</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que aspetos pensa que irá ter em conta no processo de organização do espaço físico? É possível dar exemplos? - Que aspetos considera que podem condicionar a aprendizagem tendo por base a organização do espaço físico? - Quando estiver no ativo, vai ter em conta a opinião das crianças/alunos para modificar aspetos do espaço físico? Porquê? 	<ul style="list-style-type: none"> - Além da flexibilidade, pensa ter em conta as opiniões das crianças ou alunos para corresponder às suas necessidades. - Ambiciona criar diversas áreas para que as crianças tenham mais opções de escolha, não as limitando a um número pré-estabelecido por área. - Considera que o pouco acesso aos materiais e a falta de um espaço exterior podem condicionar a aprendizagem. - Refere que a opinião das crianças e dos alunos deve ser uma preocupação primordial de qualquer docente.
<p>5</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual o impacto da pandemia nas aprendizagens, tendo em conta a reorganização do ambiente educativo imposta pela mesma? 	<ul style="list-style-type: none"> - A não partilha de brinquedos e materiais e a adaptação da rotina ao covid são os principais condicionantes de aprendizagem apontados.
<p>6</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que outros contributos gostaria de acrescentar ao seu testemunho? 	<ul style="list-style-type: none"> - Nada a acrescentar.

Anexo D - Análise das respostas dos participantes

Tabela 13 - Análise de conteúdo.

Categorização	Codificação		
Dimensões do ambiente educativo	Unidade de registo	Frequência	Unidade de contexto
	Meio envolvente	2	“(...) para mim é a relação que se estabelece entre os intervenientes (suspiro), os professores, alunos, família... e o espaço onde as aprendizagens são realizadas.” E1
	Parte emocional	1	“(...) o ambiente educativo é o ambiente que nós organizamos para propiciar a aprendizagem (...) tudo o que fazes na sala pertence ao ambiente educativo desde a organização espacial aaa desde a disposição, os lugares se estão sozinhos se estão acompanhados, desde as atividades que tu utilizas ou o quadro de giz só... se utilizas quadro interativo se utilizas... fazes materiais... fazes atividades digitais (pausa) se... se (pausa) utilizas música se utilizas... fazes expressão plástica tudo isto faz parte do ambiente educativo mas basicamente ambiente educativo é o local onde ocorre a aprendizagem (...)” E2
	Espaço	5	“(...) tem duas vertentes (...) uma que é mais a parte física, a parte logística não é? Como tu organizas a sala com os materiais que tens (...) também há o outro ambiente (...) o ambiente emocional.” E3
	Relação entre intervenientes	1	“(...) é tudo aquilo que se encontra no meio envolvente ao espaço da criança (...) Penso que quando se fala em ambiente educativo aaaa fala-se no espaço onde se encontra inserida a... a criança (...)” E4
	Materiais/recursos	2	“(...) poderá ser definido como tudo o que rodeia a criança (...) poderá dizer respeito ao espaço, materiais e tempo (...)” E5
	Tempo	1	
	Atividades	1	

Influência do espaço físico na aprendizagem	Ambiente estimulante	3	“(…) seja pela inadequação do espaço como... (pausa) sala pouco espaçosa para o número de alunos, sala pouco acolhedora, sala com mobiliário desadequado à faixa etária... (pausa) seja pelo comportamento dos intervenientes (pausa) se o professor não estabelece relações de confiança com os alunos ou... ou se os alunos revelam comportamento desajustados (...)” E1
	Cor	1	“Sim, sim... aaaa acho que sem um ambiente, portanto, da sala propicio, acolhedor, confortável, adequado às características dos...dos alunos não é? Sem um ambiente rico, com diferentes estímulos, qb., aaaa a aprendizagem poderia ficar (pausa) comprometida... (...) o facto de estar tudo desajustado, portanto, às características, o facto de existir uma organização do mobiliário de forma...desigual, digamos assim que não... não permita a todos os alunos ver o quadro...realizar trabalhos, tanto individuais (pausa) como de grupo, não é? Pode ser também pela falta de elementos apelativos nas... nas paredes, a falta de informação portanto nas... (pausa) nas mesmas.” E2
	Adequação / adaptação do espaço	4	“(…) É sempre importante aaaa. De que forma? Então se tu tiveres um ambiente estimulante, não é? Que aaaa à primeira vista aaaa desde que tenha aaaa cores bonitas desde que tenha moveis novos aaaa muitos jogos, mais recursos que sejam, pronto, tudo isso cativa não é? (...)” E3
	Adequação / adaptação às características do grupo	2	“(…) É sempre importante para a aprendizagem. (...) tem de ser... aaa ser composto por diversos recursos. Quanto mais rico for maior será o desenvolvimento e aprendizagem das... das crianças. (...) tem de ser adaptado e adequado a cada grupo (...)” E4
	Disposição da sala	2	“(…) o ambiente educativo da sala está totalmente ligado à aprendizagem e que é um fator de extrema importância (...) a decoração das paredes da sala com materiais que permitam à criança observar e aprender, tendo mais acesso à informação pretendida. (pausa). A escolha dos materiais da sala são aaa fatores
	Materiais/recursos	3	

	Flexibilidade	1	bastante importantes e deverão ser diversificados (...) a disposição da sala poderá ser um fator (pausa) importante para a aprendizagem (suspiro) ou na verdade um fator aaaa limitador para a mesma. (pausa) Tanto o tempo como o espaço deverão ser extremamente pensados pelos docentes (...) e deverão sempre ser o mais... mais flexíveis possíveis, com o intuito de adaptar o ambiente educativo às necessidades do grupo e do aluno, permitindo uma melhor aprendizagem (risos). (...)" E5
Estratégias de organização do espaço físico	Adaptar para responder às necessidades do grupo	2	"(...) deriva da minha vivência e experiência enquanto professor ao longo dos anos. (...) Quanto ao espaço, tento que o mesmo seja agradável e que faça os alunos sentirem-se bem (o que nem sempre é possível, devido ao mobiliário e às características da sala). Distribuo os alunos por grupos de nível, para poder ter uma... uma intervenção diferenciada. Tenho em conta as características dos... (suspiro) dos alunos e o espaço." E1
	Características do espaço	3	"(...) a disposição das mesas em "u" em "u" virado... é... é um "u" invertido assim que é para eu ficar... para ter um espaço central para me sentar no chão em almofadas com eles haver um momento mais acolhedor, mais próximo (...) aaa porque eu consigo ir gerir assim andar por ali só que tive de mudar alguns daqui para ali daqui para ali porque faziam ou... ou determinados vícios com os coleguinhas que já traziam do Jardim de infância ou porque aquilo não funcionava em termos de conversa... uns atrapalham os outros... depois à medida que eles começam a desenvolver-se e mostrar que tem dificuldades há... houve necessidade de colocar alguns sozinhos (pausa) e depois aaa ao colocar alguns sozinhos eu também não conseguia ter 24 assim... a sala é pequena eu estou habituada... estava habituada na escola anterior onde eu trabalhei as salas são maiores, eu consigo ter 24 assim (pausa) ali não consigo... (...) fomos para casa e destabilizei aquilo tudo e pus aquilo com mesas... mesas de grupo 4... de 4 mesas... mesas com dois com grupos de 2 mesas com 2 ou com 3 e alguns virados para a frente só com 2 pronto. (...) há necessidade mesmo de ter ainda mais do que eu tinha este ano sozinhos (pausa) isto face aos resultados que eles agora apresentaram e às
	Inventário de zonas	1	

	Experiência	1	dificuldades que eles estão a ter e depois problema da concentração se tem dificuldade e depois não conseguem estar concentrados pelo menos sozinhos e à frente a... a estamos mais em cima deles para os manter focados e concentrados atividades, pronto! (...) alguns deles são os comportamentos, dificuldades de aprendizagem e compatibilidades de... aaaa feitos ou de animosidades (...) Portanto, tem a ver basicamente com isto comportamentos, conversa distração e dificuldades de aprendizagem. Isto é que nos faz reorganizar o espaço.” E2
	Acolhedor / confortável / agradável	2	“(...) Tu organizas a tua sala e gostas de ter esta área e aquela e aquela, pronto, mas aquelas áreas não têm de ser estanques, não é? Se tu vires que os interesses deles se movem noutra direção ou que até há alguma proposta de algum trabalho gira, de algum projeto engraçado tu podes adaptar aquela área para ir de encontro e dar resposta aquela proposta. (...) ou ali na altura do... do, sei lá, do Halloween ou na altura do Natal, ou um outro, lembrei-me do Halloween por um tema, pronto, a casinha pode ser por exemplo uma casa assombrada e tu podes criar com eles decorações para transformar a casinha numa casa assombrada ou num castelo das bruxas, ou pronto, sei lá. Ou então até começam a falar, agora falamos tanto da saúde de... de mais da área da saúde, podes criar ali um hospital de bonecos, podes criar um consultório médico, podes tentar gerir o teu espaço de faz de conta para ir de encontro ao tema ou aos interesses deles ou até ao tema que tu queres abordar (...) Outra estratégia, por exemplo, quando, e que é para eles se conhecerem melhor e para se interessarem mais por todas as áreas, que às vezes há áreas que eles gostam mais do que outras, em detrimento umas das outras, mas para tu tentares que eles se interessem mais, uma coisa que eu... que eu que eu aprendi e... e que foi uma experiência que troquei com, numa ação de formação que fiz, fazer um inventário das zonas, das zonas das áreas que tens na sala, logo no início, não é? Podes criar tipo um cartaz, sei lá, área do... do das construções, o que é que há? Vamos fazer um inventário para ver o que é que há. (...) Ou o que é que podemos
	Características das crianças/alunos	2	
	Disposição do mobiliário	2	

	Áreas	2	<p>lá fazer? (...) em salas com pouca luz tento ter as mesas em que eles estão a desenhar ou estão a (a)... as mesas de trabalho mais perto lá da janela (...)” E3</p> <p>“(...) gostava de conseguir criar um aaa ambiente educativo dentro da sala em que as crianças se sentissem bem. Um sítio onde gostavam de estar, que fosse acolhedor e que ao mesmo tempo facilitador de boas aprendizagens. Aaaa gostaria de mudar a dinâmica tradicional da disposição das mesas na sala, gostaria que fosse possível que os alunos se sentassem em roda (pausa) no chão, que houvesse momentos de partilha entre todos. (...) aspetos que promovam e favoreçam a autonomia e... e a liberdade de todas, a entreaajuda e colaboração entre pares, trabalho em grupo (...) penso que a liberdade de escolha naquilo que querem utilizar é importante, por isso ter os materiais sempre disponíveis e de fácil acesso. Outro aspeto de que ainda não falei é a criação de áreas, aaaa pouco estruturadas, mas ainda assim existentes para que as crianças consigam escolher aquilo que querem fazer.” E4</p>
	Flexibilidade	1	
	Paredes	1	<p>“(...) decorar aaa com diversas informações, trabalhos realizados pelas crianças e (pausa) perdi-me no raciocínio (risos) mas de um modo geral, ter coladas informações que permitam que a criança consiga usar como auxílio na sua... na sua aprendizagem. (...) Tanto o modelo tradicional, das mesas por filas e os alunos sentados dois a dois, como os modelos mais modernos aaa (pausa) por exemplo das mesas em “U”, me parecem ter prós e contras, tal como tudo (risos) Penso que o mais importante será mesmo ter materiais acessíveis a todos os alunos e ir adaptando a disposição das mesas da sala ao longo do tempo, tornando a mesma mais flexível e não seguindo sempre a mesma rotina. (...) penso e tentarei ter em conta as opiniões de cada criança ou aluno, de modo a tentar corresponder às... às necessidades de cada um (...) um espaço físico amplo que... que permita a criação de diversas áreas, de forma a que as crianças tenham acesso a um leque enorme de escolha acerca do que querem fazer ou ao que querem brincar (pausa) Dessa forma, pretendo deixar sempre as crianças escolherem (pausa) para que área querem ir, não limitando o acesso à mesma a um número máximo de crianças (risos). Não sei se respondi na totalidade ao pretendido (risos). (...)” E5</p>

Fatores condicionantes	Acolhedor / confortável / agradável	1	“(...) se o espaço físico não for agradável e... e apelativo para os alunos estes não se sentirão confortáveis o que se pode repercutir nas suas aprendizagens (suspiro).” E1
	Espaço	1	“(...) eu não gosto de ter tudo muito muito em cima umas coisas das outras, gosto de criar alguns espaços mais amplos, é preferível...eu prefiro aaaa remodelar a sala e tirar um cantinho ou dar mais abertura a uma parte do que outra do que ter tudo logo muito de início, muito estandardizado e que nunca muda, percebes? Prefiro ir aaaa mudando as coisas, até porque ao mudar eles também se interessam mais e... e criam mais interesse por aquela área porque há ali coisas novas que lhe despertam algum interesse. (...) eles também perceberem o que é que podem fazer ali, como eu já te disse. Aaaa, negociar com eles que espaços é que vamos abrir ou o que é que vamos mudar (...)” E3
	Disposição do mobiliário	1	
	Participação das crianças/alunos	2	
	Flexibilidade	1	
	Falta de compreensão dos espaços/áreas	1	“(...) Penso que o modo muito tradicional da aaa disposição da sala de aula, aquelas mesas todas muito alinhadas em... em filas os alunos sentados aos pares (risos) penso que isso já não devia ser uma opção nos dias de hoje, contudo, ainda é o mais (pausa) comum. (...) Ouvir os alunos é fundamental para conseguir atender às suas necessidades porque se não soubermos o que eles precisam não conseguimos corresponder-lhes... assim, é... importante ouvi-los para que as adequações feitas no... no espaço sejam eficazes. (...)” E4
Práticas ou modificações que propiciariam a aprendizagem	Espaço útil da sala	3	“Gostaria de ter uma sala mais... mais aberta, com espaços definidos para as áreas das expressões (pausa) plástica e artística, de TIC e das... das ciências experimentais. Penso que estas alterações iriam certamente contribuir para um ambiente mais promotor de aprendizagens (pausa) e que de certa forma, poderiam permitir (pausa) os alunos serem mais promotores da sua própria... própria aprendizagem.” E1

	Criação de diferentes áreas	2	<p>“(...) ser maior e ter um espaço de atividades livres para nos sentarmos, que tivesse plenamente sempre como há no Jardim de infância aaa tapete grande para nós sairmos dos lugares e nos sentarmos no chão (...)” E2</p> <p>“(...) e assim noto que é sempre aquela planta muito redutora daquela sala quadrangular que vamos tendo mais alguns moveis e mais alguns jogos mas depois temos mesmo que tirar e por coisas porque não se consegue, são salas muito pequenas e ai é impossível de mudar, porque é uma estrutura fixa (...)” E3</p>
Participação das crianças/alunos na organização do espaço físico	Propostas/opiniões	3	<p>“(...) Sim eu ponho-os a participar nessas coisas, sim... eu acho eles... eles têm tarefas deles, como tu sabes, distribuía os manuais deles eles distribuía os cadernos deles... é uma forma de responsabilização (...) E depois as outras tarefas que não seja nada excessivo para eles ai também vamos desarrumar a mesa vamos puxar para aqui eles também colaboram nessas coisinhas todas... é tudo compatível com... com a idade e com a capacidade deles nada de mais.” E2</p>
	Adaptação à faixa etária	1	<p>“(...) Aaaa, negociar com eles que espaços é que vamos abrir ou o que é que vamos mudar (...) Se tu vires que os interesses deles se movem noutra direção ou que até há alguma proposta de algum trabalho gira, de algum projeto engraçado tu podes adaptar aquela área para ir de encontro e dar resposta aquela proposta. (...)” E3</p>
	Forma de responsabilização	1	<p>“(...) No entanto... (pausa) quero também que as crianças participem, ou... ou propondo modificações ou ajudando a fazer as mesmas... as alterações.” E4</p> <p>“(...) penso e tentarei ter em conta as opiniões de cada criança ou aluno, de modo a tentar corresponder às... às necessidades de cada um (...) a opinião das crianças e dos alunos ocupa a preocupação primordial que qualquer docente deve aaaa ter.” E5</p>

Impacto da pandemia	Utopia do projetado	1	“(...) aquilo que está, teoricamente, projetado distanciamento de um metro e meio não é real porque nós não temos 1 m e meio de distanciamento para dar às crianças e mesmo que tivéssemos, que não temos, eles nestas idades não conseguem fazer isso. (...) Nós no início quando temos um plano de contingência, foi o que aconteceu neste ano, começamos por fazer essas coisas separar as mesas de maneira aaaa, mas isso quando se começa a trabalhar isso vai tudo ao ar (...)” E2
	Valorização do espaço exterior	1	“(...) é sempre difícil de perceber mas acredito que se perderam muitas experiências (...) Valorizámos muito o espaço exterior (...)” E3 “(...) dentro da sala de aula supostamente não era permitida a partilha de objetos entre crianças, contudo, essa partilha era inevitável e obviamente que existia (risos).” E4